



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PAULO HENRIQUE ROSEGHINI DOS SANTOS

**A “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO
BRASIL PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882 A 1971)**

**Dourados – MS
2020**

PAULO HENRIQUE ROSEGHINI DOS SANTOS

**A “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO
BRASIL PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882 A 1971)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre, sob orientação da professora doutora Kênia Hilda Moreira.

**Dourados – MS
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S237" Santos, Paulo Henrique Roseghini Dos
A "GUERRA DO PARAGUAI" NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL
PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882 A 1971) [recurso eletrônico] / Paulo Henrique Roseghini
Dos Santos. -- 2020.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Kênia Hilda Moreira.
Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. "Guerra do Paraguai". 2. Livro didático. 3. História da Educação. I. Moreira, Kênia Hilda. II.
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo autor.

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

PAULO HENRIQUE ROSEGHINI DOS SANTOS

**A “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO
BRASIL PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882 A 1971)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: História da Educação, Memória e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Kênia Hilda Moreira
Presidente da mesa e orientadora
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Prof. Dr. Paolo Bianchini
Examinador externo
Universidade de Turim – Itália (UNITO)

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Brazil
Examinadora interna
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

**Dourados – MS
2020**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Eduarda e Henrique, e a todos os professores que passaram por minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre se torna difícil quando tantas pessoas e ações contribuíram para a produção deste trabalho. Sou extremamente grato a Deus, pois foi uma das minhas fortalezas quando eu não acreditei que seria possível.

Agradeço a minha família, em especial meu pai Henrique Antônio dos Santos e minha mãe Eduarda Aparecida Roseghini dos Santos, pois mesmo sem terem estudado não mediram esforços para que eu desse esse passo em prosseguimento dos meus estudos. Agradeço também minhas irmãs Fabi e Alice, e toda minha família.

Aos amigos que a vida me proporcionou, em especial Katrini e Karine que sempre foram grandes parceiras nessa caminhada, obrigado pelo apoio e carinho. Também estendo os agradecimentos ao Marlon, João Antônio, Bia e Jamilton. Não posso esquecer da Jéssica Alves Tropaldi, Kelly Cristhiane e Aline Banacheski, amigas que o curso de História me proporcionou.

Sou Grato a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), à Faculdade de Educação (FAED), a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) pelo incentivo financeiro. Agradeço aos professores deste curso que compartilharam seus conhecimentos, pois sem tais discussões não seria possível à construção desta dissertação, em especial a Professora Kênia Hilda Moreira, Professora Aline Maira, Professora Rosimeire Ziliani, Professora Eurize Caldas Pessanha, Professora Alessandra Furtado e Professora Giselle Real. Destaco também a importância da secretária do programa, Valquíria, obrigado por sempre estar disposta a nos ajudar.

Meus agradecimentos também se estendem aos colegas que ingressaram ao Programa de Pós-Graduação, no ano de 2018/1. Especialmente, agradeço aos amigos: Sabrina Sander e Daiane de Freitas Galvão, e aos colegas da linha de História da Educação, Memória e Sociedade. Todos os nossos encontros e momentos além do mestrado foram essenciais.

Sou grato a minha orientadora Kênia Hilda Moreira, pelo apoio e orientação em toda a minha trajetória dentro da Pós-Graduação, seu apoio foi fundamental. Professora Kênia, com você aprendi a persistir, mesmo querendo desistir de tudo ou me sentindo incapaz. Obrigado!!!

Agradeço a minha amiga Sabrina Gabriele Sander, pelo apoio emocional, por tantos puxões de orelha e parceria. Tenho certeza que este ciclo não seria o mesmo sem você, muito obrigado por tudo.

Obrigado aos colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Escritas – NEPCE/UFGD, todas as discussões e contribuições enriqueceram este trabalho.

Durante o processo de busca das fontes a equipe da Biblioteca de Livros Escolares da USP - LIVRES, também se tornou importante, aqui ficam os meus agradecimentos pela compreensão e acolhimento.

Também agradeço ao professor Dr. Paolo Bianchini, que é responsável pelo Programa de livros didáticos denominado Edisco, na Universidade de Turim - Itália e a professora Dr^a. Maria do Carmo Brazil pelas contribuições acerca da “Guerra do Paraguai”, sendo referência com sua obra Rio Paraguai o “Mar interno” Brasileiro (2014), que compuseram minha banca de qualificação e deram importantes colaborações para a construção deste trabalho.

SONHOS GUARANIS

Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos guaranis
Por campos e serras a história enterra uma só raiz
Que aflora nas emoções e o tempo faz cicatriz
Em mil canções lembrando o que não se diz
Mato Grosso espera, esquecer quisera o som dos fuzis
Se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país
Amante das tradições de que me fiz aprendiz
Por mil paixões podendo morrer feliz
Cego é o coração que trai
Aquela voz primeira que de dentro sai
E às vezes me deixa assim
Ao revelar que eu vim
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai
E às vezes me deixa assim
Ao revelar que eu vim
Da fronteira onde o Brasil foi Paraguai

Almir Sater, Paulo Simões (1982)
(Áudio disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iZeuc9gn_0k)

SANTOS, Paulo Henrique Roseghini dos. *A “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882 A 1971)*. Orientadora: Kênia Hilda Moreira. 2020. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2020.

RESUMO

Objetivamos discutir as mudanças e permanências do conteúdo “Guerra do Paraguai” nos livros didáticos de História. Tal proposta faz parte das pesquisas realizadas na linha de “História da Educação, Memória e Sociedade” do Programa (PPGEdu), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Diante das análises percebemos a necessidade de pesquisas desta temática na área da história da educação. Para tanto, propomos um recorte temporal entre os anos de 1882 a 1971, recorte que está entre o primeiro aparecimento da guerra enquanto conteúdo escolar, no programa curricular de 1882, até a lei 5962/1971, de acordo com as fontes selecionadas. A pesquisa foi realizada com livros didáticos de História do Brasil, bem como com os programas Curriculares de História do Brasil. Identificar e analisar as mudanças e permanências desse conteúdo nos livros didáticos de História do Brasil, destinados ao ensino secundário, foi o nosso objetivo principal. Ao realizar o processo de levantamento, identificação e seleção das fontes, obtivemos um *corpus* de 18 livros didáticos. É importante salientarmos que o contexto em que estava inserido cada autor teve grande influência na organização e produção desses materiais, uma vez que, os ideais republicanos, católicos ou militarista, influenciaram na disposição em que a “guerra do Paraguai” foi apresentada por cada autor. Uma das primeiras constatações é que a “guerra do Paraguai” enquanto conteúdo, aparece nos programas de ensino no ano de 1882, na disciplina de *“Historia e Chorographia do Brazil”* tendo como indicação o livro “Lições de História do Brasil” do Dr. Mattoso Maia. Quanto a nomenclatura dada ao conteúdo, poucas variações são encontradas, uma vez que identificamos “Guerra do Paraguai”, “Guerra contra o Ditador do Paraguai” e “Luta contra o Paraguai”. Da mesma forma se deu nos programas de ensino para a escola secundária brasileira, que sempre dispõem o conteúdo como “Guerra do Paraguai”. No processo de análise percebemos que a construção da imagem de Solano Lopez como um grande ditador, o “arquiteto” do conflito. Notamos que as permanências, mesmo que sutis, contribuem para compreendermos as transformações acerca do conteúdo nos livros. Identificamos os livros didáticos quanto o cunho militarista. As várias reformas no Ensino Secundário Brasileiro, contribuem para as mudanças dos conteúdos aqui analisados, dando sustentação para identificarmos as nuances que os fatos históricos trouxeram para a educação e para a escola.

Palavras chave: “Guerra do Paraguai”. Livro didático. História da Educação.

ABSTRACT

We aim to discuss the changes and permanence of the “Guerra do Paraguay” content in the history textbooks. This proposal is part of the research carried out in the “History of Education, Memory and Society” line of the Program (PPGEdu), from the Federal University of Grande Dourados (UFGD). In view of the analyzes, we realized the need for research on this topic in the area of the history of education. To this end, we propose a time frame between the years 1882 to 1971, which is between the first appearance of war as a school content, in the curriculum of 1882, up to law 5962/1971, according to the selected sources. The research was carried out with textbooks on the history of Brazil, as well as with the History of Brazil curriculum. Our main objective was to identify and analyze the changes and permanence of this content in the History of Brazil textbooks for secondary education. By carrying out the process of surveying, identifying and selecting sources, we obtained a corpus of 18 textbooks. It is important to note that the context in which each author was inserted had a great influence on the organization and production of these materials, since the republican, catholic or militarist ideals influenced the disposition in which the “Paraguay war” was presented by each author. One of the first findings is that the “war of Paraguay” as content, appears in teaching programs in the year 1882, in the discipline of “Historia e Chorographia do Brazil” with the indication of the book “Lições de História do Brasil” by Dr. Mattoso Maia. As for the nomenclature given to the content, few variations are found, since we identified “War of Paraguay”, “War against the Dictator of Paraguay” and “Fight against Paraguay”. In the same way it happened in the teaching programs for the Brazilian secondary school, which always have the content as “Guerra do Paraguay”. In the process of analysis we realized that the construction of Solano Lopez's image as a great dictator, the “architect” of the conflict. We note that permanences, even if subtle, contribute to understanding changes in the content of books. We identified the textbooks as militaristic. The various reforms in Brazilian Secondary Education contribute to the changes in the content analyzed here, providing support for identifying the nuances that historical facts have brought to education and to school.

Keywords: Textbook. “Paraguayan War”. History of Education

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1. Contracapa Lições de História do Brasil (1886) | 31 |
| FIGURA 2. Capa Lições de História do Brasil (1908) | 31 |
| FIGURA 3. Capa História do Brasil de Rocha Pombo (1918)..... | 32 |
| FIGURA 4. Capa História do Brasil de Rocha Pombo (1960)..... | 32 |
| FIGURA 5. Contracapa História do Brasil, Ribeiro (1928)..... | 34 |
| FIGURA 6. Contracapa História do Brasil, Ribeiro (1954)..... | 34 |
| FIGURA 7. Capa História do Brasil, Ribeiro (1966)..... | 34 |
| FIGURA 8. Capa História do Brasil de Jonathas Serrano (1931)..... | 35 |
| FIGURA 9. Capa Epítome de História do Brasil de Jonathas Serrano (1941)..... | 35 |
| FIGURA 10. Contracapa História do Brasil de Jonathas Serrano (1968)..... | 35 |
| FIGURA 11. Contracapa do Livro de Veiga Cabral..... | 38 |
| FIGURA 12. Capa História do Brasil de Magalhães..... | 39 |
| FIGURA 13. Capa História do Brasil, Joaquim Silva, (1944)..... | 40 |
| FIGURA 14. Capa História do Brasil, Joaquim Silva, (1959)..... | 40 |
| FIGURA 15. Capa História do Brasil, Joaquim Silva (1969)..... | 40 |
| FIGURA 16. Capa História do Brasil, Borges Hermida (1956)..... | 42 |
| FIGURA 17. Capa História do Brasil, Borges Hermida (1957)..... | 42 |
| FIGURA 18. Capa História do Brasil, Volume II Helio Vianna (1962)..... | 43 |
| FIGURA 19. Francisco Solano López, Rocha Pombo (1958)..... | 56 |
| FIGURA 20. Batalha do Riachuelo de Vitor Meireles..... | 82 |
| FIGURA 21. Batalha do Riachuelo..... | 84 |
| FIGURA 22. Almirante Barroso..... | 85 |
| FIGURA 23. Mapa da Batalha do Riachuelo..... | 85 |
| FIGURA 24. Barroso..... | 88 |

| | |
|--|----|
| FIGURA 25. Mapa da Campanha Naval..... | 90 |
| FIGURA 26. Barroso (1804-1882)..... | 91 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| QUADRO 1. Produções acadêmicas localizadas sobre “Guerra do Paraguai Livro Didático..... | 18 |
| QUADRO 2. O conteúdo “Guerra do Paraguai” nos programas do Ensino Secundário..... | 25 |
| QUADRO 3. Livros didáticos analisados pelos pesquisadores da “Guerra do Paraguai” | 26 |
| QUADRO 4. Livros didáticos de História do Brasil Localizados no LADHEME..... | 27 |
| QUADRO 5. Livros didáticos localizados na Biblioteca de Livros Escolares (LIVRES) | 28 |
| QUADRO 6. Livros Didáticos selecionados para a pesquisas..... | 29 |
| QUADRO 7. Indicação do conteúdo "Guerra do Paraguai" nos programas para o Ensino Secundário..... | 46 |
| QUADRO 8. Proporção do conteúdo em relação a obra toda e a outros conteúdos..... | 47 |
| QUADRO 9. Proporção de imagens em relação a obra toda..... | 50 |
| QUADRO 10. Terminologias da Guerra nos livros didáticos selecionados..... | 70 |
| QUADRO 11. A representação de Solano Lopez nos livros didáticos..... | 78 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| 1 “OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA PESQUISA”: PROCEDIMENTOS DE LOCALIZAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DAS FONTES | 24 |
| 1.1 Procedimentos de localização, acesso e seleção das fontes..... | 24 |
| 1.2 Apresentação do Corpus Documental..... | 30 |
| 1.2.1 <i>Lições de História do Brasil</i> (1886,1908), de Luis de Queirós Mattoso Maia..... | 30 |
| 1.2.2 <i>História do Brasil</i> (1918, 1958 e 1960), de Rocha Pombo..... | 32 |
| 1.2.3 <i>História do Brasil – Curso Superior</i> (1928, 1954 e 1966), de João Ribeiro..... | 34 |
| 1.2.4 <i>História do Brasil</i> (1931) e <i>Epítome de História do Brasil</i> (1941), de Jonathas Serrano..... | 35 |
| 1.2.5 <i>Historia do Brasil – Curso Superior</i> (1940), de Mario Vasconcellos da Veiga Cabral..... | 38 |
| 1.2.6 <i>História do Brasil</i> (1942), de Basílio de Magalhães..... | 39 |
| 1.2.7 <i>História do Brasil</i> (1944, 1959 e 1969), de Joaquim Silva..... | 40 |
| 1.2.8 <i>História do Brasil</i> (1956, 1957), de Antonio José Borges Hermida..... | 42 |
| 1.2.9 <i>História do Brasil Vol. II</i> (1962), de Helio Vianna..... | 43 |
| 2 O CONTEÚDO HISTÓRICO ESCOLAR “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL E PROGRAMAS PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882-1971) | 46 |
| 2.1 Luiz de Queiroz de Mattoso Maia, <i>Lições de História do Brasil</i> (1886 e 1908) | 55 |
| 2.2 Rocha Pombo, <i>História do Brasil para o ensino secundário</i> (1918), <i>História do Brasil</i> (1958) e (1960) | 55 |
| 2.3 João Ribeiro, <i>História do Brasil Curso Superior</i> (1928, 1954 e 1966) | 56 |
| 2.4 Jonathas Serrano, <i>História do Brasil</i> (1931) e <i>Epítome de História do Brasil</i> (1941)..... | 58 |
| 2.5 Mario Vasconcellos da Veiga Cabral, <i>Historia do Brasil – Curso Superior</i> (1940)..... | 60 |
| 2.6 Basílio de Magalhães, <i>História do Brasil</i> (1942)..... | 61 |
| 2.7 Joaquim Silva, <i>História do Brasil</i> (1944, 1959 e 1969) | 62 |
| 2.8 Antonio José Borges Hermida, <i>História do Brasil</i> (1956, 1957) | 64 |
| 2.9 Helio Vianna, <i>História do Brasil Vol. II</i> (1962) | 65 |

| | |
|---|------------|
| 3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO CONTEÚDO HISTÓRICO ESCOLAR “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL (1882-1971)..... | 69 |
| 3.1 As diferentes terminologias usadas para o referido conteúdo histórico disciplinar..... | 69 |
| 3.2 As causas do conflito..... | 73 |
| 3.3 A imagem de Solano Lopez..... | 77 |
| 3.4 Batalha do Riachuelo..... | 80 |
| 3.5 O fim da “Guerra do Paraguai” | 92 |
| | |
| CONCLUSÕES..... | 100 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 103 |
| Fontes..... | 103 |
| Levantamento e referências..... | 104 |
| | |
| APÊNDICE..... | 107 |

INTRODUÇÃO

Objetivamos analisar a história da mudança do conteúdo histórico escolar “Guerra do Paraguai” nos livros didáticos brasileiros que circularam entre 1882 a 1971, correspondendo a oitenta e nove anos de produção historiográfica escolar. A “Guerra do Paraguai”, como é conhecida pela historiografia brasileira, foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, travado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. Na Argentina e no Uruguai o acontecimento é mais conhecido como “Guerra da Tríplice Aliança”; no Paraguai como “Guerra Grande”, conforme cita o escritor paraguaio Augusto Roa Basto¹. No Brasil a terminologia mais usada é “Guerra do Paraguai”.

O enfrentamento entre a Tríplice Aliança e o Paraguai foi um divisor na história da América do Sul, como salienta Doratioto (2002), transformando a vida dos países envolvidos. Esse acontecimento histórico transformou o espaço em que ocupamos, como mostra Maestri (2015), ao tratar da região do Sul do Antigo Mato Grosso durante a guerra, o que justifica nosso interesse pela temática, considerando que a atual cidade de Dourados está a cem quilômetros da fronteira do Brasil com o Paraguai e foi palco da referida Guerra (PEREIRA, 1925; TAUNAY, 1929; SANTOS, 1936).

Há grandes controvérsias e polêmicas entre as várias versões do conflito (DORATIOTO 2002). Segundo Squinelo (2011), tal fato histórico passou a sofrer manipulações ideológicas, atendendo a objetivos e interesses oficiais. Isso se deu em todos os países envolvidos, desde o final da guerra e sobretudo no século XX. No Brasil, pessoas que participaram ou não da Guerra, passaram a escrever sobre tal acontecimento. Segundo a autora, tais escritos passaram por três períodos:

o primeiro, que abrange os livros escritos no período que se estende da década de 1920 até a década de 1960 do século XX, oferecendo uma visão “patriótica” do conflito, como por exemplo, as obras de Frago e Pombo; o segundo, que compreende os estudos divulgados a partir da década de 1960, que desenvolvem a visão “imperialista” do litígio, como os de Pomer e Chiavenato; e finalmente, o terceiro, que agrupa obras editadas a partir da década de 1980, dentre as quais destacam-se os livros de Doratioto e Sales, inovadores e menos tendenciosos. (SQUINELO, 2002, p. 21).

¹ Cf. MOTA, Carlos Guilherme. “A guerra contra o Paraguai: A história de um silêncio”. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães(org.) Guerra do Paraguai- 130 anos depois. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p.37-50.

Compreendendo que tais debates e conflitos historiográficos refletem no conhecimento histórico escolar, ganhando espaço nos programas curriculares e conseqüentemente nos livros didáticos de História do Brasil, nossa questão de pesquisa gira em torno da história da mudança do conteúdo histórico escolar sobre a “Guerra do Paraguai” nos livros didáticos brasileiros que circularam a partir de 1882, data em que constatamos a primeira aparição do conteúdo “Guerra do Paraguai” nos programas curriculares para o ensino secundário, levando em conta a obra de Maia (1886), primeira a reportar-se ao conflito como um conteúdo escolar, ainda no contexto imperial, até 1971, por conta da lei a Lei 5692/1971, que marca uma mudança significativa na definição e currículo do ensino secundário, correspondendo a oitenta e nove anos de produção historiográfica escolar. Objetivamos, portanto, identificar e analisar mudanças e permanências desse conteúdo nos livros didáticos de História do Brasil, destinados ao ensino secundário.

Esse recorte temporal nos permitiu levantar nove autores e dezoito obras, que serão aqui analisados como fonte dessa investigação.

O conteúdo “Guerra do Paraguai” passa a fazer parte do programa curricular do ensino de História no Brasil logo após o término do conflito? Quando esse acontecimento histórico passa a compor o conteúdo escolar nos livros didáticos? As reformas do ensino secundário no recorte temporal delimitado interferiram na exposição desse conteúdo? Como a “Guerra do Paraguai” é apresentada por diferentes autores de didáticos em cada época? Há mudança na interpretação do conteúdo a partir das mudanças políticas no Brasil? Os períodos definidos por Squinelo para a historiografia da Guerra são visíveis nos livros didáticos? Há divergências entre obras didáticas de um mesmo período?

Para além da posição geográfica em que nos encontramos, porque Mato Grosso (do Sul), “se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país” (SATER; SIMÕES, 1982), o interesse por essa temática se justifica pela nossa formação em história e pela prática como professor² de História do Brasil na região de Dourados, Mato Grosso do Sul, considerando que a trajetória do pesquisador é de suma importância para a pesquisa, uma vez que a mesma representa indagações e angústias de quem investiga e se relaciona com o objeto.

Considerando o livro didático como fonte principal dessa investigação, compreendemos esse objeto cultural na perspectiva de Choppin (1992), como uma produção inseparável das estruturas e das condições de ensino do seu tempo. Nossa definição de livro didático, em conformidade com o autor, se delineia como um livro que apresenta um conjunto extenso de

² Graduado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, com experiências de sala de aula desde 2012.

conteúdos do currículo, com uma progressão em unidades, em lições, favorecendo tanto usos coletivos como individuais.

O livro didático é um testemunho escrito daquilo que se ensina, ou seja, das instruções daquilo que se executa, o que justifica a escolha dessa fonte para uma pesquisa no campo da história da educação. Como acrescentam Mahamud e Badanelli (2017, p. 43):

Uma das mais importantes fontes históricas de que dispomos é o conjunto de livros usados nas instituições educacionais: os manuais/livros escolares. O manual escolar tornou-se, nos últimos anos, uma fonte privilegiada para historiadores do livro e para historiadores da educação. Ao redor deles surgiu um novo campo de conhecimento dotado de entidade própria; são parte integrante do patrimônio histórico-educacional, não apenas como objetos depositários da memória individual e coletiva, mas também por constituir uma fonte imprescindível para a pesquisa acerca da cultura escolar, além de produtos cobiçados pela política e pelo mercado.

Ao analisar os livros didáticos como fonte nesta pesquisa, estamos atentos a compreendê-lo como “patrimônio histórico-educacional”, compondo a cultura material da escola, além de um objeto de “múltiplas facetas”, conforme Bittencourt (2004, p. 301), ao afirmar que “possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares”.

Cabe destacar que as investigações sobre livros didáticos contribuíram para ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a História das Disciplinas Escolares (CHERVEL, 1990)³. E considerando que as disciplinas escolares são características marcantes do ensino secundário, devido à forma de organização do trabalho didático sob a forma de disciplinas (PESSANHA, DANIEL, MENEGAZZO, 2004; SOUZA JUNIOR, GALVÃO, 2005), elegemos esse nível de ensino para nossa pesquisa.

O ensino secundário no Brasil, também conhecido como ensino elitista durante o período imperial, se estabeleceu com a presença de disciplinas avulsas, que preparavam para os exames de acesso aos cursos superiores, além do Colégio Pedro II, criado em 1837, e de alguns liceus nas principais capitais. Com a proclamação da República (1889), o ensino secundário passou por várias reformas⁴, mas as principais foram a Reforma Francisco Campos (1931), a Reforma Gustavo Capanema (1942), também conhecida como Leis Orgânicas, e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1961), completando o recorte temporal dessa investigação (1882-1971). Tais reformas serão consideradas ao analisar os livros didáticos que

³ O termo disciplina, no sentido de conteúdos de ensino, segundo Chervel (1990), só aparece nas primeiras décadas do século XX.

⁴ Até a década de 1930, houve as reformas: Benjamin Constant (1890), Epiácio Pessoa (1901), Rivadávia Correa (1911), Carlos Maximiliano (1915) e João Luiz Alves (1925).

compõem o corpus documental dessa pesquisa, com ênfase para as mudanças nos programas curriculares da disciplina História do Brasil, como expõe Moreira (2019).

Com o intuito de conhecer a produção científica sobre a Guerra do Paraguai no livro didático e ampliar a justificativa sobre a relevância do tema aqui proposto, realizamos uma revisão bibliográfica a partir dos descritores “Guerra Paraguai livro didático”, considerando sua presença no título, resumo e/ou palavras-chave ⁵. Localizamos 20 pesquisas que permitiram uma análise quanti-qualitativa da produção acadêmica sobre o tema, conforme apresentado no quadro abaixo, em ordem decrescente de ano de publicação:

Quadro 1 – Produções acadêmicas localizadas sobre “Guerra do Paraguai Livro Didático”

| Autor (ano) | Instituição | Título | Tipo de publicação | Recorte temporal | Área do conhecimento |
|--------------------|------------------------|---|---------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| Araujo (2017) | UTIC ⁶ | A Grande Guerra da América do Sul nos livros didáticos brasileiros: alguns destaques | Artigo em Anais | 2011 | Educação |
| Salles (2017) | UFPE ⁷ | O conhecimento escolar Guerra do Paraguai em livros didáticos e na fala de professores de história de escolas da educação básica, no Brasil e no Paraguai | Tese | 1886 – 2015 | Educação |
| Salles (2017) | UFPE | A Guerra do Paraguai nas edições do livro didático História do Brasil: da colônia à república, das autoras Elza Nadai e Joana Neves | Artigo em Periódico | 1980-1987 | História |
| Jardim (2016) | UNIPAMP A ⁸ | Versão Oficial: A Guerra do Paraguai em livros didáticos no Brasil | Artigo em Periódico | 2015 | História |
| Squinelo (2015) | UFMS ⁹ | Concepções historiográficas e ensino de história: a Guerra do Paraguai nas | Artigo em Periódico | 2014 | História |

⁵ Como locais de busca selecionamos: o Banco de Teses e Dissertações da CAPES; a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações; o Domínio Público; todas as publicações da Revista Brasileira de Educação (RBE) do ano 2000 a 2018, da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) com publicações do ano de 2010 à 2018, e da Revista Cadernos de História (CHE) com publicações do ano de 2009 a 2018; entre os anais de eventos da área: os três últimos anais do Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americano (CIHELTA); os dois últimos do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE); todos os anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), de 2000 à 2017; os anais do GT 2 da Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd, de 2000 a 2017); os Encontros ANPEd Centro Oeste; e os Anais do Encontro de História da Educação do Centro Oeste EHECO.

⁶ Universidade Tecnológica Intercontinental.

⁷ Universidade Federal do Pernambuco.

⁸ Universidade Federal do Pampa.

⁹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

| | | | | | |
|-------------------------|---------------------|---|---------------------|-----------|----------------------|
| | | coleções didáticas Projeto Radix: História e História, Sociedade & Cidadania (PNLD 2014) | | | |
| Araújo (2015) | UFGD ¹⁰ | Fronteira e Guerra nos livros didáticos de História do Brasil e Paraguai: a educação no pós-guerra | Artigo em Anais | 1990-2010 | História da Educação |
| Salles (2014) | UFPB ¹¹ | A Guerra do Paraguai nas edições do livro didático de História do Brasil, de Nelson Piletti | Artigo em Periódico | 1987-1999 | História |
| Afonso (2014) | | Usos do Passado: A História da Guerra do Paraguai nos manuais didáticos durante o regime militar no Brasil e Stroessner no Paraguai | Artigo em Periódico | 1954-1964 | História |
| Maia (2014) | PUCRS | A construção do herói: Francisco Solano López e os livros didáticos de história | Artigo em Anais | 1998-2007 | História |
| Goes e Souza (2013) | UNILA ¹² | A Guerra do Paraguai em manuais didáticos: fontes para análise da cultura escolar e da cultura histórica. | Artigo | 2012-2013 | História da Educação |
| Caimi e Teixeira (2013) | UPF | O passado é imprevisível! Controvérsias historiográficas acerca da Guerra do Paraguai no livro didático de história (1910-2010) | Artigo em Periódico | 1910-2010 | História |
| Squinelo (2013) | UFMS | Lições ensinadas, lições memorizadas: Joaquim Manoel de Macedo e a Guerra do Paraguai | Artigo em anais | 1907 | História |
| Squinelo (2011) | UFMS | A Guerra do Paraguai e a construção da identidade nacional nos manuais didáticos brasileiros (1900-1960) | Artigo em Periódico | 1900-1960 | História |
| Squinelo (2011) | UFMS | Revisões Historiográficas: A Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros – PNLD 2011 | Artigo em Periódico | 2011 | História |
| Salles (2011) | UFPB | A Guerra do Paraguai na literatura didática: um estudo comparativo | Dissertação | 1980-1990 | História |

¹⁰ Universidade Federal da Grande Dourados.

¹¹ Universidade Federal da Paraíba.

¹² Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

| | | | | | |
|------------------------|-----------------------|---|---------------------|-----------|----------|
| Ramisch (2011) | UPF ¹³ | Perto dos Olhos, longe do coração: A inserção da História da América Latina Contemporânea no Ensino de História (1980-2000) | Dissertação | 1980-2000 | História |
| Fertig e Saccol (2010) | UFMS ¹⁴ | A Guerra do Paraguai nos livros didáticos de história do Brasil: uma análise de obras publicadas entre 1900-1960 | Artigo em periódico | 1900-1960 | História |
| Alves e Centeno (2009) | Uniderp ¹⁵ | A produção de manuais didáticos de história do Brasil: remontando ao século XIX e início do século XX | Artigo em Periódico | 1838-1989 | Educação |
| Squinelo (2001) | UFMS | A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... Ensino, Memória e História de um conflito secular | Dissertação | 1900-2000 | História |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando as produções expostas no quadro acima, podemos afirmar que se trata de uma discussão recente, restrita ao século XXI. Das 20 pesquisas levantadas, 17 foram publicadas na segunda década do século XXI, entre 2011 e 2017.

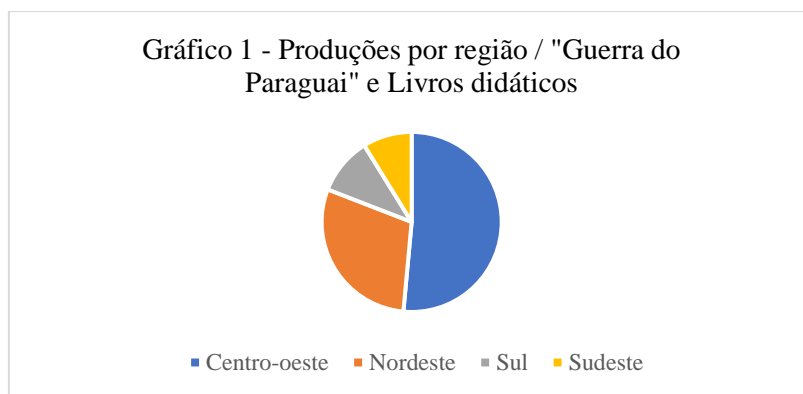
A recorrência de autoria estabelece uma relativa consolidação de autores que tratam da temática. Ana Paula Squinelo aparece com cinco produções (artigos em periódicos, artigos em anais e dissertação de mestrado), tratando-se da obra mais antiga, de 2001. A autora se dedica ao conteúdo Guerra do Paraguai no ensino de História. André Mendes Salles conta com quatro produções (tese de doutorado, dissertação de mestrado e dois artigos em periódicos). O autor se dedica a analisar o conteúdo sobre o conflito a partir de livros didáticos, bem como com entrevistas de professores (tanto brasileiros quanto paraguaios). Squinelo e Salles são citados em outras pesquisas sobre o tema, o que legitima seus esforços em contribuir com as investigações sobre o assunto.

No que diz respeito às instituições a que os autores se filiam, destaca-se a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (5), na região Centro-Oeste, e a Universidade Federal de Pernambuco (4), na região Nordeste, correspondendo aos autores Squinelo e Salles, respectivamente. Destacamos que, apesar da região Sudeste conter o maior número de programas de pós-graduação do país, a recorrência institucional no que diz respeito as pesquisas sobre a Guerra do Paraguai perpassam outras regiões. Conforme ilustramos no gráfico abaixo.

¹³ Universidade de Passo Fundo.

¹⁴ Universidade Federal de Santa Maria.

¹⁵ Universidade Para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal.



Notamos que a região Centro-Oeste concentra o maior número de produções, em segundo lugar aparece a região nordeste. Outro indício que cabe ressaltar é a ausência de investigações na região norte do Brasil.

Sobre o recorte temporal delimitado nas pesquisas levantadas: cinco produções abordam o conteúdo no contexto do século XIX, sete investigam a “guerra do Paraguai” em obras didáticas da segunda metade do século XX, cinco abordam o tema no século XXI.

As pesquisas localizadas se concentram, em sua maioria, na área da História. Podemos dizer que as questões de Salles e Squinelo, principais pesquisadores, envolvem o livro e o ensino de história e a constituição dos mesmos, analisando o Plano Nacional do Livro Didático – PNLD (criado em 1985), bem como as práticas de professores em sala de aula. Ponderamos que a investigação aqui proposta se diferencia das demais localizadas uma vez que, parte de um olhar da História da Educação, analisando o ensino secundário em um recorte temporal de cem anos (1882-1971), a partir de livros já analisados e ainda não desbravados com essa temática.

Inseridos na história da educação, nossa pesquisa tem como base teórico-analítica a História dos Conteúdos, compreendendo que “História das Disciplinas Escolares, História das Disciplinas Curriculares, História das Matérias Escolares, História dos Saberes Escolares, História dos Conteúdos Escolares são expressões que remetem a um mesmo campo de pesquisa” (SOUZA JUNIOR, GALVÃO, 2005, p. 393).¹⁶

Analisar os conteúdos escolares na perspectiva da História das Disciplinas Escolares apresentada por Chervel (1990) significa compreender que apesar dos conteúdos de ensino terem origem na sociedade e na cultura que rodeiam a escola, não se ligam diretamente às

¹⁶ Chervel (1990) afirma que a história dos conteúdos é o elemento central desse campo de estudos, permitindo analisar os ensinamentos da idade escolar.

ciências de referência. Como alerta Forquin (1992, p. 43-44) o papel da história dos saberes escolares “é contribuir para dissolver esta percepção natural das coisas”, ao evidenciar:

como os conteúdos e os modos de programação didática dos saberes escolares se inscrevem, de um lado, na configuração de um campo escolar caracterizado pela existência de imperativos funcionais específicos (conflitos de interesses corporativos, disputas de fronteiras entre as disciplinas, lutas pela conquista da autonomia ou da hegemonia no que concerne ao controle do currículo), de outro lado na configuração de um campo social caracterizado pela coexistência de grupos sociais com interesses divergentes e com postulações ideológicas e culturais heterogêneas, para os quais a escolarização constitui um trunfo social, político e simbólico.

Com o objetivo de identificar as mudanças e permanências no conteúdo escolar “Guerra do Paraguai”, entre 1882 a 1971, tendo como fonte principal os livros didáticos brasileiros que circularam nesse período, estamos em coerência com os estudos da História das Disciplinas Escolares que, conforme Bittencourt (2003, p. 15) objetivam “identificar a gênese e os diferentes momentos históricos em que se constituem os saberes escolares, visando perceber a sua dinâmica, as continuidades e discontinuidades no processo de escolarização”.

Para tanto, a pesquisa que ora se apresenta está dividida em três capítulos, a saber:

O primeiro capítulo, denominado “operação historiográfica da pesquisa: processos de localização, identificação e seleção das fontes”, tem por objetivo, apresentar os caminhos percorridos nesta pesquisa para a localização e seleção dos livros didáticos como fonte, bem como, a identificação de cada livro selecionado. Para isso, sistematizamos este capítulo com o objetivo de apresentar cada obra e autor selecionados, citando os passos da pesquisa, essa “operação historiográfica”.

No Segundo Capítulo, “O Conteúdo Histórico Escolar “Guerra Do Paraguai” nos livros didáticos de História do Brasil e Programas para o Ensino Secundário”, analisamos como o conteúdo “Guerra do Paraguai” é narrado nas obras didáticas selecionadas, relacionando-os com os programas curriculares para o ensino secundário, como também as reformas do ensino ocorridas durante o nosso recorte temporal. A abordagem tende a identificar e analisar em cada autor e obra, as formas que se constrói cada narrativa e como a “Guerra do Paraguai” enquanto conteúdo histórico escolar ocupa os espaços dos livros didáticos.

No terceiro capítulo, Mudanças e Permanências no Conteúdo Histórico Escolar “Guerra Do Paraguai”, contrapomos um autor para o outro, a partir da análise de conteúdo, identificando as mudanças e permanências nos conteúdos analisados. Para isso, levantamos pontos que

consideramos significativos para a análise dos mesmos, tais como as diferentes terminologias da guerra; causas do conflito; imagem de Solano Lopez; fim do conflito.

1 “OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA PESQUISA”: PROCEDIMENTOS DE LOCALIZAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DAS FONTES

Neste capítulo, objetivamos apresentar a “operação técnica” de localização, identificação e seleção dos livros didáticos como fontes dessa investigação, compreendendo, como Certeau (2008, p. 81) que “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira”, tratando-se do primeiro trabalho do historiador, produzindo os documentos da pesquisa, “mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto”.

Destacamos que as pesquisas com livros didáticos apresentam uma peculiaridade, pois, há uma dificuldade de conservação desse objeto, e conseqüentemente, de localização. Com base em Alain Choppin, Tiana Ferrer e Collados Carbona, Moreira (2019) explica o desinteresse pela conservação do livro didático, considerado como parte do cotidiano, atemporais, abundantes, e conseqüentemente, pouco valorizados. Além das mudanças dos programas curriculares e das inovações pedagógicas, favorecendo a substituição e ou descarte dos livros anteriores. Soma-se a isso a ausência de acervos destinados aos livros didáticos ou a literatura escolar em bibliotecas. Tais fatores fazem com que a localização desse objeto muitas vezes não seja tarefa fácil, o que justifica a importância da descrição dessa “operação técnica” de localização, identificação e seleção das fontes.

Para tanto, o capítulo está dividido em três partes: na primeira são apresentados os procedimentos de localização e seleção nos acervos, a segunda parte trata dos critérios de seleção dos livros didáticos como fonte e na terceira parte apresentamos o *corpus* documental selecionado.

1.1 Procedimentos de localização, acesso e seleção das fontes

Como critérios de localização e seleção das obras para essa investigação, considerando que nosso recorte temporal de análise se delimita entre 1882 e 1971, consideramos os livros didáticos de História do Brasil:

- Sugeridos nos programas curriculares oficiais;
- Analisados por autores que investigaram a “Guerra do Paraguai” como tema;
- Disponíveis em acervos de livros didáticos;
- Disponíveis em sites de livros usados/sebos.

Entre os livros didáticos sugeridos/indicados nos programas curriculares do ensino secundário disponíveis em: Vecha e Lorenz (1998) e em Guy de Holanda (1957) identificamos:

Quadro 2 – O conteúdo “Guerra do Paraguai” nos programas do Ensino Secundário

| Ano do Programa | Série | Disciplina | Livro Recomendado |
|--------------------|-------------|---|--|
| 1882 | Setimo anno | História e Chorographia do Brazil | Lições de História do Brazil, Luiz de Queiroz Mattoso Maia |
| 1892 | Setimo anno | Historia do Brazil | Historia do Brazil de Mattoso Maia |
| 1893 | Setimo anno | Historia do Brazil | Historia do Brazil de Mattoso Maia |
| 1895 | Setimo anno | Historia e Chorografia do Brazil | História do Brazil de Mattoso Maia |
| 1898 | Sexto anno | Historia do Brazil | Lições de História do Brazil. 5ª edição de Mattoso Maia |
| 1898 | Setimo anno | História do Brazil | Lições de História do Brazil. 5ª edição de Mattoso Maia |
| 1912 | 6ª série | Historia Universal ¹⁷ | Não há indicações |
| 1915 ¹⁸ | --- | --- | --- |
| 1926 | 5º ano | Historia do Brasil | História do Brasil de Pedro do Coutto, História do Brasil de Veiga Cabral |
| 1929 | 5ª ano | Historia do Brasil | História do Brasil de Pedro do Coutto, História do Brasil de Veiga Cabral, Quadros de História Pátria de Basílio Magalhães e Max Fleiuss e História do Brasil de Othello Reis. |
| 1931 | 2ª série | História da Civilização - História da América e do Brasil | Não há indicação |
| 1931 | 5ª série | História da Civilização - História da América e do Brasil | Não há indicação |
| 1942 | 4ª série | História do Brasil | Não há indicação |
| 1943 | 3ª série | História do Brasil ¹⁹ | Não há indicação |
| 1951 ²⁰ | --- | --- | --- |

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro acima, são nítidas as várias mudanças ocorridas na organização do ensino Secundário, onde ora o curso é dividido em clássico e científico, ou a nomenclatura se coloca como série ou ano ginásial. Da mesma forma, podemos notar que a disciplina de História do Brasil é colocada juntamente com a disciplina de “Chorographia”²¹, podendo ser chamada de “Historia e Chorographia do Brazil”. Tal disciplina é formada a partir dos

¹⁷ Neste ano o conteúdo “Guerra do Paraguai” não está especificado, porém há o conteúdo “o segundo reinado”, podendo o conteúdo ser trabalhado nesta unidade temática.

¹⁸ Não houveram incidências do conteúdo da guerra.

¹⁹ Neste ano não há de forma especificada o conteúdo “Guerra do Paraguai”, porém, há uma unidade temática acerca da Monarquia e as lutas externas, onde entendemos que o conflito poderia ser trabalhado nesta unidade.

²⁰ No ano de 1951 não foram encontradas incidências do conteúdo “Guerra do Paraguai”, entretanto, nas 1ª e 4ª séries do curso ginásial há a incidência da disciplina de História do Brasil, com as temáticas do Segundo Império e as políticas externas.

²¹ A disciplina de “Chorographia” era organizada com conteúdos históricos e geográficos, como podemos observar nos programas curriculares em Lorenz e Vechia (1998).

conhecimentos de história e geografia unificados. Há também a presença da disciplina de História do Brasil e América como tópicos da História da Civilização.

Conforme é apresentado no quadro, o primeiro momento em que o conteúdo “Guerra do Paraguai” foi identificado no ensino secundário, é no ano programa de 1882, tendo como indicação de livro didático *Lições de História do Brazil*, Luiz de Queiroz Mattoso Maia. Portanto, justificamos a importância de analisar este livro didático.

Em busca dos livros didáticos mais utilizados pelos autores que investigaram a “guerra do Paraguai”, dentro do nosso recorte temporal de 1882 a 1971, localizamos as seguintes obras didáticas nas pesquisas levantadas:

Quadro 3 – Livros didáticos analisados pelos pesquisadores da “Guerra do Paraguai”²²

| Obra (título/autor/ano) | Pesquisador |
|--|--|
| Século XIX | |
| “Noções de corographia do Brasil”, Joaquim Manoel de Macedo, 1873. | Alves e Centeno (2009) |
| “Lições de historia do Brazil”, Luis de Queirós Mattos Maia, 1886. | Alves e Centeno (2009), Salles (2017) |
| Segunda década do século XX | |
| “Lições de historia do Brasil para uso das escolas de instrução primaria”, Joaquim Manoel de Macedo, 1913. | Alves e Centeno (2009), Squinelo (2013), Salles (2017) |
| “História do Brasil”, João Ribeiro, 1914. | Alves e Centeno (2009) |
| “Nossa Pátria”, Rocha Pombo, 1917. | Squinelo (2011) |
| Terceira década do século XX | |
| “História do Brasil – Curso Superior”, João Ribeiro, 1928. | Caimi e Teixeira (2013), Salles (2013) |
| Quarta década do século XX | |
| “História da Civilização Brasileira”, Pedro Calmon, 1940. | Fertig e Saccol (2010) |
| Sexta década do século XX | |
| “História do Brasil: para primeira serie ginasial”, Antonio Borges Hermida, 1952. | Fertig e Saccol (2010), Salles (2017) |
| “História do Brasil: para quarta série ginasial”, Joaquim Silva, 1956. | Fertig e Saccol (2010), Caimi e Teixeira (2013), Salles (2017) |
| “História do Brasil”, Rocha Pombo, 1960. | Squinelo (2011), Fertig e Saccol (2010), Salles (2017) |
| Sétima década do século XX | |
| “História do Brasil: para o curso colegial”, Armando Souto Maior, 1967. | Fertig e Saccol (2010), Salles (2017) |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A localização desses livros didáticos analisados nas pesquisas, bem como os indicados pelos programas curriculares oficiais não significa o acesso a eles. Conscientes das dificuldades de localização e acesso, foram criados e existem hoje, bibliotecas e acervos especializados em livros didáticos, que contribuíram para a execução dessa pesquisa, a saber: o acervo de livros

²² Quadro produzido a partir da revisão bibliográfica. Apontamos os livros didáticos usados que estão dentro do nosso recorte temporal, 1882-1971.

didáticos do Laboratório de Documentação, História da Educação e Memória - LADHEME²³ e o LIVRES²⁴, os quais nos deram aporte para esta pesquisa. ²⁵.

No LADHEME foram localizados os seguintes livros que compõem nosso recorte temporal:

Quadro 4 – Livros didáticos de História do Brasil Localizados no LADHEME

| |
|---|
| História do Brasil para o ensino secundário, de Rocha Pombo, 19ª edição, Companhia Melhoramentos de São Paulo (1918); |
| Nossa Primeira História, de Assis Cintra, Companhia Melhoramentos de São Paulo (1922); |
| História do Brasil Curso Superior, de João Ribeiro, 11ª edição, Livraria Francisco Alves (1928); |
| História do Brasil, de Jonathas Serrano, Editora F. Briguiet e Cia (1931); |
| História do Brasil curso superior, de Mario da Veiga Cabral, 14ª edição, Livraria Jacintho (1940); |
| Epítome de História do Brasil, de Jonathas Serrano, 3ª edição, Editora F. Briguiet e Cia (1941); |
| História do Brasil, de Basílio de Magalhães, Livraria Francisco Alves (1942); |
| História do Brasil para o Terceiro Ano Ginásial, de Joaquim Silva, 8ª edição, Companhia Editora Nacional, (1943) |
| História do Brasil para o quarto ano ginásial, de Joaquim Silva, 11ª edição, Companhia Editora Nacional (1944); |
| História do Brasil, de Antonio José Borges Hermida, 3ª Edição, Editora do Brasil (1949); |
| História do Brasil quarta série Ginásial, de Antonio José Borges Hermida, 13ª edição, Editora do Brasil S/A (1956); |
| História do Brasil primeira série Ginásial, de Antonio José Borges Hermida, 56ª edição, Editora do Brasil S/A (1957); |
| História do Brasil para a quarta série ginásial, de Joaquim Silva, 40ª Edição, Companhia editora Nacional, (1959); |
| História do Brasil – vol. 1, de Helio Vianna, Edições Melhoramentos (1961); |
| História do Brasil – vol. 2, de Helio Vianna, Edições Melhoramentos (1962); |
| História do Brasil curso superior, de João Ribeiro e Revisitada por Joaquim Ribeiro, 19ª edição, Livraria Francisco Alves (1966). |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode observar no quadro acima, todas as obras referem-se ao século XX, a partir de 1918 até 1966.

Outro momento importante do procedimento de localização das fontes foi a consulta ao acervo da Biblioteca de Livros Escolares – LIVRES, da Biblioteca Celso de Rui Beisiegel da

²³ O LADHEME - Laboratório de Documentação História da Educação e Memória da Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) tem por finalidade democratizar e ampliar o acesso entre pesquisador e documento. O acervo do LADHEME pode ser acessado em <https://portal.ufgd.edu.br/laboratorio/ladheme/acervo>.

²⁴ Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (Livres), vinculado à Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo (FEUSP) acesso aos títulos das obras didáticas de diversas disciplinas escolares brasileiras de 1810 a 2005, conforme Moreira (2018). Os títulos disponíveis podem ser pesquisados na plataforma.

²⁵ Cabe mencionar que além desses, existem o “Centro de Investigación MANES” (Manuales Escolares) na Espanha, “Georg Eckert Institute for International Textbook Research” na Alemanha, “Programme de Recherches Emmanuelle” na França, “The Textbook Colloquium” na Grã-Bretanha, “International Association for Research on Textbooks and Educational Media (IARTEM)”, na Noruega, “Les Manuels Scolaires Québécois” no Canadá, conforme Munakata (2012). Também citamos o EDISCO, programa de livros didáticos da Universidade de Turim, coordenado pelo professor Dr. Paolo Bianchini.

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), em maio de 2018. Percebemos a importância da conservação e organização dos livros didáticos em arquivos e bibliotecas, uma vez que, contribuem para as pesquisas em História da Educação. Este levantamento de fontes, teve o objetivo de localizar livros didáticos e autores já identificados nos levantamentos anteriores, neste caso, buscamos por reedições de livros já localizados, bem como, autores indicados pelos programas curriculares. Com base na busca, localizamos e acessamos seis obras, conforme apresentamos no quadro abaixo:

Quadro 5 – Livros didáticos localizados na Biblioteca de Livros Escolares (LIVRES)

| |
|---|
| Lições de História do Brasil, de Luiz de Queirós Mattoso Maia, 6ª edição, Typ Amerino (1908); |
| História do Brasil – Curso Superior, de João Ribeiro, 15ª edição, Livraria São José (1954); |
| História do Brasil, de Rocha Pombo, 8ª edição, Edições melhoramentos (1958); |
| História do Brasil, de Rocha Pombo, 9ª edição, Edições Melhoramentos (1960); |
| História do Brasil, de Jonathas Serranos, 2ª Edição, F. Briguiet e Cia. (1968); |
| História do Brasil para o curso Médio, de Joaquim Silva, 22ª edição, Companhia Editora Nacional (1969). |

Fonte: elaborado pelo autor.

Nos *sites* de livros antigos/sebo foram adquiridos dois livros didáticos: “Lições de História do Brasil”, de Joaquim Manoel de Macedo, sétima edição, H. Garnier Livreiro Editor, 1890, e “Lições de História do Brasil”, de Joaquim Manoel de Macedo, décima edição, H. Garnier Livreiro Editor, 1907.

A partir desse montante de obras localizadas, dentro do recorte temporal estabelecido, a saber, 1882 a 1971, estabelecemos os seguintes critérios de seleção dos livros didáticos como fonte para esta pesquisa: obras destinadas ao ensino secundário, e que apresentassem o conteúdo “Guerra do Paraguai”. Com tais critérios de seleção, alguns livros foram retirados da nossa lista geral de obras didáticas localizadas.

Os livros “Lições de História do Brasil”, de Joaquim Manoel de Macedo, 7ª edição, H. Garnier Livreiro Editor, 1890, e “Lições de História do Brasil”, de Joaquim Manoel de Macedo, 10ª edição, H. Garnier Livreiro Editor, 1907, não atenderam o critério de serem direcionados para o ensino secundário, uma vez que, foram produzidos para o uso das escola de instrução primária, conforme apresentado na contracapa e título.

O livro de Assis Cintra “Nossa Primeira História” de 1922, não apresenta o conteúdo “Guerra do Paraguai”, portanto, não atendeu ao critério estabelecido. Da mesma forma, o livro “História do Brasil para o Terceiro ano ginásial” de Joaquim Silva, de 1943, não contem o conteúdo do conflito, pois seu último capítulo trata da Independência do Brasil (1822). Bem

como “História do Brasil- Vol 1” de Hélio Vianna, de 1961, que trabalha somente o período colonial da História Brasileira, destinando os demais conteúdos para o Vol 2. Conforme identificamos na obra de Rocha Pombo 1958 e 1960, tratam-se do mesmo livro, portanto, consideram a obra mais recente do ano de 1960, ficando descartado o livro *História do Brasil*, de Rocha Pomba, 8ª edição, Edições melhoramentos (1958).

Neste processo, portanto, os livros didáticos que atenderam os critérios formam um total de 18, conforme apresentamos no quadro abaixo:

Quadro 6 – Livros Didáticos selecionados para a pesquisa

| Século XIX |
|--|
| Lições de História do Brazil, de Luiz de Queirós Mattoso Maia, Typ Amerino (1886) |
| Primeira década do século XX |
| Lições de História do Brazil, de Luiz de Queirós Mattoso Maia, 6ª edição, Typ Amerino (1908) |
| Segunda década do século XX |
| - História do Brasil para o ensino secundário, de Rocha Pombo, 19ª edição, Companhia Melhoramentos de São Paulo (1918) |
| Terceira década do século XX |
| História do Brasil Curso Superior, de João Ribeiro, 11ª edição, Livraria Francisco Alves (1928) |
| Quarta década do século XX |
| História do Brasil, de Jonathas Serrano, Editora F. Briguiet e Cia (1931) |
| História do Brasil curso superior, de Mario da Veiga Cabral, 14ª edição, Livraria Jacintho (1940) |
| Quinta década do século XX |
| Epítome de História do Brasil, de Jonathas Serrano, 3ª edição, Editora F. Briguiet e Cia (1941) |
| História do Brasil, de Basílio de Magalhães, Livraria Francisco Alves (1942) |
| História do Brasil para o quarto ano ginásial, de Joaquim Silva, 11ª edição, Companhia Editora Nacional (1944) |
| Sexta década do século XX |
| História do Brasil – Curso Superior, de João Ribeiro, 15ª edição, Livraria São José (1954) |
| História do Brasil quarta série Ginásial, de Antonio José Borges Hermida, 13ª edição, Editora do Brasil S/A (1956) |
| História do Brasil primeira série Ginásial, de Antonio José Borges Hermida, 56ª edição, Editora do Brasil S/A (1957) |
| História do Brasil para a quarta série ginásial, de Joaquim Silva, 40ª Edição, Companhia editora Nacional, (1959) |
| História do Brasil, de Rocha Pombo, 9ª edição, Edições Melhoramentos (1960) |
| Sétima década do século XX |
| História do Brasil – vol. 2, de Helio Vianna, Edições Melhoramentos, (1962) |
| História do Brasil curso superior, de João Ribeiro e Revisitada por Joaquim Ribeiro, 19ª edição, Livraria Francisco Alves (1966) |
| História do Brasil, de Jonathas Serrano, 2ª Edição, F. Briguiet e Cia. (1968) |
| História do Brasil para o curso Médio, de Joaquim Silva, 22ª edição, Companhia Editora Nacional (1969) |

Fonte: elaborado pelo autor

Desse total, percebe-se a recorrência de autores, com mais de um livro: três de João Ribeiro (1928, 1954 e 1966), três de Jonathas Serrano (1931, 1941 e 1968), três de Joaquim Silva (1944, 1959 e 1969), dois de Rocha Pombo (1918 e 1960), dois de Luiz de Queiroz Mattoso Maia (1886 e 1908), dois de Antonio José Borges Hermida (1956 e 1957). E uma ocorrência de obra para Mario da Veiga Cabral (1940), Basílio de Magalhães (1942) e Helio Vianna (1962).

Cabe destacar que as datas das obras não correspondem, na maioria das vezes, à primeira edição, mas a edição referente ao ano que o livro localizado por nós foi (re)impresso/(re)editado. Nesse sentido, chegamos a encontrar obras na 56ª edição, conforme anunciado pelos editores.

O quadro acima evidencia a longevidade de atuação de alguns autores de livros didáticos, tais como: João Ribeiro que, como já sabido, teve seu primeiro “História do Brasil curso superior” publicado em 1900, constando no nosso quadro até 1966, com atualizações de Joaquim Ribeiro; e Jonathas Serrano e Rocha Pombo, que perpassaram todas as décadas do século XX até 1969. Por outro lado, autores que ganharam notoriedade com a organização e expansão do ensino secundário a partir da década de 1940, como Joaquim Silva e Borges Hermida e suas produções ultrapassam nosso recorte temporal. Tais percepções nos levaram incluir no nosso rol de questões se há mudanças no conteúdo sobre a “Guerra do Paraguai” nos livros didáticos escritos pelo mesmo autor ao longo do período por nós delimitado.

Antes, porém, de iniciarmos as análises, no tópico seguinte apresentamos as obras selecionadas, que compõem as fontes dessa investigação.

Em síntese, analisaremos nove autores, totalizando dezoito obras.

1.2 Apresentação do *Corpus Documental*

Neste tópico apresentamos os autores e suas respectivas obras selecionadas para análise. Apresentamos uma breve biografia dos autores dos LD, e suas obras, com as características materiais e questões pertinentes à produção dos mesmos, acreditando, em conformidade com Chartier (1990), que tais elementos tornarão mais rica a análise. Conforme Chartier (1990, p. 123), é importante analisar as formas em que os “textos” são condicionados para os seus leitores “a partir dos seus esparsos vestígios e reconhecer as estratégias através das quais os seus autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada. Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glosas e notas).” Para o autor ainda, há de se dar importância para como os impressos estão organizados, e dão suporte para a leitura, pois, há várias leituras de um determinado texto, e o suporte dos impressos é que dá significado a tais leituras.

2.1.1 *Lições de História do Brasil (1886, 1908), de Luis de Queirós Mattoso Maia*

Lições de História do Brasil, de Luis de Queirós Mattoso Maia, foi editado pela B. L. Garnier, tem sua primeira edição datada no ano de 1840. As edições aqui apresentadas são do ano de 1886 e 1908. A edição de 1886 contém 39 lições, com 415 páginas, editado pela B. L. Garnier. O segundo exemplar do livro de Maia é do ano de 1908, contendo 400 páginas, sem imagens, pela Typ. Amerino. Quanto a materialidade e aspectos físicos, nos falta a informação dos tamanhos dos exemplares, pois tivemos acessos somente ao material digitalizado. Podemos perceber a fiscalização por parte do Império quanto aos livros publicados, pois na folha de rosto do livro, Maia (1886) dedica a obra a Dom Pedro II e pede a aceitação do mesmo, “*A S. Majestade Imperial o Sr. D. Pedro II Senhor, Dignai-vos aceitar este livro como uma fraca, mas sincera prova do respeito e dedicação, que ao mais Illustrado e Magnânimo dos Monarchas Tributa. O mais reverente dos seus súditos, Luis de Queirós Mattoso Maia.*” Tal informação não consta na obra de 1908, por tratar-se do período republicano.

Conforme as imagens que apresentamos a seguir, as capas e contracapas dos livros são inscritas como sendo pertencentes ao Colégio Pedro II, onde identifica o autor como catedrático do colégio, dando de certa forma, credibilidade ao livro didático e ao seu leitor. Em primeira análise das capas, notamos uma mudança na referência ao estabelecimento de ensino, ora como Colégio Pedro II, ora como Ginásio Nacional, isso se deu pois com a Proclamação da República em 1889, o colégio que recebia o nome do antigo Imperador passou a se chamar Instituto Nacional de Instrução Secundária e depois Ginásio Nacional, voltando a ser chamado de Colégio Pedro II em 1911, como evidencia Fernandes (2006).

Figura 1: Contracapa *Lições de História do Brasil* (1886).



Fonte: Lemad – laboratório de Ensino e material didático, 2019.

Figura 2: Capa *Lições de História do Brasil* (1908).



Fonte: Biblioteca de Livros Escolares – LIVRES, 2019.

Em ambos os livros, notamos a ausência do uso de imagens, uma vez que, além de um conteúdo denso e detalhado, não há presença de figuras ou mapas. Destacamos as primeiras páginas do livro (1886), onde há um parecer do Conselho litterario, considerando a obra como “o melhor compendio de História do Brazil até hoje publicado”.

Luis de Queirós Mattoso Maia foi registrado como professor do Colégio Pedro II, conforme *Relação dos Professores do Collegio Pedro II de 1838 a 1920* como cita Azevedo (1921). Após a morte de Joaquim Manoel de Macedo, em 1882, Maia assume a cadeira de professor de História do Brasil, sendo recomendado nos programas curriculares para o ensino secundário nos anos de 1892, 1893, 1895 e 1898 (conforme VECHIA; LORENZ, 1998, p. 108, 123, 143, 158 e 180).

Como já salientado, o livro de Maia aparece como um dos primeiros a apresentar “A Guerra do Paraguai” como conteúdo na disciplina de História do Brasil para o Ensino Secundário. Porém, pouco se tem de informações sobre o autor, segundo Gama (2016) Maia teria trabalhado como médico durante a “Guerra do Paraguai”. Para Gasparello (2002) a obra de Maia marca um período de construção da identidade nacional através da disciplina de História, bem como na transição do regime monarquista para o republicano. Nesse sentido, é nítido o esforço do autor em destacar a guerra, uma vez que o mesmo se diz fazer parte desse fato histórico. É com isso que Maia, em toda sua obra, destaca as guerras os momentos que vangloriam o exército, forças armadas, etc. A “Guerra do Paraguai”, então, ganha destaque e presença nos livros didáticos de História do Brasil a partir de Maia (1886).

2.1.2 *História do Brasil* (1918, e 1960), de Rocha Pombo

Figura 3: Capa *História do Brasil* de Rocha Pombo, (1918).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Figura 4: Capa *História do Brasil* de Rocha Pombo (1960).



Fonte: Biblioteca de Livros Escolares – LIVRES, 2019.

História do Brasil, de Rocha Pombo, tem sua primeira publicação pela editora Weiszflog Irmãos no ano de 1918. A editora Weiszflog Irmãos foi incorporada pela Companhia Melhoramentos, que publicou as 21 reedições da obra até 1941, conforme Moreira (2019).

Rocha Pombo teve destaque nas obras didáticas e historiográficas, sendo professor universitário, bem como, professor do Colégio Pedro II, o que trouxe visibilidade para suas obras, conforme afirma Oliveira (2015, p. 45).

Suas obras tiveram grande importância para o ensino de História do Brasil pois

Esse foi o trabalho pelo qual, durante muitos anos, numerosas gerações de brasileiros aprenderam tudo que jamais vieram a saber do passado colonial; Rocha Pombo terá concorrido mais do que qualquer outro para construir, no espírito do público não-especializado, a nossa visão da história do Brasil. (MARTINS, 1978, p. 273-274).

Conforme Oliveira (2015), o contexto em que viveu Rocha Pombo fez com que o mesmo apresentasse ideias republicanas, e para Pombo, nem mesmo o Imperador dava crédito à Monarquia. Além das publicações didáticas, José Francisco da Rocha Pombo foi jornalista, professor, político, poeta e também historiador. Ao fundar *O Povo*, empenha-se no jornalismo com publicações republicanas e abolicionistas.

O Livro de 1918 traz com destaque a “Guerra do Paraguai”, O autor narra o “importante fato histórico” em sete lições, sendo um total de 29 páginas. Ao compararmos com os demais conteúdos e lições ao longo do livro, Rocha Pombo busca destacar este momento, o que vai de encontro com o que já salientamos que o conflito em destaque foi um dos maiores da América do Sul, bem como um dos maiores que envolveu diretamente o Brasil.

Em *História do Brasil para o ensino secundário*, Rocha Pombo afirma que a História deve ser feita com “largas fontes”, mostrando como a história do Brasil é bela e como a nossa pátria foi construída. Pombo cita que os livros não devem apresentar longas narrações, mas sim, os fatos que são significativos. Portanto, o mesmo salienta que sua obra não é aprofundada.

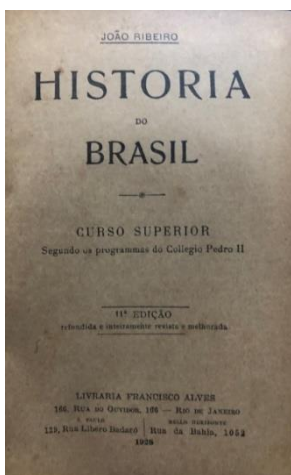
O livro de 1918, contém 317 páginas e 89 lições. Das quais apresentam imagens de nomes marcantes dos fatos históricos, monumentos e obras de arte, bem como a presença de mapas. Ao final do livro é apresentada uma sinopse de cinco séculos da história brasileira. Conforme a imagem acima, a capa apresenta o livro “com muitos mapas históricos e gravuras explicativas”.

Já o livro de 1960 apresenta organização em capítulos. De acordo com as imagens apresentadas, há mudanças quanto a materialidade dos livros, como as capas, os tamanhos, o uso de gravuras coloridas, etc. O que vale destacar, é que a edição de 1960 é uma obra

revisada por Helio Vianna que, posteriormente, também surge como autor de livros didáticos de História do Brasil. O livro didático de 1960 apresenta a “Guerra do Paraguai” de uma forma mais sintética ao compararmos com o de 1918, uma vez que, o conteúdo abordado é menor e mais suscinto.

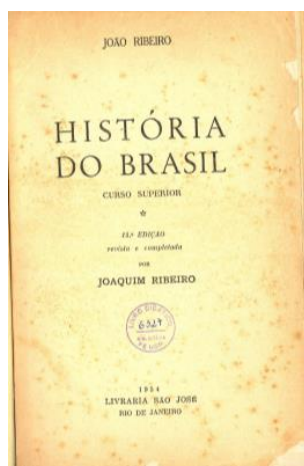
2.1.3 *História do Brasil – Curso Superior (1928, 1954 e 1966), de João Ribeiro*

Figura 5: Contracapa História do Brasil, Ribeiro (1928).



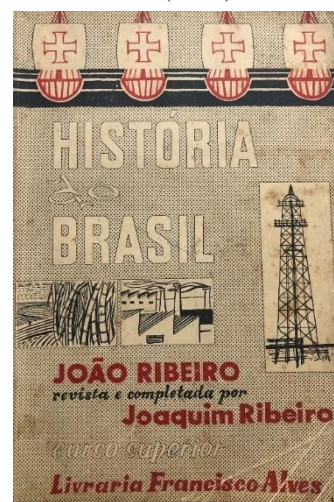
Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Figura 6: Contracapa História do Brasil, Ribeiro (1954).



Fonte: Biblioteca de Livros Escolares – LIVRES, 2019.

Figura 7: Capa História do Brasil, Ribeiro (1966).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Analisamos as edições de 1928, 1954 e 1966, pela editora Francisco Alves, conforme as figuras apresentadas acima. A obra de 1928, está na 11ª edição. A primeira edição é de 1900.

Mais conhecido como João Ribeiro, João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, é o autor mais pesquisado na academia, conforme Bittencourt (1993). É notada a grande influência de João Ribeiro para com outros autores, bem como, a presença de seu filho Joaquim Ribeiro nas reedições de suas obras. João Ribeiro ingressou no colégio Pedro II em 1887, lecionando em 1893, como catedrático de História Universal e do Brasil, conforme Santos (2009).

Moreira (2019) salienta que para além de autor didático, João Ribeiro também atuava como jornalista, professor, pintor e tradutor. O mesmo foi membro do IHGB e da Academia Brasileira de Letras, escreveu artigos e contribuiu na redação de jornais importantes, como *O Globo*, *Gazeta da Tarde*, *Correio do Povo* e *O País*.

Ao analisarmos os livros, percebemos que não houveram mudanças significativas de conteúdo, mas sim na gramática de um ano para o outro, ou seja, as mudanças de acordos ortográficos ao longo do tempo (1911, 1943). Os textos se apresentam sem imagens, porém de

uma forma breve, os mesmos são organizados em sessões temáticas. A obra revisitada por Joaquim Ribeiro apresenta uma capa colorida e folhas maiores. Os mesmos se igualam em relação as sinopses e quadros sincrônicos ao fim de cada sessão.

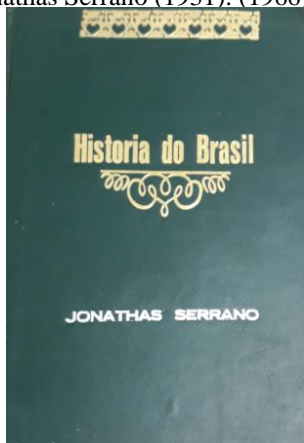
O livro de 1928, destaca a guerra de forma narrativa, sem apresentar imagens, organizado primeiramente com as causas da guerra e posteriormente a Guerra. O autor salienta que este conteúdo é de grande importância para a História do Brasil, entretanto, o meio pelo qual o mesmo veicula o conteúdo impõe limites, lugar o próprio João Ribeiro diz que poderia ter dado mais ênfase ao conteúdo “Guerra do Paraguai”.

Além do livro de 1928, estão em nossa análise, *História do Brasil Curso Superior* de 1954 e *História do Brasil Curso Superior* de 1966. No que diz respeito ao texto, não há muitas mudanças. Percebemos que há um acréscimo de conteúdo a respeito do período republicano, porém, a organização textual continua a mesma. Há também a questão de os livros serem reeditados por Joaquim Ribeiro, não sendo ele o autor original.

Um fato perceptível em relação aos livros de 1954 e 1966 é a permanência da cópia fiel do texto de 1928. Portanto, não há mudanças e sim permanências neste conteúdo, no que diz respeito a João Ribeiro. Uma hipótese para esse movimento, seria a de que os dois livros posteriores são reedições feitas por outros autores, onde os mesmos podem querer manter a essência da obra original.

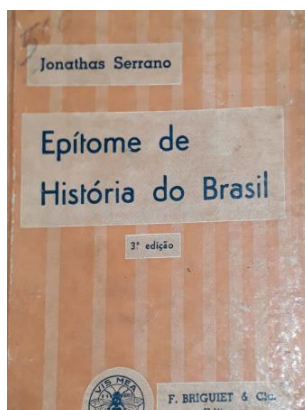
2.1.4 *História do Brasil* (1931,1968) e *Epítome de História do Brasil* (1941), de Jonathas Serrano

Figura 8: Capa *História do Brasil*, Jonathas Serrano (1931). (1966).



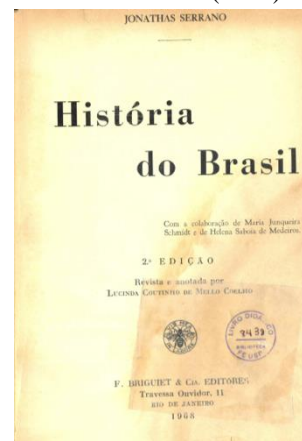
Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Figura 9: Capa *Epítome de História do Brasil*, Jonathas Serrano



Fonte: Biblioteca de Livros Escolares – LIVRES, 2019.

Figura 10: Contracapa *História do Brasil*, Jonathas Serrano (1968).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

História do Brasil (1931) em sua 1ª edição, 121 ilustrações e mapas, como apresentado na contracapa da obra, contem 580 página, com as medidas de 24,5cm X 17cm. O exemplar aqui analisado apresenta “capa de luxo”, com impressão feita em papel couché. O livro tem 39 capítulos, além de apêndices com representantes do império, conselhos, senado imperial e assuntos para estudo pessoal dos alunos. Já *História do Brasil (1968)* 2ª edição conta com 40 capítulos, acrescido da Segunda República.

Mesmo com um texto complexo e apresentando mais elementos, identificamos a presença da ideia de que a guerra trouxe enormes prejuízos ao Brasil, afetando na honra e dignidade da história de nosso país.

Epítome de História do Brasil (1941), apresenta 14 capítulos, 252 páginas, imagens em preto e branco, tendo as medidas de 19 cm X 13,5 cm. Editado por F. Briguiet & Cia, Editores. Este livro discorre os conteúdos de forma sintética, como se fossem sínteses para serem usadas em sala de aula.

Serrano é considerado como grande influenciador²⁶ para o ensino de história do final da década de 1920 e décadas de 1930 e 1940. O mesmo é autor de diversas obras, sendo elas de cunho literário, filosófico e histórico, conforme Santos (2009). Destacamos *A idéia de Independência na América*, tese que Serrano defendeu no concurso para a cátedra do Colégio Pedro II, no ano de 1926.

Os vários trabalhos acadêmicos que pesquisaram Serrano, mostram que o mesmo foi membro do IHGB e da Associação Brasileira da Educação (ABE), bem como, a participação em várias atividades que envolveram políticas educacionais brasileiras, podemos citar que Serrano foi membro do Conselho Superior de Ensino do Rio de Janeiro (1914), Associação dos Professores Católicos (1931). Já “na década de 1930 Serrano participou da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (correspondendo hoje ao Ministério da Educação) e foi membro da Comissão Nacional do Livro Didático (1930)”. (SANTOS, 2009, p. 131).

Jonathas Serrano se formou em direito, mas se dedicou ao ensino de História no Colégio Pedro II e Escola Normal. Sua atuação pela educação se deu juntamente como grandes nomes como Afrânio Peixoto, Fernando de Azevedo, Gustavo Capanema, Lourenço Filho e Francisco Campos. O autor é conhecido não somente por seus livros, mas também pelos seus métodos de ensino.

Defensor do uso de outros meios de ensino que não apenas o livro didático publicou em 1930, com Venâncio Filho, *Cinema e educação*. Como entusiasta

²⁶ Por produzir obras metodológicas, *Como se ensina História e Metodologia da História do Brasil (1941/1942)*.

da Escola Nova escreveu *Escola Nova, palavras serenas num debate apaixonado*, 1932, assumindo postura conciliadora entre “católicos” e “modernistas” (MOREIRA, 2011, p. 82).

Notamos que para além de escritor, Serrano buscou inovar o ensino de História através de suas obras. É assim que este autor é notado, como um grande contribuidor para questões acerca do ensino de História no Brasil.

Ao afirmar que “O professor criticará com benevolência” e que deveria “mostrar que a história não é apenas o relato árido de guerras” são trechos extraídos do texto intitulado “*Explicação Necessária*”²⁷, em que Jonathas Serrano explica seus objetivos acerca de sua obra. É nítido o esforço do autor em não dar ênfase aos conflitos, uma vez que o mesmo diz não querer fazer apologias a tais acontecimentos.

Notará o leitor atento que reduzimos ao mínimo indispensável tudo quando se relaciona com a guerra. Sem omitir os fatos notórios de nosso passado militar, evitamos o erro de escrever em tom de apologias as lutas, lamentáveis sempre, que tem ensopado de sangue o solo pátrio. O ideal seria nem falar nas guerras. Infelizmente é preciso dizer alguma coisa das mais importantes, sob pena de mutilar, falseando-o, o nosso conhecimento do passado nacional. Mas foi com um largo espírito de cordialidade humana que tomamos da pena para escrever tais páginas. (SERRANO, 1941, p. 03)

Serrano se mostrava como católico e escolanovista, conforme salientam Moreira (2019) e Schmidt (2004), com isso, suas obras estavam embasadas na fé e nos novos métodos de ensino que o movimento da Escola Nova tinha como objetivo. É neste contexto que vemos a necessidade de Serrano em não fazer a apologia as guerras, tratando a mesma como algo lamentável, onde seu olhar religioso prevalece.

Jonathas Serrano também publicou *Epítome de História Universal* em 1912, *Um Vulto em 1817* no ano de 1914, em 1917 publicou *Metodologia da História na aula primária, Cinema e Educação* em 1930, *Escola Nova, palavras serenas num debate apaixonado* em 1932, *Epítome de História do Brasil* em 1933 e em 1935 *Como se ensina História*²⁸.

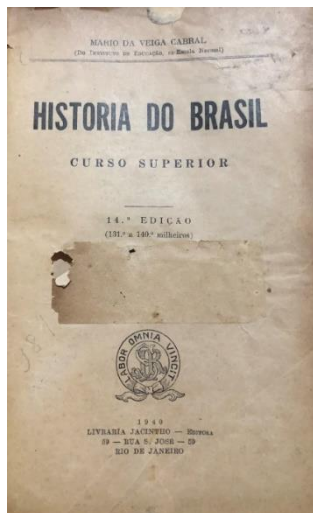
Identificamos uma contradição acerca do conteúdo “Guerra do Paraguai” nas três obras de Serrano. A primeira, os livros de 1931 e 1968 apresentam vasto conteúdo sobre a guerra, analisado o conteúdo de forma parecida com os autores anteriores. Entretanto, o livro didático de 1941 apresenta uma breve discussão acerca do conteúdo, onde até mesmo o autor diz que as guerras não precisam ser destacadas.

²⁷ Retirado do livro “Epítome de História do Brasil” 3ª edição, 1941.

²⁸ Informações sobre a obra *Como se ensina História*, podem ser vistas em Moreira (2008).

2.1.5 *Historia do Brasil – Curso Superior (1940)*, de Mario Vasconcellos da Veiga Cabral

Figura 11 - Contracapa do livro de Veiga Cabral.



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Historia do Brasil – Curso Superior, de Mario Vasconcellos da Veiga Cabral teve a primeira edição no ano de 1920, sendo indicado pelos programas curriculares para o ensino secundário. O exemplar que analisamos é do ano de 1940, sendo a 14ª edição. Com 45 capítulos, o texto tem imagens em preto e branco, com alguma coloridas, tendo as medidas de 23,5 cm X 16 cm. Em primeira análise notamos um texto denso.

Mario da Veiga Cabral nasceu em 1834 no Rio de Janeiro, professor de geografia, membro da sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Também participou da Associação Brasileira de Imprensa, do Centro de Cultura Intelectual de Campinas, da Academia Alagoana de Letras, bem como dos Institutos Históricos²⁹ de vários estados brasileiros.

Em texto para o leitor, o editor se refere a obra com sucesso em suas últimas edições, sendo o mesmo adotado pelo Colégio Pedro II e pelo Colégio Militar. No final do livro são apresentados alguns quadros de ministérios do período imperial. Destacamos o apêndice em que se apresentam recomendações do livro, com notas da imprensa de vários jornais e revistas que prestigiaram a obra de Cabral.

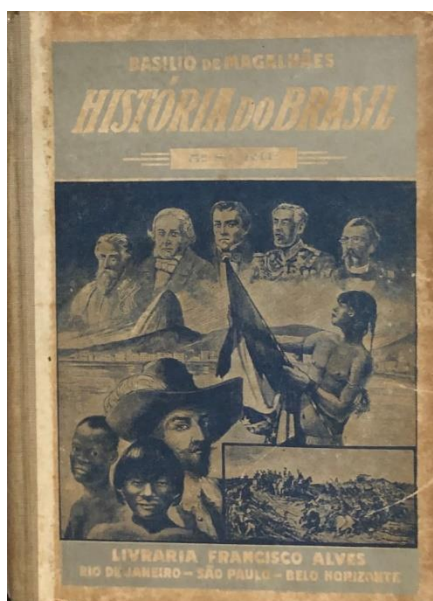
O conteúdo “Guerra do Paraguai” ganha destaque na obra de Veiga Cabral a partir de um texto narrativo, com a presença de imagens e mapas. Veiga Cabral apresenta uma visão militar

²⁹ O referido autor fez parte dos Institutos Históricos de Minas Gerais, Amazonas, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Santos, conforme Cabral (1940).

do conflito, adotando por sua vez, uma narrativa com elementos iguais ao de Mattoso Maia (1886, 1908).

2.1.6 *História do Brasil* (1942), de Basílio de Magalhães

Figura 12: Capa *História do Brasil* de Magalhães (1942)



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

História do Brasil, de Basílio de Magalhães, do ano de 1942, editado pela Livraria Francisco Alves, tem 222 páginas, com 14 unidades, tendo as medidas de 19 cm X 14 cm. Notamos poucas imagens em preto e branco no corpo do texto e várias notas de rodapé. O autor coloca em destaque que o foi produzido a partir de um grande esforço e pela leitura e análise do melhor material acerca da história da “nossa terra”.

Quanto à sua atuação, Basílio de Magalhães foi historiador, jornalista, político e professor. Lecionou em várias instituições, conforme Moreira argumenta.

Lecionou História da Civilização em diversas instituições: Colégio Pedro II, Ginásio de Campinas, Escola Normal do Distrito Federal e Escola Nacional de Belas Artes. No pedido do presidente Wenceslau Braz dirigiu a Biblioteca Nacional e ocupou interinamente a direção do Arquivo Nacional. (MOREIRA, 2019, p. 83)

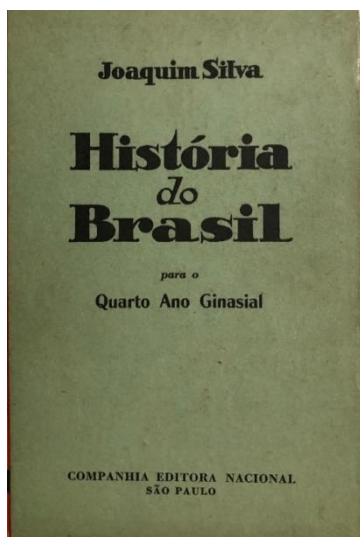
Assim como os demais autores já citados, Magalhães também foi professor do Colégio Pedro II, tendo experiências com o arquivo nacional e Escola Normal. Suas publicações didáticas foram: *Lições de História do Brasil* (1895), *Quadros de História Pátria* (1918)

História da Civilização (1939), *Estudos de História do Brasil* (1940), *História do Brasil*, (1958), *História administrativa e econômica do Brasil* (1951) e *História da América* (1952).

A “Guerra do Paraguai” em Magalhães é parte de um capítulo intitulado Segundo Reinado – lutas externas, porém, a guerra tem grande destaque na obra do autor. Magalhães apresenta grande número imagens, muitas das vezes as mesmas se apresentam com destaques para os militares brasileiros. Mesmo o livro sendo breve, 24 páginas são destinadas ao conteúdo da “Guerra do Paraguai”.

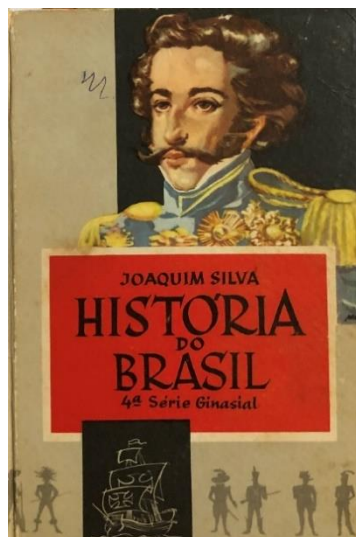
2.1.7 *História do Brasil* (1944, 1959 e 1969), de Joaquim Silva

Figura 13: Capa *História do Brasil*, Joaquim Silva (1944).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Figura 14: Capa *História do Brasil*, Joaquim Silva (1959).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

Figura 15: Capa *História do Brasil*, Joaquim Silva



Fonte: Biblioteca de Livros Escolares – LIVRES, 2019.

História do Brasil – para o quarto ano ginásial, de Joaquim Silva (1944), é produzido pela Companhia Editora Nacional, esta obra tem 9 unidades temáticas, cada unidade é dividida em 4 capítulos, com medidas de 19,5 cm X 14 cm. Observamos a presença de imagens em preto e branco. Uma peculiaridade presente no livro são os “para exercícios escritos”, tópico feito para a produção de atividades. Há que se observar que os capítulos são curtos e bem sistematizados. A edição que analisamos é a 11ª da Companhia Editora Nacional. Ao fim do livro é apresentado um quadro sincrônico entre os anos de 1823-1942, contendo acontecimentos da História do Brasil, História da América e História Geral.

O segundo livro de Joaquim Silva, selecionado, é *História do Brasil – 4ª Série Ginásial*, 40ª Edição, da Companhia Editora Nacional, o mesmo contém 10 unidades, 317 páginas. Quanto as medidas, verificamos que o mesmo tem 19 cm X 14 cm. Apresentando imagens em preto e branco e somente uma imagem colorida, identificamos atividades de questionários ao final dos capítulos, bem como, datas notáveis e para exercício escrito, tratando do “descobrimento” até as condições atuais do Brasil. Ao final, há um vocabulário das palavras em destaque no texto.

História do Brasil para o Ensino Médio (Primeira e Segundas Séries, 1969), organizado em 11 unidades, 32 capítulos e 361 páginas. Quanto as medidas, tivemos acesso ao livro na Biblioteca de Livros Didáticos – LIVRES, e não nos atentamos as questões físicas. Porém, cabe dizer que o mesmo apresentava imagens coloridas e em preto e branco.

Nascido em 1880, Joaquim Silva leciona em várias instituições paulistas, onde podemos citar Colégio Madre Cabrini, Liceu Nacional Rio Branco, Ginásio das Cônegas de Santo Agostinho e Colégio São Luiz. Moreira (2011, p. 84) afirma que Silva “É o autor com maior número de didáticos de História vendidos nas décadas de 1930 e 1940, editados pela Companhia Editora Nacional”. Portanto, podemos justificar a presença do mesmo em nossas fontes, uma vez que, as obras de Joaquim Silva tiveram expressiva permanência nas escolas décadas citadas.

O referido autor também tem publicados *História Geral*, para o primeiro ano Ginásial, *História Geral*, para o segundo ano ginásial e *História do Brasil*, para o terceiro ano ginásial.

História do Brasil – para a quarta série ginásial, de Joaquim Silva (1959), se configura de acordo com os novos programas de História do Brasil de 1951, conforme destacado no livro.

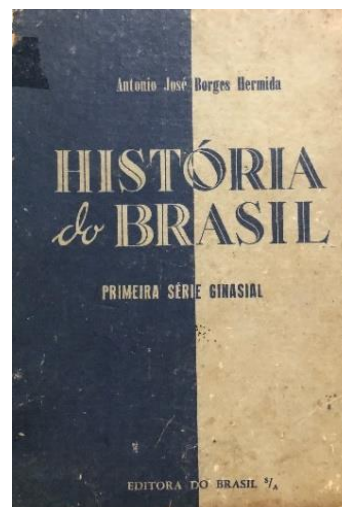
O conteúdo da guerra é contemplado nas três edições da mesma forma, em sua configuração, Joaquim Silva apresenta o Paraguai e seus antecedentes até chegar ao governo de Lopez. Notamos mudanças na ortografia de uma para outra edição, decorrentes do acordo ortográfico citado anteriormente, entretanto, o conteúdo se mantém o mesmo. Assim como nos outros livros, as primeiras mudanças são algumas imagens, bem como o material do livro, como o acabamento do mesmo, etc.

2.1.8 *História do Brasil* (1956, 1957), de Antonio José Borges Hermida

Figura 16: Capa *História do Brasil*, Borges Hermida (1956). Figura 17: Capa *História do Brasil*, Borges Hermida (1957).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

História do Brasil – Quarta Série Ginásial, em sua 13ª edição em 1956 e *História do Brasil – Primeira Série Ginásial*, 56ª edição do ano de 1957, foram produzidos pela Editora do Brasil S/A.

Em ambos os livros, encontramos em suas primeiras páginas a informação que Hermida é licenciado pela Faculdade Nacional de Filosofia, bem como, os livros didáticos estando de acordo com a Portaria 1045 de 14 de dezembro de 1951. Esta portaria diz respeito ao programa de Ensino, que é apresentado na página subsequente.

Tendo medidas de 18,5 x 13,5 cm, impressão em preto e branco e poucas imagens, o índice³⁰ está no início do livro. Notamos a ausência de textos explicativos, como prefácio, notas, ou algo referente ao autor. As 10 unidades presentes no livro didático são formadas de acordo com o programa de 1951. Cada unidade é formada por pontos a serem trabalhados.

Brauna (2013) ao traçar aspectos biográficos de Antonio José Borges Hermida, aponta as dificuldades de se encontrar informações de credibilidade, realidade que também experienciamos. Nesse sentido, o mesmo afirma que a carreira de Hermida como autor de livros

30 Vale ressaltar que estamos transcrevendo conforme original, e nos deparamos com índice ou sumário de acordo com o livro analisado. É muito comum as pessoas confundirem índice e sumário. Há quem ache que são a mesma coisa e a maioria acha que sumário é índice. De acordo com a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), índice é uma relação de palavras ou frases ordenadas que localiza e remete para as informações contidas no texto. Deve ser colocado no final do documento ou, quando forem diversos volumes, deve ser feito em volume separado. Já o sumário é o que a maioria chama de índice. Nele enumeram-se as divisões e seções de uma publicação. Normalmente coloca-se o título do capítulo e a página a ele referente.

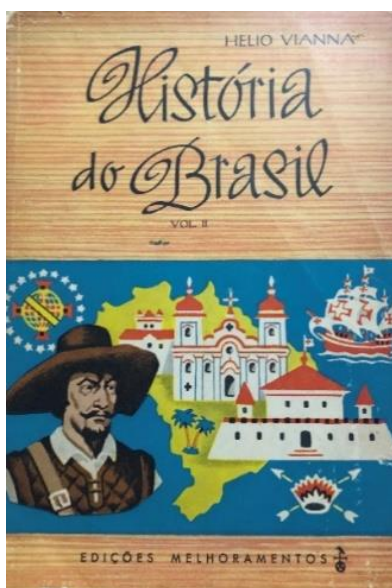
didáticos foi longa. O mesmo nasceu em 1917 e veio a falecer no ano de 1995. Obteve licença de História e Geografia pela Faculdade Nacional de Filosofia, sendo professor da rede municipal do Estado da Guanabara, passando também pelo Colégio Pedro II, o que deu certo prestígio e créditos para ser autor de livros.

O Segundo livro de Hermida selecionado por nós é História do Brasil – Primeira Série Ginasial, 56ª edição do ano de 1957, produzido pela Editora do Brasil S/A. Medindo 18,5 x 13,5 cm, impressão em preto e branco, algumas imagens, bem como uma unidade de “mapas elucidativos”, contendo 13 mapas, como o Tratado de Tordesilhas, Mapa do Brasil, Índios do Brasil, entre outros. Como presente no livro, o mesmo está de acordo com a Portaria de nº 1.045 de 14 de dezembro, entretanto, na página três apresenta o Programa de História conforme a portaria nº 724, de 04 de julho de 1951.

Os livros de Borges Hermida apresentam a “Guerra do Paraguai” de forma breve, de forma com que o conteúdo se faz parte de um capítulo referente ao segundo reinado, em ambos os livros, a Guerra é apresentada desta forma. Uma característica desse autor é apresentar um breve resumo dos conteúdos e logo propor atividades sobre o mesmo. Da mesma forma, há poucas imagens sobre o conflito.

2.1.9 História do Brasil Vol. II (1962), de Helio Vianna

Figura 18: Capa História do Brasil, Volume II Helio Vianna (1962).



Fonte: Acervo Ladheme/UFGD, 2019.

História do Brasil Vol. II, de Helio Vianna, de 1962 foi produzido pela Editora Edições Melhoramentos. É pertinente salientar que esta coleção é formada em dois Volumes. O primeiro de 1961, tratando do Período Colonial. O volume II, que foi o selecionado para esta pesquisa, apresenta os períodos da Monarquia e República, com o total de 75 unidades, medindo 23 x 16 cm, da Edições Melhoramentos.

O mesmo apresenta sua obra como uma “reescrita”, e a necessidade deste processo se dar, onde se recebe novas interpretações, criticando aquela história interpretada por estrangeiros, como Southey, Handelman, bem como os brasileiros Varnhagen, Rocha Pombo, Joaquim Manuel de Macedo e João Ribeiro. Nesse caso, Vianna (1961), admite que a História Brasileira até aquele momento não se sustentava ou não satisfazia completamente.

Catedrático de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Em 1939, foi designado para ser o primeiro catedrático de História do Brasil da recém-criada Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, efetivando-se no cargo por concurso no ano de 1946. Foi membro da Comissão de Estudos dos Textos de História do Brasil do Ministério das Relações Exteriores e ulteriormente da Comissão Diretora de Publicações da Biblioteca do Exército e do Conselho Federal de Cultura. (VALE, 2013, p. 2)

Além das produções na área da História, Vianna produziu textos na área do direito, sua formação original. O mesmo surge na década de 1930, com interpretações nacionalistas. Ao que se vê, Vianna inova na questão didática e nos conteúdos, ao serem comparados com os demais autores de LDHB já mencionados.

Em Vianna, a “Guerra do Paraguai” é narrada de forma menos incisiva, no que diz respeito aos outros autores que até aqui analisamos. É perceptível que o autor não faz usos de termos de que atacam o Paraguai e que adjetivam o país vizinho como grandes inimigos, ou chamando Solano Lopez de ditador, déspota e calculista.

No processo apresentado, entendemos que uma fonte não pode ser tomada de forma isolada, ou seja, não podemos analisar um livro didático isolado do contexto em que seu autor escreve, bem como, dos princípios que este autor está imergido. Compreender a biografia do autor, editora e processo de concepção do livro didático, contribuem para chegarmos o mais perto possível da História, e com indícios históricos para ter um maior rigor científico. Nesse caso, nos apoiamos em Chartier (1990), ao se referir que o suporte da materialidade também contribui

para a leitura dos conteúdos grafados nos livros didáticos, a edição, o papel, o formato e tamanho do livro, a forma com que os conteúdos estão dispostos, a apresentação de imagens. Portanto, julgamos necessário essa análise a apresentação de nossas fontes, uma vez que, a leitura do conteúdo “Guerra do Paraguai” se dá através deste suporte material que é o livro didático. Todavia, enfrentamos algumas dificuldades durante a pesquisa, uma vez que, alguns livros foram acessados a partir de versões digitalizadas, o que dificultou a análise da materialidade dos livros. Em sendo assim, novamente podemos falar da importância dos laboratórios, bibliotecas e centros de pesquisas que se preocupam em conservar a materialidade dos livros didáticos, fator importantes para as pesquisas acerca da escrita.

Como apresentado, o contexto em que se insere cada autor que aqui foram citados, contribuíram para a produção dos respectivos livros didáticos. Ideias nacionalistas, religiosas, patrióticas, monarquistas ou republicanas são influências nas obras de cada autor. Destacamos também a mudança de postura de alguns autores de uma obra para a outra, bem como, a crítica de um autor para com os outros, como Helio Vianna, ou a forma que Jonathas Serrano critica os programas curriculares.

Outra discussão pertinente é a relação dos autores didáticos com o Colégio Pedro II e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, onde os autores didáticos circulavam entre estes dois ambientes, participando da escrita da Historiografia nacional, bem como da História enquanto conteúdo escolar. Freitas (2006) cita outra questão que é válida questionar, a respeito da presença de autores em conselhos, associação, ligadas as políticas públicas educacionais, como é o caso de Jonathas Serrano.

Em sendo assim, notamos também que, a construção dos programas curriculares passava pelo crivo de alguns desses autores, podendo ou não, estabelecerem influências para a produção dos livros didáticos, bem como a circulação dos mesmos durante várias décadas. Sabemos que havia uma fiscalização dos livros didáticos, a partir de 1930, isso se intensificou, o que ocorre em 1938, onde se cria uma comissão com vários especialistas para que avaliem os livros didáticos do Ensino Secundário, conforme Freitas (2006). Entretanto, há uma certos indícios que esta comissão não tenha dado conta da missão dada pelo executivo. Isso poderia ter influência na produção dos livros didáticos, bem como na fiscalização dos mesmos.

2 O CONTEÚDO HISTÓRICO ESCOLAR “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL E PROGRAMAS PARA O ENSINO SECUNDÁRIO (1882-1971)

Este capítulo tem por objetivo analisar como o conteúdo “Guerra do Paraguai” foi narrado cronologicamente nas obras didáticas selecionadas. Para tanto, identificamos o espaço destinado ao conteúdo “Guerra do Paraguai” as intenções explícitas e implícitas do autor, e a relação do conteúdo do livro didático com o programa curricular. Iniciamos apresentando a presença desse conteúdo escolar nos programas curriculares oficiais, passando para a sua proporção em páginas e imagens nos livros didáticos e em seguida, comentamos sobre a presença da Guerra do Paraguai em cada autor/obra.

Produzimos um quadro ilustrando a forma como o conteúdo “Guerra do Paraguai” foi indicado nos Programas de História do Brasil para o Ensino Secundário, entre 1882 a 1951, conforme apresentamos abaixo. Explicamos que apesar do nosso recorte temporal ir até 1971, com a Lei 5.692, que marca uma nova estrutura de tempo e currículo para no nível médio, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 4.024/1961, suprimiu a prescrição do currículo fixo e rígido para todo o território brasileiro, portanto, o quadro está delimitado pelo período em que currículo era prescrito em rede nacional.

Quadro 7 - Indicação do conteúdo "Guerra do Paraguai" nos programas para o Ensino Secundário³¹

| Ano do Programa/série | Conteúdo “Guerra do Paraguai” |
|-----------------------|---|
| 1882 – sétimo ano | Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay 1864 e 1865. Intervenção indebitado do dictador Solano Lopes. Guerra contra o Paraguay, 1864 a 1870 |
| 1892 – sétimo ano | Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay 1864 e 1865. Intervenção indebita do dictador Solano Lopes. Guerra Contra o Paraguay, 1864 a 1870 |
| 1893 – sétimo ano | Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay 1864 e 1865. Intervenção indebita do dictador Solano Lopes. Guerra Contra o Paraguay, 1864 a 1870 |
| 1895 – sétimo ano | Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay 1864 e 1865. Intervenção indebita do dictador Solano Lopes. Guerra Contra o Paraguay, 1864 a 1870 |
| 1898 – sexto ano | Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay (1864 – 1865). Intervenção indebita do dictador Solano Lopes. Guerra Contra o Paraguay, (1864 – 1870) |
| 1898 – sétimo ano | Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay (1864 – 1865). Intervenção indebita do dictador Solano Lopes. Guerra Contra o Paraguay, (1864 – 1870) ³² |

³¹ Conforme a ortografia apresentada no original.

³² No ano de 1898, o Conteúdo “Guerra do Paraguai” está presente no sexto e sétimo ano, pois, conforme Vechia e Lorenz (1998), o programa da disciplina de História do Brasil é recapitulado pelos professores no sétimo ano.

| | |
|-----------------------|---|
| 1912 | Não há indicação |
| 1915 | Não há indicação |
| 1926 – quinto anno | Guerra do Paraguay |
| 1929 – quinto anno | Guerra do Paraguay |
| 1931 – quinta série | Conflitos internacionais na América do Sul |
| 1942 – quarta série | A Guerra do Paraguai: principais vultos e episódios |
| 1943 – primeira série | Lutas externas |
| 1951 – terceira série | Política Externa do Segundo Reinado |

Fonte: Elaborado pelo autor de acordo com Vechia e Lorenz (1998) e Guy de Hollanda (1957).

Observamos que durante o século XIX o conteúdo “Guerra do Paraguai” era previsto no sexto e sétimo ano do secundário. Nenhuma alteração do conteúdo foi proposta neste século, mantendo a mesma indicação: “Guerra contra a República Oriental do Uruguay (1864 – 1865). Intervenção indébita do dictador Solano Lopes. Guerra contra o Paraguay (1864 – 1870)”. Nos anos de 1912 e 1915 não encontramos indicações do conteúdo “Guerra do Paraguai”, tão pouco a indicação de livros didáticos. Nossa hipótese é de que nesse período a disciplina de História tenha sido condensada em “História Universal”.

A partir dos anos 1920, o conteúdo compôs o currículo de História no quarto e quinto ano/série. Em outros momentos o tema esteve subentendido em conteúdos sobre o “Segundo Reinado” ou sobre as “lutas externas”. Notamos que, enquanto no século XIX a nomenclatura corrente era “Guerra contra o Paraguay”, no século XX o termo “Guerra do Paraguay” passa a ser mais usual. A preposição “do”, com a presença do artigo definido sugere a responsabilidade da guerra ao oponente, ou seja, ao Paraguai.

Criamos dois quadros para esboçar a forma como os conteúdos foram apresentados em cada um dos livros que selecionamos para o nosso *corpus*, como apresentamos abaixo, com o objetivo de apresentar o quantitativo proporcional do conteúdo “Guerra do Paraguai” por páginas e posteriormente por imagens. Cada quadro foi criado a partir da ordem crescente de ano de publicação das obras, da mais antiga a mais recente.

Quadro 8 – Proporção do conteúdo em relação a obra toda

| Título da obra/autor(ano) | Total de páginas | Páginas Paraguai |
|---|------------------|------------------|
| <i>História do Brazil</i> , Mattoso Maia (1886) | 415 | 32 (7,7%) |
| <i>História do Brazil</i> , Mattoso Maia (1908) | 400 | 31 (7,7%) |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo (1918) | 317 | 29 (9,1%) |
| <i>História do Brasil – Curso superior</i> , João Ribeiro (1928) | 543 | 15 (2,7%) |
| <i>História do Brasil</i> , Serrano (1931) | 580 | 22 (3,7%) |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , Veiga Cabral (1940) | 384 | 18 (4,6%) |
| <i>Epítome de História do Brasil</i> , Serrano (1941) | 252 | 02 (0,7%) |
| <i>História do Brasil</i> , Magalhães, (1942) | 222 | 24 (10,8%) |
| <i>História do Brasil para o quarto ano ginásial</i> , Joaquim Silva (1944) | 213 | 12 (5,6%) |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , João Ribeiro (1954) | 478 | 13 (2,7%) |

| | | |
|---|-----|-----------|
| <i>História do Brasil quarta série ginásial</i> , Hermida, (1956) | 222 | 08 (3,6%) |
| <i>História do Brasil – primeira série ginásial</i> , Hermida, (1957) | 222 | 05 (2,2%) |
| <i>História do Brasil para a quarta série ginásial</i> , Joaquim Silva (1959) | 317 | 11 (3,4%) |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo(1960) | 501 | 20 (3,9%) |
| <i>História do Brasil – vol. 2</i> , Helio Vianna (1962) | 289 | 11 (3,8%) |
| <i>História do Brasil curso superior</i> , João Ribeiro (1966) | 471 | 12 (2,5%) |
| <i>História do Brasil</i> , Jonathas Serrano(1968) | 587 | 22 (3,7%) |
| <i>História do Brasil para o curso Médio</i> , Joaquim Silva (1969) | 361 | 10(2,7%) |

Fonte: elaborado pelo autor

No que diz respeito à proporção de páginas dedicadas ao tema em cada obra, Magalhães (1942) aparece com o maior número de páginas do conteúdo em questão, tendo um percentual de 10,8 % do livro completo. Em segundo lugar destaca-se Rocha Pombo (1918), com 9,1 % do livro como um todo. Mattoso Maia (1886, 1908) ocupa o terceiro lugar, com 7,7%. Joaquim Silva (1944) ocupa 5,7% de seu livro para com o conteúdo “Guerra do Paraguai”. Em contraposição a estes destaques, Serrano (1941) tem inexpressivos 0,7 % de seu livro dados para o conflito em questão. Sabendo da importância da análise como um todo, destacamos três aspectos que chamam atenção em nosso quadro, em ordem crescente. O primeiro é o destaque proporcional que os livros didáticos de Mattoso Maia(1886,1908) e Rocha Pombo (1918) dão para a guerra, o segundo é o pequeno índice do conteúdo “Guerra do Paraguai” em Serrano (1941), e o aumento proporcional em 1942 com o livro didático de Magalhães.

Notamos que os livros didáticos considerados como militares/patrióticos, no caso de Mattoso Maia (1886, 1908), se valeram de dar destaque ao conflito, bem como na ênfase aos “grandes heróis” do Brasil, por aqueles que participaram da “Guerra do Paraguai”, caso de Maia. Nesse contexto, a guerra teve destaque, pois percebemos uma alta proporção nas obras de Maia.

A primeira versão oficial é aquela propagada pelo exército brasileiro, que tinha como principal tendência apresentar o Brasil como o glorioso vencedor da guerra. Tais estudos privilegiavam, em seus enfoques, estratégias de guerra e enaltecimento de seus comandantes militares, a exemplo do Duque de Caxias e do Conde D’Eu. Cabe aqui lembrar que esse era o momento em que a escrita da História estava centrada nos grandes homens, nos chamados heróis nacionais. Nessa perspectiva, podemos perceber, de maneira mais evidente, a questão da identidade nacional intrincada nas narrativas desta vertente historiográfica. (SALLES, 2015, p.30)

O que vem de encontro com o cenário da História do Brasil enquanto disciplina escolar

A História do Brasil nos cursos secundários foi constituída de forma mais complexa. No Colégio Pedro II e nos liceus provinciais, com vários professores sócios dos Institutos Históricos e Geográficos que se espalhavam pelo país com objetivos de “compor uma história nacional”, foram sendo elaborados os currículos da História da nação como disciplina autônoma. (BITTENCOURT, 2018, p. 138)

Sendo assim, a “Guerra do Paraguai” é destaque, para que Mattoso Maia afirma a participação dos grandes heróis da nação brasileira, para que se justifique o conflito sul-americano, bem como percebemos os estereótipos criados para o Paraguai, como um grande inimigo. Lembrando que, os estereótipos que aqui citamos, são dados a Solano Lopez, e não ao povo paraguaio, uma vez que, autores como Mattoso Maia concebem Solano Lopez como o próprio país Paraguai, conforme Salles (2015).

Vale salientar o que verificamos em Serrano (1941), livro didático que teve a menor proporção de conteúdo. Os 0,7 % que identificamos no quadro 8 são dados por várias questões, entretanto, destacamos algumas características deste livro, uma é que o autor adota uma postura pacifista (MOREIRA, 2019). No próprio livro de 1941, o autor afirma que não é necessário dar destaque para guerras ou ódio aos estrangeiros. Lembrando que, o mundo estava em plena Segunda Guerra Mundial, o que poderia influenciar na obra de Serrano, pois no geral, duas páginas de conteúdo é inexpressivo ao depararmos com os outros livros, sendo uma das hipóteses para tal, a ideia de Jonathas Serrano em não querer se valer das guerras para apresentar a História do Brasil.

Em terceiro lugar, mas não menos importante, vemos o destaque do livro didático de Magalhães (1942) com 10,8 % de proporção ao livro todo, é o autor que mais dedica parte de seu livro ao conteúdo “Guerra do Paraguai”. Os indícios que nos levam a compreender e analisar esse fato, se relaciona com o momento em que a disciplina de História do Brasil está passando enquanto componente curricular, a saber.

O retorno da História do Brasil como disciplina autônoma ocorreu pela Reforma Capanema de 1942, com uma renovação curricular fundamentada nas Humanidades modernas, sob princípios de um nacionalismo patriótico e cívico, cujo conteúdo foi distribuído em várias séries, mas, manteve o referencial da civilização europeia. (BITTENCOURT, 2018, p.139)

A História do Brasil, enquanto disciplina autônoma retorna em 1942, esse seria outro quesito para que o autor desse destaque aos conteúdos de História do Brasil. Em oposição a Serrano (1941), Magalhães não se preocupa em tratar de guerras, haja vista que este é o autor que concede maior visibilidade para a “Guerra do Paraguai”.

Para analisarmos a proporção das imagens de cada livro didático selecionado, criamos o quadro abaixo, no qual, em ordem crescente, identificamos o número total de imagens e número de imagens no conteúdo “Guerra do Paraguai”.

Quadro 9 – Proporção de imagens em relação a obra toda

| Título da obra/autor(ano) | Imagens gerais | Imagens Paraguai |
|---|-----------------------|-------------------------|
| <i>História do Brasil</i> , Mattoso Maia (1886) | nenhuma | nenhuma |
| <i>História do Brasil</i> , Mattoso Maia (1908) | nenhuma | nenhuma |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo (1918) | 186 | 28 (15,0 %) |
| <i>História do Brasil – Curso superior</i> , João Ribeiro (1928) | nenhuma | nenhuma |
| <i>História do Brasil</i> , Serrano (1931) | 125 | 07(5,6%) |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , Veiga Cabral (1940) | 174 | 16 (9,1%) |
| <i>Epítome de História do Brasil</i> , Serrano (1941) | 91 | nenhuma |
| <i>História do Brasil</i> , Magalhães, (1942) | 80 | 12 (15%) |
| <i>História do Brasil para o quarto ano ginásial</i> , Joaquim Silva (1944) | 31 | 04 (12,9) |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , João Ribeiro (1954) | * ³³ | nenhuma |
| <i>História do Brasil quarta série ginásial</i> , Hermida, (1956) | 18 | 01 (5,5) |
| <i>História do Brasil – primeira série ginásial</i> , Hermida, (1957) | 60 | nenhuma |
| <i>História do Brasil para a quarta série ginásial</i> , Joaquim Silva (1959) | 71 | 05 (7,0%) |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo(1960) | * | 05 |
| <i>História do Brasil – vol. 2</i> , Helio Vianna (1962) | 95 | 04 ³⁴ (4,2%) |
| <i>História do Brasil curso superior</i> , João Ribeiro (1966) | nenhuma | nenhuma |
| <i>História do Brasil</i> , Jonathas Serrano(1968) | * | 04 |
| <i>História do Brasil para o curso Médio</i> , Joaquim Silva (1969) | * | 05 |

Fonte: elaborado pelo autor

Ao analisarmos a presença de imagens relacionados ao conteúdo analisado, percebemos uma certa escassez, onde 07 livros não apresentam nenhuma imagem. Por outro lado, as obras de Magalhães, Veiga Cabral, Joaquim Silva e Rocha Pombo trazem um grande número de imagens, dando riqueza ao texto e uma nova metodologia para o ensino da guerra. No que diz respeito ao percentual, Rocha Pombo (1918) com 15%, Magalhães (1942) 15%, Joaquim Silva(1944) 12,9% e Veiga Cabral (1940) com 9,1%. Notamos a grande proporção de imagens da Guerra a partir dos anos 1930. Um indício seriam as mudanças para com a produção de livros didáticos, onde notamos que

As mudanças na distribuição dos conteúdos e na seriação da disciplina História do Brasil no curso secundário, a partir do programa de ensino de 1931, ao influenciarem a edição dos livros didáticos contribuíram para a expansão da indústria livreira. Tal expansão contribuiu para o aperfeiçoamento da indústria gráfica no Brasil e consequente modificação das características materiais das edições escolares no que se refere à aparência, resistência do livro e disposição do conteúdo. (MOREIRA, 2019, p. 78)

³³ Quanto aos livros selecionados da Biblioteca de livros didáticos da USP – LIVRES – o primeiro contato que tivemos, optamos por digitalizar somente o conteúdo “Guerra do Paraguai”, capas, prefácios e índices, pois não tivemos tempo hábil em nossa visita de campo na cidade de São Paulo. Portanto, não demos os dados completos do número de imagens que cada um desses livros contem.

³⁴ Uma peculiaridade do livro didático de Hélio Vianna (1962), é que para além do capítulo reservado para a discussão do conteúdo “Guerra do Paraguai”, o autor discute a temática em outro capítulo ao tratar da presença do Imperador. Isso se dá no capítulo LXVII.*

Essa seria uma das hipóteses para que houvesse um aumento do número de imagens nos livros, o que pressupõe as mudanças das características dos livros didáticos, os aspectos físicos e a disposição do conteúdo. Outras evidências fizeram com que identificássemos mudanças nas características dos livros didáticos, nesse caso, o uso de imagens, que foi a criação da Comissão Nacional do Livro Didáticos³⁵, onde ficou proibida a adoção oficial dos livros, gerando concorrência, surgimento de novos autores e autonomia do professor, como salienta Moreira (2019).

Portanto, analisamos como cada autor apresenta o conteúdo “Guerra do Paraguai” em cada livro didático selecionado.

2.1 Luiz de Queiroz Mattoso Maia, Lições de História do Brasil (1886 e 1908)

Mattoso Maia no livro didático de 1886, que contém 39 lições, apresenta o conteúdo “Guerra do Paraguai” na lição XXXIX, ou seja, a última lição do livro. Maia trata o fato desde seus precedentes até a Intervenção de Francisco Solano Lopez, nesta Lição há também os conteúdos “Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay”, “Intervenção Indebita de Francisco Solano Lopes”, “Guerra contra o Paraguai” e “Organizações Ministeriaes do Brazil”. Percebemos as semelhanças com os programas curriculares ao indicarem o conteúdo “Guerra do Paraguai”, conforme o quadro apresentado acima. Nesse caso, é nítido levantamos a hipótese desta obra ter influenciado na construção dos programas curriculares, o que era comum acontecer, como Moreira (2019) e Gasparello (2002), evidenciam que várias obras em que os programas foram formados a partir de seus livros, como notamos, isso se dava até os a década de 1940.

Conforme Maia (1886), na Lição XXXIX, por uma questão didática, o conteúdo é dividido em cinco períodos, a saber: 1º Período – Acontecimentos até a rendição de Uruguayana, 2º Período – Commando em Chefe do General Osorio, 3º Período – Idem do General Polydóro. 4º Idem do M. de Caxias, 5º Período – Idem de S. A. o Sr. Conde d’Eu.

Ao discorrer sobre o conteúdo da guerra, Maia (1886) não apresenta nenhuma imagem, entretanto, há a indicação da obra de Taunay “A Retirada da Laguna”, a qual o mesmo chama de “interessantíssima”.

³⁵ Como parte das mudanças em torno da produção e editoração de livros didáticos no Brasil a partir da década de 1930, a Comissão Nacional do Livro Didático, criada em 1938, proibiu a adoção oficial dos livros didáticos. A medida foi justificada com a afirmação de que assim estariam preservando a liberdade de escolha do professor e evitando favorecimentos na escolha de títulos. (MOREIRA, 2019, p.66)

Destacamos a presença de dois quadros, entre as páginas 368 e 369. O primeiro, intitulado, “Navios Brasileiros que tomaram parte no combate Naval de Riachuelo”, e o segundo, “Forças Paraguaias comandadas pelo capitão de fragata Meza”. Maia tenta comparar as forças entre Paraguai e Brasil, comparando o poderio de armas e navios de ambos os países. Conforme mostramos abaixo, o autor afirma que o Brasil estava em desvantagem em relação ao Paraguai.

(a) Navios Brasileiros que tomaram parte no combate naval de Riachuelo. Divisão da esquadra, Commandante chefe de divisão Francisco Manoel Barroso, com a insígnia na fragata Amazonas. Amazonas, comm. Capitão de Fragata Theotônio Raymundo de Brito (6 bocas de fogo, 462 guarnições). Iguatemy, comm. 1º Tenente Justino José de Macedo Coimbra (5 bocas de fogo, 213 guarnições). Parahyba, comm. Capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá (7 bocas de fogo, 263 guarnições). Araguay, comm. 1º tenente Antonio Luiz Von Hoonholtz (4 bocas de fogo, 172 guarnições). Mearim, comm. 1º Tenente Eliziario José Barbosa (7 bocas de fogo, 192 guarnições). 3ª Divisão da esquadra, comm, capitão mar e guerra José Secundino Gomesoro, com a insígnia Jequintinhonha: Jequintinhonha, comm. Capitão-tenente Joaquim José Pinto (8 bocas de fogo, 286 guarnições). Beberibe, comm. Capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Santa Anna (7 bocas de fogo, 324 guarnições). Belmonte, comm, 1º Tenente Joaquim Francisco de Abreu (8 bocas de fogo, 204 guarnições). Ypiranga, comm. 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho (7 bocas de fogo, 171 guarnições). Total de 59 bocas de fogo e 2287 guarnições. (MAIA, 1886, p. 368)

Em contrapartida, o segundo quadro apresenta como forma de medir as forças paraguaias e brasileiras.

Forças paraguaias comandadas pelo capitão Fragata Meza, com a insígnia “Tacuary”. Tacuary, comm. Capitão fragata Martinez (bocas de fogo 8). Paraguay, comm. Capitão de fragata Alonzo (8 bocas de fogo), tendo o Rangel a bombordo. Iguarey, comm. Capitão de fragata Cabral (7 bocas de fogo). Iporá, comm. Capitão corveta Ortiz (4 bocas de fogo). Marquez de Olinda, comm. Tenente Robles (4 bocas de fogo). Jejuy, comm. Tenente Aniceto Lopes (2 bocas de fogo). Salto Oriental, comm, tenente Alcaraz (4 bocas de fogo). Pirabebé, comm. Tenente Pereira (1 boca de fogo). 7 baterias fluctuantes comandadas cada uma por 1 tenente de artilharia (7 bocas de fogo). Total 45 bocas de fogo e 3000 homens. Bateria na barranca e fuzileiros do coronel Bruguez (22 bocas de fogo e 2000 homens). Total 67 bocas de fogo e 5000 homens. (MAIA, 1886, p. 369).

Os indícios nos levam a entender o livro didático de Mattoso Maia como uma narrativa patriótica, conforme Squinelo (2011). Os títulos dos períodos, apresentados por Maia, indicam a representação formada a partir dos militares, uma vez que, cada título faz referência aos militares, narrando às ações dos mesmos nos principais acontecimentos do conflito em questão.

Brazil (2012), ao trabalhar o conflito e as contribuições para o ensino de História, afirma que, os livros didáticos de História, muitas vezes, ao se dedicarem à “Guerra do Paraguai”,

“nublam” ou deixam de citar questões relacionadas ao início do conflito, se referenciando à ligação do mesmo ao antigo sul de Mato Grosso. Nesse caso, a pesquisadora afirma que os conteúdos apresentados não dão ênfase às fases iniciais do conflito, aquelas que estariam ligadas à região da qual falamos. Em Maia (1886) identificamos, de forma rápida, na página 366, a citação das regiões do Antigo Sul de Mato Grosso, Dourados, Coxim, Miranda, Corumbá, Albuquerque, Nioaque, etc. Contudo, se volta aos interesses e discursos no qual a “Guerra do Paraguai” foi apropriada, para legitimar uma nação e uma identidade.

A formação do índice do livro de 1886, disponível no apêndice, quando analisamos a lição XXXIX, referente ao conteúdo “Guerra do Paraguai”, notamos que os mesmos estão *Ipsis litteris*, o que nos dá indícios de que os livros didáticos e os programas curriculares tinham uma relação em suas produções e edições. A lição XXXIX do livro de 1886 é formada por “Guerra contra a Banda Oriental na Republica Oriental do Uruguay, 1864 a 1865. Intervenção indebita do dictador Francisco Solano Lopes. Guerra contra o Paraguay” (MAIA, 1886, p.11), da mesma forma que se encontra no tópico 35 do programa de História do Brasil de 1882. Outro indício que permeia essa hipótese é a indicação do livro de Mattoso Maia ao final da apresentação do programa. Lembrando que neste momento a disciplina de História do Brasil estava junto Chorographia do Brasil, formando uma só disciplina, como mostramos abaixo.

Ao nos depararmos com o livro didático de 1908, sendo ele a 6ª edição, não identificamos mudanças no teor do conteúdo apresentado. Maia narra da mesma forma os acontecimentos, apresentando os mesmos quadros, bem como a forma que o conteúdo é dividido em períodos, sendo intitulados pelos nomes dos comandantes brasileiros. Porém, neste livro didático, a lição XXXIX não é a última, sendo a lição XL a última do livro, que trata da continuação do reinado de D. Pedro II e a proclamação da República.

Mesmo se passando 22 anos de uma edição para a outra, o conteúdo “Guerra do Paraguai” não teve mudanças, nem adições. Ao compararmos com o quadro oito, a indicação do conteúdo “Guerra do Paraguai” não sofre alterações de acordo com os programas de ensino para a Escola Secundária (1882, 1892, 1893, 1895 e 1898) como apresentam Vechia e Lorenz (1998).

Nesse movimento de serem autores de livros didáticos, professores e também alguns sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, muitos desses autores também escreviam os programas de ensino. Há evidências para isso, como mostramos nos trechos a seguir. O primeiro trecho é fragmento do índice do livro didático de Maia (1908).

XXXVIII.- 1º Ministério depois da Maioridade. – Movimentos revolucionários em Minas Geraes e em S. Paulo, 1842. – Pacificação da província do Rio Grande do Sul,

1845. - Revolução Praieira em Pernambuco, 1848. – Guerra do Rio da Prata contra Oribe e Rosas, 1851-1852. – Tratado de 6 de abril de 1856 com o Paraguay. – Questão Anglo-brazileira Christie. 1862. XXXIX. - Guerra contra a Republica Oriental do Uruguay, 1864-1865. – Intervenção indébita do Dictador Francisco Solano Lopes. – Guerra contra o Paraguay, 1864-1870. (MAIA, 1908. P. 399)

Da mesma forma, se apresenta nos programas curriculares, conforme abaixo:

38. Ministério depois da Maioridade. –Movimentos revolucionários em Minas Geraes e em S. Paulo, 1842. Pacificação da província do Rio Grande do Sul, 1845. Revolução Praieira em Pernambuco, 1848. Guerra do Rio da Prata contra Oribe e Rosas, 1851-1852. Tratado de 6 de abril de 1856 com o Paraguay. Questão Anglo-brazileira Christie. 1862. 39. Guerra contra a Republica do Uruguay, (1864-1865). Intervenção indebita do dictador Francisco Solano Lopes. Guerra contra o Paraguay (1864-1870). 40. Continuação do Reinado de D. Pedro II até a proclamação da Republica. LIVROS: Lições de História do Brazil, pelo Dr. Mattoso Maia, 5ª Edição. (VECHIA e LORENZ, 1998, p.180)

Como vemos nos trechos, o programa de ensino é idêntico ao índice do Livro de Mattoso Maia (1886, 1908). As hipóteses que podemos levantar são, até que ponto os conteúdos dos programas de ensino estavam ligados aos autores de livros didáticos, os livros didáticos estavam mesmo de acordo com os Programas de Ensino ou eram os programas que se configuravam para atender um determinado livro. O que podemos salientar é que, os primeiros autores de livros didáticos estavam presentes nos ambientes em que se produziam os livros, bem como nos que se produziam os programas de ensino, conforme Bittencourt (2004).

A “Guerra do Paraguai” em Mattoso Maia (1886,1908) apresenta elementos que tangenciam a construção de uma identidade nacional, voltada para o destaque do exército, para estratégias de guerra, para caracterização das batalhas e das tropas, ou seja, do poder do Brasil durante a Guerra, como destaca Salles (2015)

A interpretação mencionada não responsabilizava diretamente o povo paraguaio, pois, conforme a mesma, a população desse país, assim como o Império brasileiro, também era vítima das ânsias do tirano megalômano, que tinha a intenção de expandir seus domínios para outras regiões, a exemplo do Rio da Prata. Cabe aqui lembrar, novamente, que o momento dessa escrita histórica foi a dos grandes homens, isso valia tanto para aqueles a serem enaltecidos, como demonizados. Assim, para essa primeira historiografia, a causa primordial da guerra passa a ser associada à figura de Francisco Solano López. (p.30)

Os vários adjetivos dados a Solano López, em sua maioria negativos, evidenciavam também esta escrita patriótica e memorialística. E como veremos adiante, permaneceu durante muitos anos nos livros didáticos de História do Brasil.

2.2 Rocha Pombo, *História do Brasil para o ensino secundário* (1918), *História do Brasil* (1958) e (1960)

O livro didático de Rocha Pombo de 1918, conta com 89 lições, dentre as quais, oito delas são destinadas a apresentar o conteúdo “Guerra do Paraguai”. A primeira lição traça a conjuntura anterior ao conflito, tendo como título “Complicações do Prata” (lição LXXVII). Posteriormente, sete lições intituladas “Guerra contra o ditador do Paraguai” discorrem sobre os fatos do conflito.

Cada lição apresenta elementos de um determinado fato ligado à guerra. Em primeiro lugar, chamamos à atenção para o grande número de imagens. Um total de 34 imagens, sendo elas das batalhas e de comandantes do Brasil e Paraguai, sendo todas em preto e branco, o que nos remete a capa do livro que indica apresentar “muitos mapas históricos e gravuras explicativas”.

Há ausência de atividades e quadros. No que diz respeito à “região sul de Mato Grosso Uno³⁶” Pombo (1918), relata que as regiões de Dourados, Albuquerque, Miranda e Corumbá, foram invadidas pelas tropas paraguaias, uma vez que, se viam desguarnecidas.

Um dos momentos destacados por Rocha Pombo é a Batalha do Riachuelo. Notamos o esforço para salientar a bravura, o esforço e até mesmo a “formidável” participação das forças brasileiras na batalha. Desta forma, Rocha Pombo enfatiza que se não fosse pela intervenção brasileira, “haveria o maior desastre militar da história americana”(ROCHA POMBO, 1918, p.259). Em todos os momentos, tropas brasileiras são adjetivadas como sendo “grandes heróis da nação e da História”(p.260). Da mesma forma, as lições realçam que o conflito foi “contra o ditador do Paraguai”.

Ao contrário de Mattoso Maia, Rocha Pombo (1918) constrói este livro didático em busca de “aliviar a massa de fatos” e “reduzir a narração aos sucessos mais significativos”. Para o autor, deve-se haver um esforço para se criar gosto pela História e, é a partir desse gosto pela História nacional que se cria um espírito de povo. A patriotismo é enaltecido no livro didático de Rocha Pombo, ele diz que o seu trabalho e esforço está em mostrar como a história é bela, como a pátria é feita, e em sendo assim, “quando defendida e honrada pelos nossos maiores, é digna do nosso culto”(p.270). Nesse caso, os militares são colocados como os grandes heróis da História do Brasil, que merecem o culto da sociedade. Rocha Pombo se declara um patriota,

³⁶ Mato Grosso uno refere-se ao Estado antes da divisão territorial, que aconteceu em 1977, com a Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro, data de criação do estado de Mato Grosso do Sul.

que tem por objetivo contar as glórias do exército brasileiro, caso que ocorre neste livro, pois o maior destaque de lições está posto para a “Guerra do Paraguai”.

Nos livros didáticos de 1958 e 1960, revisados/revistos e atualizados por Helio Vianna 20 páginas são destinadas a apresentar o conteúdo “Guerra do Paraguai”, estando no capítulo XXI da obra analisada, entra às páginas 432 a 449. Os tópicos são divididos em “Nova Intervenção no Uruguai”, “Guerra Contra López” e “Têrmo de Guerra contra López”. Ao discorrer o conteúdo, Rocha Pombo apresenta cinco imagens acerca do conflito. O que nos chama atenção é o destaque que o mesmo dá para Francisco Solano López, na imagem que se apresenta na página 441.

Figura 19 - Francisco Solano López, Rocha Pombo (1958)



Fonte: Rocha Pombo (1958, p. 441).

Os indícios que temos são os esforços que o autor tem para destacar a imagem de López, sendo o ditador, uma vez que, nenhum dos comandantes brasileiros são apresentados com imagens, somente López, diferente da obra de 1918, onde além de López, vários comandantes brasileiros são representados nas imagens. Por serem livros póstumos, notamos diferenças no que diz respeito aos “grandes heróis” com os quais Rocha Pombo tinha objetivo de vangloriar. No caso de Rocha Pombo, há uma perpetuação de seus livros a partir de novos escritores, vimos que estes livros tiveram várias reedições e longa permanência no mercado editorial de livros didáticos. São perceptíveis características de uma escrita patriótica, estabelecendo elementos que vão vangloriar os soldados a comandantes brasileiros, como tal percebemos termos que destacam a bravura dos brasileiros, que citam as grandes batalhas, etc.

2.3 João Ribeiro, *História do Brasil Curso Superior* (1928, 1954 e 1966)

João Ribeiro (1928) se propõe a escrever um livro que vá de encontro com as tradições dos antigos cronistas e historiadores brasileiros, embasando-se na ideia de que é necessário retornar a tais tradições e deixar de lado as influências europeias.

O livro didático de João Ribeiro de 1928, apresenta 12 capítulos, sendo o capítulo 10 e 11, entre às páginas 499 a 512, destinados a apresentar o conteúdo “Guerra do Paraguai”. Mesmo sendo indicado a partir do programa de 1915 conforme Vechia e Lorenz (1998), os índices do livro e o programa de História do Brasil não são iguais, mas se assemelham.

O Capítulo 10 tem como título “Causas da Guerra do Paraguay”, Ribeiro apresenta a conjuntura social e as relações entre os Estados do Prata, colocando em voga a falta de lealdade e incompatibilidade do Brasil para com estes Estados. Em sendo assim, neste capítulo, são traçados os envolvimento anteriores ao conflito.

10 – Causas da Guerra do Paraguay. Depois de largo período de paz em que é preciso assignalar entre outras conquistas o progresso a supressão do tráfico, effectiva desde 1850, e as primeiras linhas de navegação a vapor trans-oceanicas e fluviais e o telegrapho, que fortaleceram e consolidaram a unidade do governo e da nacionalidade, o Brasil é arrastado de novo á política (inevitável e pocuo justificável, dissemos) de supremacia sobre os estados do Sul. (RIBEIRO, 1928, p. 498).

No capítulo 11 “Guerra do Paraguay”, é apresentado a guerra e suas causas. Destacamos a forma com que Ribeiro representa Solano Lopez, afirmando que Lopez é um “ditador perspicaz”, e que a partir de uma construção feita no Brasil, perdendo o heroísmo que a história o teria concedido.

O conteúdo, desta forma, se configura em uma narrativa, não apresentando imagens. Destacamos a ausência de elementos relacionados à região do Antigo Sul de Mato Grosso Uno, evidência que vemos um silenciamento da história regional.

João Ribeiro, ao finalizar este capítulo, afirma que o conflito merecia maior aprofundamento por ser a maior guerra da América do Sul. O autor diz que o livro didático não torna possível um maior aprofundamento do conteúdo, bem como, indica que naquele período já há várias versões do final da guerra. Podemos visualizar tal posicionamento, como uma crítica aos moldes dos livros didáticos deste período, pensando a forma com que os mesmos deveriam ser formulados, como também para qual público o mesmo se destinava, conforme apresentamos.

A guerra do Paraguay, a mais importante da America do Sul, mereceria maiores desenvolvimento pela importancia dos successos a que só imperfeitamente alludimos. A natureza deste livro escolar impõe-se limites estrictees e aconselhamos aos nossos leitores a leitura do IV tomo da Historia do Padre R. Galanti no que espeita a minucias e particularidades. (RIBEIRO, 1928, p. 498).

Uma particularidade dos textos de João Ribeiro é começar pelas causas da “Guerra do Paraguai”. As obras de 1954 e 1966 são póstumas. Mesmo sendo edições revisitadas, observamos que os conteúdos da “Guerra do Paraguai” em ambas as edições são idênticos, quando analisamos os livros de 1928, 1954 e 1966. Um exemplo disso é que a citação acima (RIBEIRO, 1928, p, 498) se repete *ipsis literi* nas edições de 1954 (p. 405) e 1966 (mesma página).

Conforme visto nos livros, há uma permanência acerca do conteúdo “Guerra do Paraguai”, o que de fato Bernardes (2010) destaca na disciplina de História como um todo pois, pouco se vê mudanças nos conteúdos.

As edições revisadas por Joaquim Ribeiro, não modificaram o conteúdo “Guerra do Paraguai”, mantendo sua totalidade. Vemos que não houveram mudanças. O que se vê, é que não há muitas especificações acerca do conflito nos programas, o que se reflete nos livros didáticos aqui apresentados.

2.4 Jonathas Serrano, *História do Brasil* (1931) e *Epítome de História do Brasil* (1941)

A priori, é necessário entender a colocação de Jonathas Serrano enquanto autor de livros didáticos e, particularmente nessas duas obras, o autor explica que não tem a pretensão de seguir os programas curriculares. Em *História do Brasil* de (1931), uma característica peculiar de Serrano é apresentar dois índices, sendo um o índice de capítulos e outro o índice geral. O índice geral apresenta de forma detalhada o que há em cada capítulo. “XXXII – A politica exterior e as lutas no Prata 370. XXXIII – Guerra do Paraguay 384. XXXIV – A política Interna do Imperio 406. XXXV – A Abolição 421”. (SERRANO, 1931. p. 5). Já no índice geral Serrano detalha cada conteúdo.

XXXIII – Guerra do Paraguay – Causa da Guerra. Captura do Marquês de Olinda. O forte de Nova Coimbra. A triplice Aliança. Abatalha do Riachuelo. Rendição Uruguayana. Do Passo da Patria a Curupiti. A retirada da Laguna. Comando em chefe de Caxias. Itororó. A Dezembroada. Ultima phase da guerra. Anecdota. Leitura (O guia Lopes). Synopse chronologica. Bibliographia. (SERRANO, 1931, p.11)

Como podemos observar, Serrano (1931) apresenta o conteúdo “Guerra do Paraguai” no capítulo XXXIII, apresentando 16 tópicos durante o capítulo, que apresentamos a seguir: “Causas da guerra, Captura do Marquês de Olinda, O forte de Nova Coimbra, A tríplice aliança, A Batalha do Riachuelo, Rendição de Uruguayana, Do Passo da Patria Currupaiti, A retirada da Laguna, Comando em chefe de Caxias, Itororó, A Dezembrada, Ultima phase da guerra, Anecdota, Leitura (O guia Lopes), Synopses chronologica e Bibliographia”.

O autor define o conflito como um marco para a História Contemporânea, marcando o apogeu do Império, mas sendo também a causa de sua queda. Características importantes se dão ao final do capítulo, em que Serrano apresenta uma anedota acerca da guerra, bem como trechos de leituras complementares, sinopses dos principais acontecimentos e a bibliografia. Ao concluir o capítulo, o autor classifica a guerra como um grande prejuízo para o Brasil, as vidas foram sacrificadas, apresentando uma visão de negação a qualquer forma de conflito armado.

Representava a guerra um prejuízo enorme para o Brasil: milhares de contos e de vidas preciosas sacrificadas no campo de batalha. Nada lucramos, a não ser a desafrenta de nosso brio. Para o Paraguay foi também a ruína, e quase total. A loucura de Lopez levara seu povo aos limites da miséria e do soffrimento. (SERRANO, 1931, p. 402).

Serrano (1941), de certa forma, critica os programas curriculares oficiais ao afirmar que “nenhum destes dois livros obedece cegamente a programas” (p.1). De certa forma, Serrano não estava confortável em seguir os programas curriculares indicados para o ensino secundário, como notamos entre os conteúdos apresentados em seus livros em relação a outros autores. O que nos remete a esta crítica aos programas, encontramos logo nas primeiras páginas de *Epítome de História do Brasil (1941)*, onde encontramos “Um programa nada vale sem um espírito que o anime, o fecunde e o faça frutificar (Claparède). Esse programa vivo é, deverá ser, dentro da própria capacidade, cada professor”. O renomado autor de livros didáticos critica os programas oficiais de ensino, argumentando que o professor tem o papel de definir o programa e conteúdos de seus alunos, o professor deve julgar o que é necessário, de tal forma que o professor é um programa vivo.

Os elementos e argumentos de Serrano remontam sua desaprovação às guerras, como já identificamos em suas obras, onde o mesmo não acha oportuno fazer apologias aos conflitos armados, tal característica se deu tanto por sua formação católica, como também por estar em no período da Segunda Guerra Mundial 1939-1945, Serrano adota uma postura pacifista, como

aborda Moreira (2019). Para ele, o Brasil não teve lucro, no qual, percebemos uma mudança na concepção da “Guerra do Paraguai” a partir deste autor.

O verdadeiro nacionalismo não é jacobinismo insensato, que prega ódio ao estrangeiro, é o culto da língua, das tradições, dos traços característicos da pátria; é o combate à imitação servil dos costumes de outras gentes; é o esforço inteligente e bem orientado para que se mantenha a coesão nacional. (SERRANO, 1941, p. 2).

Identificamos elementos religiosos que saltam aos nossos olhos ao lermos Serrano, exemplos disso são os usos das palavras oxalá, esperança, cristianismo, benevolência, etc. Nesse sentido, o autor diz que seu objetivo é dar “vultos” dos principais acontecimentos aos estudantes, para que os mesmos tenham a capacidade de escolher o que seria mais significativo. A metodologia de Serrano se faz inovadora, pois, ao contrário de muitos autores, ele tenta dar um novo formato para o ensino de História, entretanto, as lacunas surgem ao ocultar conteúdos importantes para a História do Brasil. Em *Epítome de História do Brasil* (1941), o conteúdo “Guerra do Paraguai”, não tem quase nenhuma expressão. São somente duas páginas destinadas ao mesmo, onde se parece mais com uma sinopse. Conforme o tópico “Explicação Necessário”, no início de seu livro, Serrano argumenta que as guerras não deveriam ser colocadas como destaque. Serrano prometeu e cumpriu, a “Guerra do Paraguai” brevemente apresentada e sem aprofundamento, o autor quase que apaga tal acontecimento. O que podemos observar é a vontade de execrar o acontecimento da História Brasileira, como ele mesmo classifica como uma guerra mortífera.

2.5 Mario Vasconcellos da Veiga Cabral, *História do Brasil – Curso Superior* (1940)

Veiga Cabral apresenta o conteúdo “Guerra do Paraguai” no capítulo XXIX de seu livro, que tem por título “Novas Lutas no Prata. Aguirre e Venancio Flores. Guerra do Paraguay”.

Ao nos depararmos com as imagens presentes no corpo do texto, percebemos que Veiga Cabral, como já explicitado, usa de muitas imagens no conteúdo “Guerra do Paraguai”, lugar onde narra os principais fatos do conflito e exemplificando com os “grandes heróis” ou inimigos no conflito, a partir das imagens.

Accusaram alguns do governo de D. Pedro II por ter aceito essa guerra, que julgavam evitável. Não Somos desse pensar. Depois da serie de hostilidades praticadas por Lopez contra a nossa soberania, só poderíamos responder – como o grande Floriano Peixoto respondeu um dia aos que o interrogaram como receberia o desembarque de

tropas estrangeiras, a pretexto de garantir interesses: á bala!. (CABRAL, 1940, p. 245).

Para Veiga Cabral, a guerra era necessária, inevitável colocando Solano Lopez como grande inimigo do Brasil, uma vez que, apoiava o tratamento “á bala”. Este fragmento pode indicar o motivo da imagem de Lopez ser a última apresentada no capítulo, bem como, a afirmação do mesmo ao dizer que a guerra não foi contra o Paraguai, mas sim, contra Solano Lopez. Conforme Cabral (1940, p. 246): “O Brasil fez a guerra a Solano Lopez e não ao povo paraguayo, o que bem se traduz do cabeçalho das nossas ordens do dia: Commando em chefe do Exército em operações contra o governo do Paraguay”. Solano Lopez, o “dictador, era o governo do Paraguay.”

Para efeito de elucidar algumas questões acerca da organização dos conteúdos na obra de Veiga Cabral, percebemos pouco destaque no índice da obra em anexo, mesmo o conteúdo sendo trabalhado em várias páginas no decorrer do livro.

2.6 Basílio de Magalhães, *História do Brasil* (1942)

Em *História do Brasil* (1942), o qual se destina a 5ª série ginásial, Basílio de Magalhães destaca em seu prefácio que o livro didático está de acordo com o programa oficial de história do Brasil. O livro possui 50 lições, e conforme o próprio autor, a obra se destina ao instituto de educação.

No que diz respeito ao conteúdo “Guerra do Paraguai”, Magalhães inicia o texto classificando o conflito como a “mais longa e mais profiosa campanha externa”(p.133). De fato, como já vimos, a “Guerra do Paraguai” foi o maior conflito em que o Brasil esteve envolvido, durante 1864 a 1870, mudando a vida e o rumo dos países envolvidos. É com essa afirmação que, notamos o destaque que Magalhães deu ao conteúdo em seu livro, uma vez que, 10,8% de conteúdo em relação a obra toda e 15% de imagens em relação ao total, forma os números identificados em nossa análise. Tais dados levam-nos a considerarmos a riqueza do conteúdo produzido por Magalhães. Em sendo assim, o autor organiza o conteúdo em: “Estudo sumário das causas da guerra do Paraguai; Invasão do Brasil e da Argentina pelas forças armadas de Solano López e Tratado da Tríplice-Aliança de 1º de maio de 1865; Riachuelo, Uruguaiana e Laguna; o exército brasileiro sob o comando interino do general Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão; Caxias e o Período mais brilhante da Guerra do Paraguai, O Conde D’Eu e a campanha das cordilheiras, As negociações de paz e outras consequências da Guerra”.

Conforme a escrita do conteúdo, identificamos algumas mudanças que fogem da forma patriótica, militarista ou memorialística que Mattoso Maia ou Rocha Pombo apresentaram. Isso está ligado principalmente no tratamento do conteúdo, não só preocupado em narrar as grandes batalhas, ou a forma de como Solano Lopez é chamado, sem adjetivos ou estereótipos. Entretanto, nesta obra ainda é forte este teor patriótico, primeiro que, identificamos um grande número de imagens que representam os “grandes heróis”, mas não somente. Salles identifica que, após concomitantemente com esta visão patriótica, existia uma visão positivista da Guerra, entretanto, as características de ambas visões poderiam estar presentes em um livro didático.

Uma segunda corrente historiográfica sobre a Guerra do Paraguai surgiu concomitantemente a primeira e estava relacionada às críticas que positivistas ortodoxos e republicanos fizeram das interpretações da corrente memorialístico-militar-patriótica. Os positivistas ortodoxos, enquanto republicanos convictos, buscaram questionar os feitos do Império, pondo em xeque toda a política imperial. Nesse sentido, teceram profundas críticas em relação à atuação do Brasil na Guerra do Paraguai. (SALLES, 2015, p.31)

Um primeiro indício para a presença de um visão para além da patriótica, encontramos na capa do livro de Magalhães, lugar que, para além dos considerados heróis do Brasil, há a presença do negro, do índio, algo que não vemos nos livros que exaltam os militares. Dessa forma, notamos uma grande diferença no conteúdo “Guerra do Paraguai”. As páginas do livro de Magalhães, mostram uma narrativa um tanto pacífica em relação a Solano Lopez, onde identificamos o uso de “guardião”, ao se referir ao governante Paraguai, o que foge da maioria dos autores que tratam Solano como inimigo.

A “Guerra do Paraguai”, em Basílio de Magalhães (1942), conta com muitas notas de rodapé. O próprio autor, em seu prefácio, diz que as mesmas tem por objetivo poupar a memória dos professores. Para além disso, uma característica patriótica está nas últimas páginas do conteúdo, com o título de “Oração a Caxias”, o texto se inicia saudando o combatente brasileiro, ao dizer, “Grande e invicto soldado, numer tutelar do Exército Brasileiró e da Pátria Brasileira!”(p.154)

2.7 Joaquim Silva, *História do Brasil* (1944, 1959 e 1969)

Joaquim Silva, em *História do Brasil* (1944), afirma em sua contracapa estar de acordo com o programa de ensino atual. Ao compararmos o conteúdo para a “Guerra do Paraguai”, bem como, todo o conteúdo de *História do Brasil* indicado no Programa de Ensino do ano de 1942, notamos que são idênticas ao índice do livro de Silva (1944), ou seja, o índice é fidedigno ao

programa proposto. Da mesma forma, o Programa de História do Brasil para a quarta série do ano de 1942, que são divididos em unidades temáticas desde o Primeiro Reinado até o conteúdo Estado Novo, como vemos no apêndice.

Ao analisarmos índice e programa de 1942³⁷, é nítido que os mesmos indicam os mesmos conteúdos, de tal forma, a “Guerra do Paraguai” é apresentada com os mesmos tópicos indicados no programa. Tais indícios nos fazem pensar a relação que a formulação destes programas tenha com a produção desse livro didático e vice-versa. Há hipóteses de que os livros tenham se adequado ao programa por uma questão mercadológica, uma vez que, a partir da década de 1940 era proibida a indicação de livros didáticos pelos programas curriculares oficiais. Caso o professor tivesse o poder de escolha, a propaganda de se estar de acordo com o currículo proposto contribuía para a escolha do mesmo.

No que concerne ao livro de 1959, está de acordo com o programa de 1951. Notamos que o índice é também idêntico ao apresentado no programa curricular. Joaquim Silva apresenta logo após o índice o programa de História do Brasil de 1951, transcrito no apêndice, como forma de demonstrar ao seu leitor e professor que, este livro didático está inserido no que há de mais atual para a época.

Além do índice, Joaquim Silva, na página posterior coloca o Programa de História do Brasil, tendo a mesma organização do seu livro didático.

De fato, há um processo de propaganda nos próprios livros, colocando-os como os melhores e mais atualizados, há também uma evolução quanto aos materiais que são usados para a edição, impressão e finalização do livro didático enquanto mercadoria. No que se refere aos conteúdos de ambos os anos (1944, 1959) aqui apresentados, há algumas modificações, a primeira se refere a abrangência dos conteúdos que anteriormente eram da terceira série ginásial, como “Descobrimiento”, “Formação étnica”, “Expansão geográfica”, “Independência e movimentos revolucionários”. Com o programa de 1951 há uma significativa alteração nos conteúdos de História do Brasil, principalmente nas séries do ginásial.

O conteúdo “Guerra do Paraguai” não sofre alterações quando comparado com o História do Brasil para a quarta série Ginásial de 1944, portanto, há uma continuidade no conteúdo. Mesmo com as diferentes formas apresentadas nos respectivos índices, a “Guerra do Paraguai” enquanto conteúdo escolar continua tendo a mesma organização em relação aos dois livros didáticos de Silva (1944, 1959). Portanto, Silva (1944) organiza o capítulo em sete itens, sendo eles: O Paraguai, Causas da Guerra, Início da Luta, Comando de Caxias, O fim da Guerra,

³⁷ Transcrições no apêndice.

Consequências e exercícios. Silva (1944) elabora nove atividades intituladas “Para Exercícios Escritos”:

A política brasileira no Paraguai antes de Solano Lopez. 2) Causas da Guerra. 3) A Tríplice Aliança. 4) As invasões paraguaias. 5) Ação da marinha nacional na guerra. 6) A guerra antes de Caxias. 7) As ações decisivas da guerra. 8) A Campanha das Cordilheiras. 9) Um juízo sobre a guerra e suas principais figuras. (SILVA, 1944, p.82)

Já no livro didático de 1959, o que há de diferente, como verificamos a partir dos exercícios propostos ao final do capítulo sobre a “Guerra do Paraguai”, mesmo que pequena, inclusão de atividade como mostramos:

QUESTIONÁRIO

Porque ocorreu a guerra do Paraguai?

Que foi a *retirada da Laguna*?

Que foi *Riachuelo*?

Que fizeram os aliados sob o comando de Caxias?

Quais as consequências da guerra do Paraguai?

PARA EXERCÍCIOS ESCRITOS:

1) O Paraguai antes da guerra.

2) As invasões paraguaias.

3) A Marinha brasileira na guerra.

4) A guerra ao tempo de Caxias.

5) Heróis brasileiros da guerra.

(SILVA, 1959, p.226)

2.8 Antonio José Borges Hermida, *História do Brasil* (1956, 1957)

Os livros didáticos de Borges Hermida fazem parte de uma coleção intitulada “Coleção didática do Brasil”, as características do livro são de breves e pontuais. Ao observarmos o índice dos livros, Hermida apresenta o mesmo em unidades e pontos, ao contrário de capítulos ou lições. Em cada ponto o autor se propõe a discutir um conteúdo. No início de cada ponto o mesmo assinala o conteúdo a ser tratado. No índice transcrito no apêndice, compreendemos a forma de compor os conteúdos do livro.

De certa forma, o mesmo pretende apresentar seu livro com um dos mais atualizados da época, ação que identificamos na maioria dos autores até aqui mencionados. O que nos é perceptível também, é que nos inícios de seus livros, Hermida (1956, 1957), apresenta o

programa curricular em busca de salientar ao leitor e mercado que seu livro didático é importante para a educação e formação em História do Brasil.

Em sendo assim, o conteúdo “Guerra do Paraguai” nos livros de Hermida, em concordância com os programas já citados. *História do Brasil* (1956) é organizado em 11 unidades e 27 pontos. O conteúdo “Guerra do Paraguai” está localizado no 20º ponto do livro na unidade VIII, intitulado como *Segundo Reinado (Continuação) – Guerras do Brasil no Prata*, entre as páginas 174 a 179. Há a presença do item resumo, questionário e leitura, que trata do “Heroísmo do Tenente Antonio João”.

Em Hermida (1957), o conteúdo “Guerra do Paraguai” está localizado na unidade VII, no ponto 4, sendo o 22º ponto do livro, entre as páginas 157 a 164. Notamos a presença de atividades diferenciadas, sendo elas questionários, complete a frase, atividades de numerar colunas e de assinalar. Após cada ponto temático também há a presença de resumos dos conteúdos.

2.9 Helio Vianna, *História do Brasil Vol. II* (1962)

O conteúdo “Guerra do Paraguai”, aparece no volume II entre as páginas 197 a 207. Em nossa análise, notamos que não há muitas imagens acerca do conflito, como verificamos, apenas 4 imagens estão presentes em todo o conteúdo da guerra apresentado por Hélio Vianna, sendo que, em sua proporção, representa apenas 4% do total de imagens presentes em todo o livro analisado. Identificamos que há em outra unidade a incidência da Guerra, como na página 145 e 146, ao tratar dos partidos políticos e as relações com Dom Pedro II, citando a Batalha do Riachuelo. Vianna (1962) em seu tomo II, trata da Monarquia e República. Percebemos que seu texto é denso e bem complexo. As poucas imagens que aparecem são em preto e branco. Quanto aos temas do sumário do livro de Vianna, não constatamos muitas mudanças em relação aos outros autores. Entretanto, percebemos que as características do livro mostram que o mesmo é voltado para um ensino mais aprofundado e com muita teoria, uma vez que não identificamos atividades nos capítulos.

No que diz respeito ao conteúdo “Guerra do Paraguai” e sua apresentação, Vianna (1962) organiza o conteúdo em sete tópicos, a saber: “1- Causas da Guerra do Paraguai, 2- Rompimento da Guerra, 3- Primeiro Período – a agressão paraguaia, 4- Segundo Período – a reação brasileira, 5- Terceiro Período – Comando do Marquês de Caxias, 6- Quarto Período – Comando do Conde D’Eu, 7- Consequências da Guerra”.

As características encontradas no texto de Vianna evidenciam a presença de duas visões acerca da “Guerra do Paraguai”, a primeira seria a patriótica, ao notarmos a presença da adjetivação de “ditador” em relação a Solano Lopez. Por outro lado, identificamos a presença de tópicos que corroboram para uma visão diferente da patriótica, quando notamos os subtópicos “perseguição a Solano Lopez”, “invasão do Paraguai”, notando uma narrativa que não trata o Paraguai ou Solano Lopez como os únicos que perseguiram, guerream, ou foram responsáveis pelas milhares de mortes que a guerra teve.

A partir desta análise, constatamos que durante o nosso recorte temporal (1882 a 1971), os processos de produção de livros didáticos de História do Brasil tiveram algumas mudanças pontuais. A primeira é de que a produção alterou os formatos, metodologias, entre outros. Em segundo lugar, mesmo com o passar dos anos e a permanência dos livros didáticos notamos a forte presença de duas correntes, ou visões historiográficas acerca da “Guerra do Paraguai”, sendo elas, a patriótica-militarista e a segunda republicana-positivista.

Conforme já pontuado, o conteúdo “Guerra do Paraguai” aparece nos programas oficiais a partir do ano de 1882, tendo como fundamento um ensino patriótico e em busca da formação de uma identidade nacional, uma vez que, nessa mesma década, temos a mudança de uma monarquia para um sistema republicano. Entretanto, não podemos nos esquecer que o ensino de História do Brasil tem origem a partir do IHGB e do Colégio Pedro II. É nesse movimento em que os professores que lecionavam no Colégio frequentavam o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, bem como eram os mesmos responsáveis pela autoria dos primeiros livros didáticos de História do Brasil. De certa forma, Moreira (2010, p. 42) vai de encontro com o que argumentamos, ao afirmar que “os autores de livros didáticos de História, vinculados ao Colégio Pedro II e ao IHGB, eram tidos como homens sábios, capazes de adaptar obras estrangeiras ao público do ensino secundário, e especialmente, capazes de auxiliar na tarefa de formar alunos patriotas.”

Neste contexto, a figura de Mattoso Maia é forte, uma vez que, o mesmo teve experiência militar e passa a destacar a visão patriótica da guerra, conforme Squinelo (2011). Nesse sentido, Maia passa a ser referência enquanto livro de História o Brasil, como afirmou Moreira (2010, p. 40):

Entre 1882 e 1898, período que compreende a ruptura governamental entre Império e República, o compêndio de referência para a disciplina História do Brasil nos

Programas de Ensino é o livro Lições de História do Brasil pelo Dr. Luiz de Queiroz Matoso Maia, ora indicado apenas por História do Brasil.

Da mesma forma, alguns autores se inserem neste período em que o ensino de História do Brasil perpassa o viés do patriotismo, como podemos citar Rocha Pombo (1918) e João Ribeiro (1928). A partir de 1931, a educação brasileira e, em especial, o ensino secundário, passam por algumas reformas. A primeira que podemos citar foi a Reforma Francisco Campos, que deu organicidade ao ensino secundário ao estabelecer currículo seriado, frequência obrigatória e diploma para ingresso no superior. Antes predominava o sistema de “preparatórios” e exames parcelados (ROMANELLI, 1978; CUNHA, 1980).

Nessa conjuntura identificamos um embate entre escolanovistas e católicos, o que reflete diretamente nos conteúdos trabalhados em sala de aula. Citamos Jonathas Serrano (1941) que suprime grande parte dos conteúdos acerca de guerras e conflitos mundiais, defendendo a ideia de que os mesmos não são importantes para a sociedade. Esses conflitos permitem os discursos religiosos presentes nos livros, principalmente no Epítome de História do Brasil, de Serrano (1941).

Nesse caso, há um silenciamento de muitos fatores a respeito da guerra, de forma geral, todos os conflitos passam a ser excluídos de alguma forma. Entretanto, identificamos o surgimento de outros autores de livros didáticos, como Borges Hermida, Helio Vianna, para além dos já consagrados Rocha Pombo, Mattoso Maia, João Ribeiro, etc.

A partir da Reforma de Gustavo Capanema houveram novas mudanças quanto ao ensino secundário brasileiro.

Promulgada pelo então ministro da Saúde e Educação Gustavo Capanema e consubstanciada no Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, esta reforma refletia o momento político pelo qual passava a sociedade brasileira, o qual era caracterizado pelo Estado Novo – regime autoritário e populista, que lutava pela nacionalização do ensino no país. Nesta direção, além de reforçar um caráter nacionalista e humanístico do Ensino Secundário, a Reforma Capanema almejava a formação de homens vinculados à elite dirigente – sujeitos definidos como indivíduos condutores. (DALLABRIDA, TREVIZOLI, VIEIRA, 2013, p. 3)

Notamos que o Ensino de História do Brasil sofre mudanças, a primeira é que a disciplina se torna autônoma, depois, torna-se parte de uma disciplina, como História Geral ou História da Civilização, ou ora independente, a História do Brasil passou a ser autônoma a partir da Portaria n. 49, de 19/03/1940, expedida por Gustavo Capanema. Nesse sentido, notamos o destaque do conteúdo “Guerra do Paraguai” a partir desta reforma.

Da década de 1930 a 1950, percebemos a nítida presença de discursos católicos ou religiosos nos livros didáticos analisados, como é o caso de Serrano.

Ao contrário de livros didáticos elaborados em períodos anteriores que carregaram nos temas sobre guerras, os autores aqui analisados dedicaram pouco espaço aos movimentos revoltosos em suas narrativas e valorizaram os atos católicos, como a importância dos jesuítas para a formação da educação no Brasil. Fosse pela formação católica, fosse pelo contexto entreguerras mundiais, fosse por outro motivo que escapa ao escopo deste trabalho, os autores amenizaram a narrativa a respeito de guerras, adotando um espírito pacifista. (MOREIRA, 2016, p.741).

Tal realidade fez com que as Guerras e conflitos fossem silenciados ou retirados dos livros didáticos, como no caso de Serrano (1941).

Em decorrência da implementação da Lei de Diretrizes e Bases de 1961, o ensino passa a assumir um teor tecnicista e científico. Nesse momento, identificamos o ensino de História de forma sintética, onde os conteúdos presentes nos livros didáticos são resumidos e até mesmo mais dinâmicos, como é o caso de Hermida e Vianna. No caso de Hermida, o conteúdo “Guerra do Paraguai” não tem grande proporção em relação a totalidade da obra.

Levantamos indícios em que os autores estão imersos nestas duas visões historiográficas, e conseqüentemente, refletem tais características aos seus livros didáticos. Portanto, o conteúdo “Guerra do Paraguai” se molda dentro destes contextos e perspectivas, de tal forma, as respectivas reformas já mencionadas também influenciaram a construção do conteúdo, pois percebemos que, uma vez endereçada a um grupo específico, o conteúdo escolar é formulado para atender a tal demanda. Outra questão que vale ser levantada, é que muitas vezes o conteúdo escolar se formou antes mesmo de haver um conteúdo acadêmico, o que de fato ocorreu com o ensino de História do Brasil, de tal maneira que o conteúdo “Guerra do Paraguai” surge primeiramente no ambiente escolar para depois ser discutido nas universidades.

3 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO CONTEÚDO HISTÓRICO ESCOLAR “GUERRA DO PARAGUAI” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DO BRASIL (1882-1971)

Este capítulo tem por objetivo analisar o conteúdo “Guerra do Paraguai” a partir dos Livros didáticos de História do Brasil selecionados, identificando mudanças e permanências nas narrativas didáticas ao longo do recorte temporal de 1882 a 1971. Para tanto, iremos elencar alguns tópicos específicos, sobre as diferentes terminologias para a guerra; as narrativas em torno das causas do conflito; da imagem de Solano Lopez; da Batalha do Riachuelo e do fim do conflito. A análise foi feita, identificando como cada autor trata o conteúdo e as mudanças entre uma obra e outra.

3.1 As diferentes terminologias usadas para o referido conteúdo histórico escolar

Muitas são as controvérsias acerca da “Guerra do Paraguai”. Ao escreverem sobre a temática da guerra nos livros didáticos, Caimi e Teixeira (2013) salientam que na História, ao tratarmos das ações humanas, estamos sujeitos às controvérsias historiográficas. Da mesma forma, Thompson defende que

Os modos de escrever a história são tão diversos, as técnicas empregadas pelos historiadores são tão variadas, os temas da investigação histórica são tão díspares e, acima de tudo, as conclusões são tão controversas e tão veementemente contestadas dentro da profissão, que é difícil apresentar qualquer coerência disciplinar. (THOMPSON, 1981, p.48)

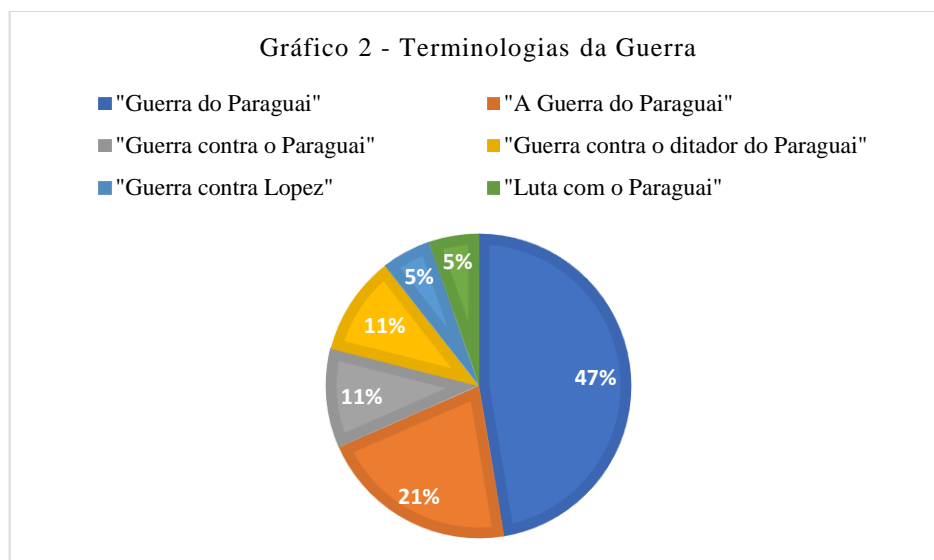
E é assim que vemos o as terminologias da “Guerra do Paraguai” nos livros didáticos de História do Brasil, de formas variadas, ou seja, diversas, apresentando controvérsias. Uma dessas controvérsias, que ainda geram diferentes interpretações é a terminologia para referir-se ao conflito, ora denominado “Guerra do Paraguai”, ora “Guerra contra o Paraguai”, ora “Guerra da Tríplice Aliança”, ora “Grande Guerra”, como já comentamos anteriormente. Os livros didáticos por nós selecionados apresentam diferentes nomes e visões a respeito da “Guerra do Paraguai”, como apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 10 - Terminologias da Guerra nos livros didáticos selecionados

| Título da obra/autor(ano) | Terminologia |
|---|---|
| <i>História do Brazil</i> , Mattoso Maia (1886) | “Guerra contra o Paraguay” |
| <i>História do Brazil</i> , Mattoso Maia (1908) | “Guerra contra o Paraguay” |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo (1918) | “Guerra contra o ditador do Paraguai” |
| <i>História do Brasil – Curso superior</i> , João Ribeiro (1928) | “Guerra do Paraguay” |
| <i>História do Brasil</i> , Serrano (1931) | “Guerra do Paraguay” |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , Veiga Cabral (1940) | “Guerra do Paraguay” |
| <i>Epítome de História do Brasil</i> , Serrano (1941) | “Luta com o Paraguai” |
| <i>História do Brasil</i> , Magalhães, (1942) | “A Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil para o quarto ano ginasial</i> , Joaquim Silva (1944) | “Guerra do Paraguai”. |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , João Ribeiro (1954) | “Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil quarta série ginasial</i> , Hermida, (1956) | “A Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil – primeira série ginasial</i> , Hermida, (1957) | “Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil para a quarta série ginasial</i> , Joaquim Silva (1959) | “A Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo(1960) | “Guerra do Paraguai”, “Guerra contra Lopez” |
| <i>História do Brasil – vol. 2</i> , Helio Vianna (1962) | “Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil curso superior</i> , João Ribeiro (1966) | “Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil</i> , Jonathas Serrano(1968) | “Guerra do Paraguai” |
| <i>História do Brasil para o curso Médio</i> , Joaquim Silva (1969) | “A Guerra do Paraguai” |

Fonte: elaborado pelo autor

Com o quadro acima, foi possível quantificar as diferentes terminologias usadas pelos autores dos livros didáticos, a partir destes dados, construímos um gráfico para analisarmos a proporção com que foi usada cada terminologia, como apresentamos a seguir.



Fonte: Elaborado pelo autor

Notamos que a maior incidência é de “Guerra do Paraguai”, “A Guerra do Paraguai”, “Guerra contra o ditador do Paraguai” e “Guerra contra o Paraguai”. Compreendemos que, a

maior proporção deu-se das terminologias que enfatizam a guerra como sendo causada pelo Paraguai, ou seja, aquelas que trazem a preposição “do”, nos levando a entender que os autores responsabilizaram o Paraguai como sendo o principal responsável pelo conflito.

Mattoso Maia (1886, 1908) denomina o conflito como “Guerra contra o Paraguay”, diferentemente de muitos historiadores, percebemos que a visão de Maia foi militar e, conforme já citado, o referido autor se autodomina “testemunha ocular” do conflito.

Rocha Pombo (1918) por sua vez, trata o conflito como “Guerra contra o ditador do Paraguai”, enfatizando a imagem de Lopez com ideias de “grandeza” e “preponderância”. Portanto, a Guerra não se dava contra um país, mas sim, contra o governante do Paraguai.

João Ribeiro (1928) apresenta a “Guerra do Paraguay”, indicando que “com a Guerra ao Brasil”(p.504), Lopez buscou salvar o seu país. Nesse caso, é nítido que o autor afirma que o conflito partiu do Paraguai, ou seja, toda a responsabilidade seria do país que fez guerra ao Brasil. Jonathas Serrano (1931) também denomina o conflito como “Guerra do Paraguay”, destacando a ideia do início da mesma ser dado pelo “ditador” Lopez.

Da mesma forma, Veiga Cabral (1940) trata o fato como “Guerra do Paraguay”, em seu livro, afirma que o Brasil se incorria aos “ódios d’aquella déspota, que aliás vinha procurando pretextos para atacar o Brasil” (p.230). Nesse caso, a terminologia usada por Cabral, demonstra que as intenções de Guerra teriam vindo do Paraguai, na pessoa de Solano Lopez, ou seja, haviam esforços e desejo de Solano Lopez em levar guerra ao Brasil.

Em 1941, Jonathas Serrano apresenta uma visão diferente acerca da guerra, que faz refletir na terminologia usada pelo autor. Nas quase duas páginas reservadas ao conteúdo em *Epítome de História do Brasil*, o autor apresenta o nome “Luta com o Paraguai”. Duas hipóteses já levantadas, como o “menosprezo” pelas guerras, conforme já citado no capítulo anterior, faz com que Serrano não se aprofunde nas questões do conflito, outra hipótese seria a do autor não se debruçar acerca da guerra com o objetivo de não fazer analogia a violência, lembrando que em 1941 o mundo enfrentava a Segunda Guerra Mundial, o que justifica a nomenclatura dada pelo autor a este conflito. Em sendo assim, o autor destoa dos demais autores, pois nos faz pensar que a guerra não foi somente do Paraguai, ou de Solano Lopez, mas foi um Guerra entre Brasil e Paraguai, ou seja, os dois países tiveram responsabilidades neste conflito.

Magalhães (1942), está entre os quatro autores que citam o conflito como “A Guerra do Paraguai”, sendo a “mais longa e porfiosa” participação do Brasil em um conflito. Sendo algo incessante e duradouro, o autor remete aos seus leitores que a Guerra foi de fato do Paraguai,

como também apresenta Joaquim Silva (1944) denominando o conflito como “Guerra do Paraguai”.

A obra de João Ribeiro de 1954 não apresenta mudanças quanto a nomenclatura, expondo o evento como “Guerra do Paraguai”, da mesma forma que no livro de 1928. Rocha Pombo (1958) diferente do livro de 1918 que denominava “Guerra contra o ditador Solano Lopez”, trata como sendo “Guerra do Paraguai”, mas há de se destacar, que o autor ainda se dedica a discorrer um dos tópicos do capítulo como “Guerra Contra López”.

Joaquim Silva (1959) mantem a nomenclatura de “Guerra do Paraguai” a priori disposta em seu livro de 1944. O que também notamos com Rocha Pombo (1960), em comparação com seus livros já citados.

Borges Hermida (1956), cita o conflito como “A Guerra do Paraguai”, já em 1957, o mesmo autor trabalha com o termo “Guerra do Paraguai”, o que nos levar a entender que Borges Hermida considera a Guerra como sendo fato provindo das ações paraguaias. Podemos citar o trecho em que Hermida (1956) diz que “não havia indícios de uma próxima guerra com o Paraguai”(p.158). Da mesma forma, o livro de Hélio Vianna (1962) trata o conflito como “Guerra do Paraguai”.

A obra póstuma de João Ribeiro, “revisitada” por seu filho Joaquim Ribeiro (1966), continua com a mesma denominação de “Guerra do Paraguai”, não notamos mudanças.

Em comparação entre o livro didático de 1931 de Jonathas Serrano com o de 1968 do mesmo autor, não identificamos mudanças quanto ao nome do conflito, continuando como “Guerra do Paraguai”.

Portanto, é possível percebermos que mesmo com inúmeras mudanças na organização do ensino, bem como, nos programas curriculares, há uma certa permanência no que diz respeito ao nome dado ao conflito, no qual “Guerra do Paraguai” aparece 9 vezes. Ao analisarmos as 18 obras selecionadas, notamos que há a incidência do nome “Guerra do Paraguai”, porém, há também variações importantes, como “Luta com o Paraguai” e “Guerra contra o ditador do Paraguai”, “Guerra contra Lopez”.

Voltamos a afirmar que, observamos que, enquanto no século XIX a nomenclatura corrente era “Guerra contra o Paraguay”, no século XX o termo “Guerra do Paraguay” passa a ser mais usual sugerindo a responsabilidade da guerra ao oponente, ou seja, ao Paraguai”. A “Guerra com o Paraguai” é um importante indício da mudança na percepção da Guerra, pois o conflito passa a ser visto como responsabilidade de todos os países envolvidos, e não somente do Paraguai.

3.2 As causas do conflito

Para Maia (1886, 1908) as causas da “Guerra do Paraguai” estariam relacionadas no que diz respeito

As vantagens que o Brasil ia tendo, promoveram da parte do Dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopes, o mais inqualificável procedimento. Ardendo em desejos de intervir na nossa questão com Montevideó, Lopes em plena paz manda aprisionar (12 de novembro) o paquete brasileiro *Marquez de Olinda* quando seguia de Assumpção para Matto Grosso, levando a seu bordo o Coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente dessa provincia, diversos passageiros, e 400 contos de réis em moeda corrente. (MAIA, 1886, p.346)

E neste contexto Maia cita que

De longa data o dictador Francisco Solano Lopes tudo prepara-ra para constituir-se arbitro dos destinos do Rio da Prata. Quando os Estados militrophes, confiando na existência de paz, nem siquer preenchião os minguidos quadros das suas tropas de terra e de mar, designados nas respectivas leis de fixação de forças, Lopes tinha um exército de 80.000 homens, 400 peças de artilharia, fortalezas poderosas e bem armadas, uma esquadra de 12 navios, e baterias fluctuantes jogando com 120 canhões. (MAIA, 1886, p. 349).

As causas da Guerra, segundo Maia, foram motivadas pelas interferências brasileiras nas políticas uruguaias, o que alterou o equilíbrio político na região do Rio da Prata, demonstrando sua ligação de Aguirre e Solano Lopez. Notamos que, conforme o autor, Solano Lopez esperava um motivo para que a guerra acontecesse, pois cita sua preparação de tropas, com seu grande exército de 80 mil homens. Portanto, vemos que Maia (1886, 1908) cita a interferência do Brasil nas políticas do Uruguai, entretanto, destaca que o presidente paraguaio só esperava uma simples motivação para entrar em guerra contra o Brasil.

Em Rocha Pombo (1918), a causa seria o pretexto que Solano Lopez esperava para declarar guerra ao Brasil, pois

Havendo-se preparado durante alguns anos de governo, desde os tempos do primeiro Lopez, esperava apenas um ensejo propício de dar no continente o alarme da sua política. Esse ensejo logo se lhe ofereceu naquele pretexto que lhe dava o Brasil invadindo o Estado Oriental. (POMBO, 1918, p. 251)

De acordo com Rocha Pombo (1918), após a invasão do Brasil em terras uruguaias, e com isso

Encetou imediatamente o ditador as hostilidades, sem prévia declaração de guerra; pois isto só fez êle por meados de dezembro (1864), depois de haver, um mês antes, mandado aprisionar o paquete brasileiro *Marquês de Olinda*, que passava por Assunção em viagem para Mato Grosso, conduzindo o presidente daquela província, coronel Carneiro de Campos. (POMBO, 1918, p. 252)

Da mesma forma que Mattoso Maia, Rocha Pombo (1918) evidencia a formação de Solano Lopez, antes mesmo de chegar ao poder, citando que o presidente paraguaio se preparou para Guerra, tendo influência dos outros presidentes e com isso, usou ao fato do Brasil intervir no Uruguai para demonstrar o seu poder. Nesse contexto, identificamos traços da escrita patriótica, ao descrever os contingentes dos exércitos, navios ,etc.

Em João Ribeiro, é tida como causa “A nossa alliança com o libertador Flores foi a causa mais immediata da guerra que nos moveu o Paraguay [...]. As nossas incessantes intervenções no Prata eram já um prenuncio da sorte que cabia ao pequeno Paraguay” (RIBEIRO, 1928, p. 503). As interferências brasileiras na banda oriental tiveram influência nas causas da Guerra, uma vez que, Solano Lopez declarou que, com tais interferências a paz do Paraguai estava em perigo. Portanto, Ribeiro destaca as interferências do Brasil no Uruguai com causa da Guerra. Destacamos que, Ribeiro não cita uma premeditação de Solano Lopez em fazer guerra ao Brasil, como anteriormente fizeram Maia e Rocha Pombo.

Na obra de Serrano (1931) também é perceptível os esforços de colocar o Brasil como amigo do Paraguai, salientando o fato do reconhecimento da independência paraguaia. Conforme o texto apresentado por Serrano, onde o plenipotenciario Juansilvano Godoi afirma que “O Brasil foi o melhor amigo do Paraguay desde a nossa independência” (p.386). Neste caso, fica evidente que as causas da guerra vieram do Paraguai e Solano Lopez.

Quando em 1864 fomos compelidos pela força das circunstancias a intervir no Estado Oriental, Francisco Solano Lopez, que então governava o Paraguay, formulou um protesto contra essa intervenção. Em data de 30 de agosto fez que seu ministro Berges enviase uma nota ao embaixador brasileiro, na qual declarava ficariam ameaçadas a paz e a prosperidade de Paraguay se as tropas imperiaes penetrassem naBanda Oriental. Pretendeu mais tarde Solano Lopez que essa nota equivalia a uma declaração de guerra. A verdade é que o dictador paraguayoy pareceu hesitar emquanto não teve a certeza de que nos haviamos unido a Flores. Entre a nota de 30 de agosto e o primeiro acto de hostilidade — a captura do Marquês de Olinda — mediaram mais de dois meses, durante os quaes o Paraguay manteve com o Brasil relações aparentemente amistosas. Que desde muito Lopez previa e desejava a guerra contra o Brasil é factu hoje sufficientemente monstrado.(SERRANO, 1931, p.385)

Para Serrano (1931) era fato “sufficientemente demonstrado” que “desde muito Lopez previa e desejava a guerra contra o Brasil. [...] Factos e documentos comprovam a ambição de

conquista que Solano Lopez alimentava” (p. 385). Fica explicito a forma com que os autores, exceto Ribeiro (1928), vão tecendo a imagem de Lopez e afirmando o despreparo ou surpresa que o Brasil teve com a Guerra, ou seja, responsabilizando o presidente Solano Lopez pelo conflito.

Em História do Brasil curso superior, de Mario da Veiga Cabral (1940), exemplifica-se os motivos e intenções de Solano Lopez em levar guerra ao Brasil.

Não tendo o Brasil aceito a mediação de Solano Lopez, dictador do Paraguay, para resolver a questão entre o Brasil e o Uruguay, incorreu o nosso paiz nos ódios d’aquelle despota, que aliás vinha procurando pretextos para atacar o Brazil, tantos mezes depois de haver sucedido a seu pae, - o dictador Carlos Lopez, com quem servira como ministro da guerra e da marinha. (CABRAL, 1940, p. 230).

Veiga Cabral destaca a entrevista de Solano Lopez concedida a D. Idelfonso Antonio Bermejo e publicada em “Episodios de la vida privada, política y social de la Republica del Paraguay” (1873). A frase que nos chama atenção é a proferida por Lopez, dizendo “Sou soldado e tenho de declarar guerra ao Brasil: é preciso fazer-me respeitar pelas republicas vizinhas, dando uma lição ao Imperio” (p.231). Desta forma, evidencia-se o que já foi apresentado nos outros livros didáticos de História do Brasil a guerra foi ocasionada por Lopez.

Serrano (1941) se diferencia dos demais ao apresentar a causa da Guerra de forma sintética e breve. “Mas já estávamos neste momento em guerra com o Paraguai, cujo presidente, Solano Lopez, não quis admitir a intervenção armada do Brasil no Uruguai.” (p.148). O autor, de forma resumida, apresenta que a intervenção brasileira no Uruguai seria a grande causa da Guerra.

Mesmo que de forma breve, Serrano não diverge dos demais autores acerca da principal causa, porém, fica expresso que o autor não se atém aos detalhes do conflito, como números de tropas, etc. No decorrer do texto não há um tópico específico da guerra, podendo o leitor ao folhear, passar despercebido pelo conteúdo.

Magalhães (1942) cita que em “plena paz”, Solano Lopez “não trepidou” em declarar guerra ao Brasil. A causa da Guerra seria a invasão das terras da banda oriental, considerada por Lopez como “atentatórias” ao equilíbrio platino.

“Subindo ao poder o presidente Lopez armara fortemente seu país, como nenhum outro da América Latina jamais o fizera, disposto a impor sua política do “Paraguai-Maior”, com seu sonho expansionista” (SILVA, 1944, p. 73). De acordo com Joaquim Silva em História do Brasil para o quarto ano ginasial, a causa da guerra foi a entrada do Império na luta contra Aguirre. Sendo esse o motivo que causara a Guerra.

Em Hermida (1956), é destacada a nota em que Lopez envia ao Brasil após a intervenção brasileira nas terras do Uruguai. Salientamos a ideia que Borges Hermida tem, que Solano Lopez queria “executar seu plano imperialista”(p.156). Hermida (1957), apresenta a “indignação do ditador paraguaio com a campanha do Brasil contra Aguirre”(p.175), e com isso, Solano Lopez teria dado início as ações que ocasionariam a “Guerra do Paraguai”.

Em História do Brasil para 4ª série Ginásial (1959), Joaquim Silva salienta a questão da intervenção do Império contra Aguirre. Tendo o Brasil uma relação “amistosa” com o Paraguai, porém, “em novembro de 1864, inesperadamente agredia o Brasil” (p. 218). Neste caso, a política expansionista de Lopez e a intervenção do império são tidas como causas da Guerra.

Da mesma forma, História do Brasil (1960) de Rocha Pombo apresenta como causa a intervenção do Império no Estado Oriental.

E’ o ditador do Paraguai, Francisco Solano López, que vai renovar as pretensões de Rosas, de formar no Prata um grande Império, rival do Brasil. Para isso prepara-se solícita, mas dissimuladamente; e só aguardava agora, um pretexto para entrar em cena. Esse pretexto vai ser a nova intervenção do Império no Estado Oriental, em 1864. (POMBO, 1960, p.132)

O ditador só precisava de uma causa, para dar início ao conflito já planejado. E nesse caso, a intervenção do Império no Estado Oriental.

Vianna (1962),

No livro de João Ribeiro (1966) é apresentada como principal causa do conflito a aliança do Império brasileiro e Flores. Após tal constatação, Lopez entra em Guerra contra o Brasil, conforme Ribeiro. Percebemos a ausência de afirmações ao planejamento da guerra por parte de Lopez, diferentemente dos outros textos analisados.

Serrano (1968) expõem de forma igual ao seu livro *História do Brasil* (1931), de forma que

Quando, em 1864, fomos compelidos pela fôrça das circunstâncias a intervir no Estado Oriental. Francisco Solano Lopes, que então governava o Paraguai, formulou um protesto Contra essa intervenção. Em data de 30 de agosto fêz que seu ministro Berges enviasse urna nota ao ministro Iciro, na qual declarava ficariam ameaçadas paz, e prosperidade do Paraguai se as tropas imperiais penetrassem na Banda Oriental Pretendeu mais tarde Solano Lopes que essa nota equivalia a uma declaração de guerra, A verdade é que o ditador paraguaio pareceu hesitar enquanto não teve a certeza de que nos havíamos unido a Flores. Entre a nota de 30 de agosto e o primeiro ato de hostilidade — a captura do Marquês de Olinda mediaram mais de dois meses, durante os quais Paraguai manteve com o Brasil relações aparentemente amistosas, Que desde muito Lopes previa e desejava guerra contra o Brasil é fato hoje suficientemente demonstrado. A morte de Carlos Lopes, em setembro de 1862, dera ensejo à subida ao poder do próprio filho, absoluto de um país ainda não de todo civilizado. (SERRANO, 1968, p.362)

Notamos os esforços de Lopez em fortificar o exército Paraguai, pois esperava o conflito, ou seja, já era planejado.

Joaquim Silva em *História do Brasil* (1969), apresenta a mesma ideia acerca da causa do conflito que em seu livro *História do Brasil para o quarto ano ginasial* (1944), bem como, o processo de guarnição paraguaio feito por Solano Lopez. Como podemos perceber

O Brasil não esperava um conflito: a questão das fronteiras norte resolvia-se amigavelmente e a navegação pelas águas Paraguai já fôra regulada por tratados. ' Entretanto, quando o Império teve de intervir contra Aguirre, no Uruguai, Solano ofereceu sua mediação, que não pôde ser aceita; e, poucos depois, protestava contra a guerra, e de modo ameaçador. Inesperadamente, agredia o Brasil, apreendendo o pequeno vapor *Marquês de Olinda*, que, pelo Rio Paraguai, ia a Mato Grosso. (SILVA, 1969, p.254)

Em sendo assim, as causas da Guerra foram pautadas na intervenção brasileira nas terras do Uruguai. Percebemos que entre as causas apresentadas pelos autores as mudanças estão de acordo com a forma com que cada autor apresenta, ora um tanto patriótica e militar, e depois mesclando visões patrióticas e republicanas. Sendo assim, evidenciamos que as causas próximas da eclosão da guerra foi a intervenção político-militar do Brasil no Uruguai em 1864, no momento em que o Paraguai tentava articular uma nova configuração geopolítica na América do Sul. Há de se repetir que alguns autores não se atentaram aos planos de Lopez em prever e planejar a guerra, como Serrano (1941). Há também uma forte evidência da construção de uma imagem do Brasil como “amigo”, “indefeso” e “surpreendido” com a guerra. Por outro lado, o Paraguai é representado como o próprio Solano e o agente causador da Guerra, e na figura de Solano Lopez, como assim podemos dizer “o arquiteto do conflito”. Em sendo assim, há mais permanências do que mudanças em relação as causas apresentadas nos livros didáticos de *História do Brasil*.

3.3 A imagem de Solano Lopez

Francisco Solano Lopez é um dos principais personagens do maior conflito armado da América do Sul. Conforme apresentamos no tópico anterior, a imagem de maior proporção que representa Lopez é de um “grande Ditador”. A ideia de Ditador³⁸ esteve ligada aos grandes

³⁸ O presidente paraguaio José Gaspar de Francia obteve o título de “ditador perpétuo” referendado pelo congresso paraguaio em 1816. No período francista (1814-40), no Paraguai, não havia uma conotação negativa associada ao conceito de ditador, este era um título político no qual o presidente ganhava plenos poderes para comandar a nação,

governantes do Paraguai. O próprio Joaquim Silva discorre a respeito dos “ditadores” paraguaios quando diz que “Frância, desconfiado e cruel [...]. Seu sucessor, Carlos Lopez [...] não tolerava oposição e baniu os descontentes [...]. Morrendo Carlos Lopez, ficou no governo seu filho Francisco Solano Lopez, déspota cruel, ambicioso, que sonhava a constituição dum grande império” (JOAQUIM SILVA, 1951, p. 73).

Entretanto, observamos que no país havia o título de ditador, como é o caso de José Gaspar de Francia. Porém, tal título não era associado a algo negativo, como escreve Cardozo (2009), ou seja, para o paraguaios, ser ditador era um título que dava plenos poderes para governar a nação. Entretanto, no que iremos ver a seguir, a representação feita no Brasil, de Francisco Solano Lopez, não foi pautada em uma ideia positiva do que poderia ser um ditador.

Nesse caso, diferentemente do Paraguai, os livros didáticos de História brasileiros não apresentam, em sua maioria, adjetivos positivos para o suposto título de ditador. Solano Lopez, previu e planejou o conflito, conforme os livros por nós analisados. No decorrer dos conteúdos apresentados nos livros didáticos de História do Brasil, o mesmo é representado como “ditador”, “Despota” e “Destemido ditador”.

Em análise do conteúdo “Guerra do Paraguai”, identificamos um rol de adjetivos que os autores deram para Solano Lopez, isso se dava a partir das características do livro didático, bem como do autor do livro. Nesse sentido, para exemplificar, montamos um quadro, no qual apresentamos as obras de forma crescente e, identificamos os adjetivos dados ao presidente paraguaio, como apresentamos abaixo.

Quadro 11 – A representação de Solano Lopez nos livros didáticos

| Obra/autor/ano | Nomes/adjetivos |
|--|----------------------------------|
| <i>História do Brazil</i> , Mattoso Maia (1886) | Ditador, árbitro |
| <i>História do Brazil</i> , Mattoso Maia (1908) | Ditador, árbitro |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo (1918) | Ditador do Paraguai, estratégico |
| <i>História do Brasil – Curso superior</i> , João Ribeiro (1928) | Tirano execrável, déspota |
| <i>História do Brasil</i> , Serrano (1931) | Ditador paraguaio |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , Veiga Cabral (1940) | Ditador paraguaio |
| <i>Epítome de História do Brasil</i> , Serrano (1941) | Lopez |

em vias de afirmação independentista, voltando a consultar o congresso apenas quando julgasse necessário. Já Carlos Antonio López e Francisco Solano López não eram ditadores oficiais. C. A. López foi presidente entre 1844-62, reeleito duas vezes, em 1854-7 e 1857-62, sendo a última legislatura interrompida com o seu falecimento em 1862. Solano López foi nomeado presidente naquele mesmo ano da morte do seu pai não existindo nova eleição possivelmente porque dois anos após sua posse iniciou a guerra.

In: CARDOZO, Efraím. Breve historia del Paraguay. 2 ed. Asunción: Servi Libro, 2009. p. 62-89

| | |
|---|------------------------------|
| <i>História do Brasil</i> , Magalhães, (1942) | Solano Lopez, ditador |
| <i>História do Brasil para o quarto ano ginásial</i> , Joaquim Silva (1944) | Déspota cruel, ambicioso |
| <i>História do Brasil – curso superior</i> , João Ribeiro (1954) | ditador, Espírito varonil |
| <i>História do Brasil quarta série ginásial</i> , Hermida (1956) | ambicioso |
| <i>História do Brasil – primeira série ginásial</i> , Hermida (1957) | Ditador do Paraguai |
| <i>História do Brasil para a quarta série ginásial</i> , Joaquim Silva (1959) | Déspota ambicioso |
| <i>História do Brasil</i> , Rocha Pombo(1960) | Ditador |
| <i>História do Brasil – vol. 2</i> , Helio Vianna (1962) | Ditador |
| <i>História do Brasil curso superior</i> , João Ribeiro (1966) | Ditador, Espírito varonil |
| <i>História do Brasil</i> , Jonathas Serrano(1968) | “Senhor absoluto”, “Ditador” |
| <i>História do Brasil para o curso Médio</i> , Joaquim Silva (1969) | Déspota Ambicioso |

Fonte: elaborado pelo autor

Em nove livros Lopez é visto como um ditador, em três Solano é representado como um ambicioso. Em dois livros, o governante Paraguai é colocado como um espírito varonil, que desperta força e virilidade. Em um livro, Solano Lopez é adjetivado como um tirano execrável, ou seja, algo abominável ou odiado. A partir deste pequeno levantamento, sugerimos hipóteses que durante o período de 1882 a 1971, nosso recorte temporal, os livros didáticos de História do Brasil sugerem uma imagem negativa de Solano Lopez.

Como apresentado, os vários adjetivos dados a Francisco Solano Lopez contribuíram para o processo da representação do mesmo. Vimos que em sua maioria, o mesmo é tido como um grande ditador e ambicioso que jogava contra o Brasil, ou seja, que atacando o Brasil de surpresa queria dominar o Prata. Entretanto, há alguns autores que fogem dessa ideia, como por exemplo, Serrano, Magalhães e João Ribeiro, ora chamando-o de Espírito Varonil, no caso de Ribeiro, ou por seu nome, como Serrano e Magalhães. Portanto, salientamos as intenções desses autores, bem como do governo brasileiro em criar uma ideia de Lopez, sendo aquele que destruiu a sua própria nação, tendo vontades ambiciosas, impregnadas durante sua passagem pela Europa.

Cabe destacar que as representações, segundo Chartier (1990), “são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”.

Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que

tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17).

Com base nessa discussão, reuniremos elementos para analisarmos como a imagem de Lopez foi construída e passada para o conteúdo escolar “Guerra do Paraguai”.

Em um primeiro momento, é visível a ideia do enfrentamento a um grande “tirano”, aquele que buscava em sua política do “Paraguai Maior”, uma saída para o oceano, de acordo como Caimi e Teixeira (2013).

Mattoso Maia (1886-1908) cita Solano Lopez como o ditador que vai formar no Prata um “Grande Império” rival do Brasil.

Os elementos presentes em João Ribeiro (1928), nos levam a perceber como a construção da imagem do ditador Solano Lopez foi feita. A partir dos atos de Lopez o mesmo perderia o heroísmo.

Com a guerra ao Brasil, o ditador Francisco Solano Lopez [...] tornou-se de facto o tyranno execrável que a lenda no Brasil perpetuou. O dictador suspicaz e cruel, com os morticínios e supplicio de suas victimas, perdeu a aureola de heroísmo que lhe concederia a história. (RIBEIRO, 1928, p. 504).

Há um processo de formação de um “tirano”, um “inimigo” do Brasil, e essa representação é encontrada nas obras de História do Brasil no decorrer dos anos, principalmente nas obras que narram a guerra por um viés patriótico e militar.

Portanto, é perceptível, que em sua grande maioria, os autores adjetivam Solano Lopes como o “ditador”, “déspota”, “inimigo do país”, e isso sofre poucas alterações com o tempo. O primeiro motivo seria pelas poucas mudanças de autores nesse recorte temporal de 1882-1971, e essa permanência de autores fez com que houvesse uma permanência de ideias, posicionamentos, etc. A representação de Solano Lopez também está ligada ao que conhecemos por absolutismo, ou seja, os autores representam Solano Lopez como o próprio Estado Paraguai. Por outro lado, Serrano (1941), destoa dos demais autores, pois não há uma desqualificação do presidente paraguaio, o autor usa-se do próprio nome do governante para identifica-lo. Notamos também, autores que além de desqualificar Lopez, dá adjetivos que consideramos positivos, como João Ribeiro (1954, 1966), ora tratando Lopez como um “ditador” que massacrava o seu povo, e ora reconhecendo-o como um “espírito varonil”, com força e destemido.

3.4 Batalha do Riachuelo

A Batalha do Riachuelo, datada de 11 de junho de 1865 é comemorada até hoje pela Marinha do Brasil como sendo a maior vitória naval brasileira de toda a sua história, sendo ocorrida nas proximidades do pequeno afluente do Rio Paraná chamado Riachuelo, conforme sugere Filho (2016). Portanto, é perceptível o destaque que esta batalha tem nos livros didáticos que selecionamos uma vez que, narra o momento considerado marcante da Marinha Imperial Brasileira durante a Guerra do Paraguai ocorrida entre 1864 a 1870. Por sua vez, identificamos a forte presença de uma das telas históricas do catarinense Victor Meirelles (1832-1903), intitulada “Combate Naval do Riachuelo”

Em Mattoso Maia (1886, 1908), que tem por característica uma narrativa das estratégias de batalha, destacando o trabalho dos exércitos, as táticas de guerra, entre outros. A Batalha do Riachuelo é descrita como o “memorável combate naval”(p.352). De fato, Maria dá grande destaque para o acontecimento, sustentando a ideia de que os brasileiros tiveram um ato “heroico”, pois mesmo lutando em desvantagem puderam sair vencedores de tal batalha, conforme podemos contatar no que se diz em

Combate Naval do Riachuelo (11 de junho de 1865) em que o heroico chefe BARROSO decide da victoria, fazendo manobrar o vapor Amazonas como um ariete, mettendo successivamente a pique três vapores inimigos (Jejuhy, Marquez de Olinda e Salto), inutilizando o Paraguay... são outros tantos títulos de glória. (MAIA, 1908, p.352)

Rocha Pombo (1918), narra a Batalha do Riachuelo como sendo a “primeira batalha naval entre as forças brasileiras e as do ditador” (p.258). Para esboçar a Guerra, o autor usa-se do suporte das imagens, conforme já mencionamos anteriormente. Nesse caso, é presente neste tópico a imagem do quadro de Vitor Meireles, apresentada abaixo.

Figura 20 - Batalha do Riachuelo de Vitor Meireles



Batalha do Riachuelo — Quadro de Vitor Meireles

Fonte: ROCHA POMBO, 1918, p.258.

O quadro de Meireles, representado em preto e branco, pouco tinha ligação com a escrita do autor, que não se preocupava em fazer um ligação entre o texto e imagem. Continuando, Pombo (1918) indica que “os navios inimigos desceram até o Riachuelo, perto de onde se achava a nossa esquadra” (p.258). Para o autor, vale destacar a tática militar Paraguaia, e no caso, “sem a bravura dos nossos, teria ela produzido o desastre mais horrível, talvez, de toda a história militar da América” (p.259). Entendemos que as características apresentadas por Rocha Pombo (1918) vão para além das questões militares, porém, vale lembrar notamos a presença das duas visões historiográficas acerca da “Guerra do Paraguai” neste livro, uma vez que, este não tem cunho memorialístico, mas exalta a participação do exército brasileiro, principalmente ao tratar a batalha como “uma das páginas mais gloriosas da nossa história naval”. Outra característica ligada aos méritos das forças brasileiras, é que mesmo com a grande força paraguaia, o Brasil saiu com a vitória e aniquilou quase que completamente o poder naval do Paraguai, conforme Rocha Pombo.

João Ribeiro (1928) não apresenta imagem da Batalha do Riachuelo, nesse quesito, se equipara a Maia (1886,1908) e destoa de Rocha Pombo (1918). João Ribeiro inicia a escrita deste tema, dizendo que esta foi a mais importante vitória brasileira durante toda a “Guerra do Paraguai”. O autor diz que

Procuraram logo os paraguayos destruir a esquadra brasileira que estacionava na boca do Riachuelo, e oito vapores e seis chatas, descendo o rio a toda força, lançaram-se pelo meio da esquadra; travou-se então a batalha naval em que Barroso (Barão do Amazonas) ganhou imorredoura fama, 11 de junho de 1865. (RIBEIRO, 1928, 506)

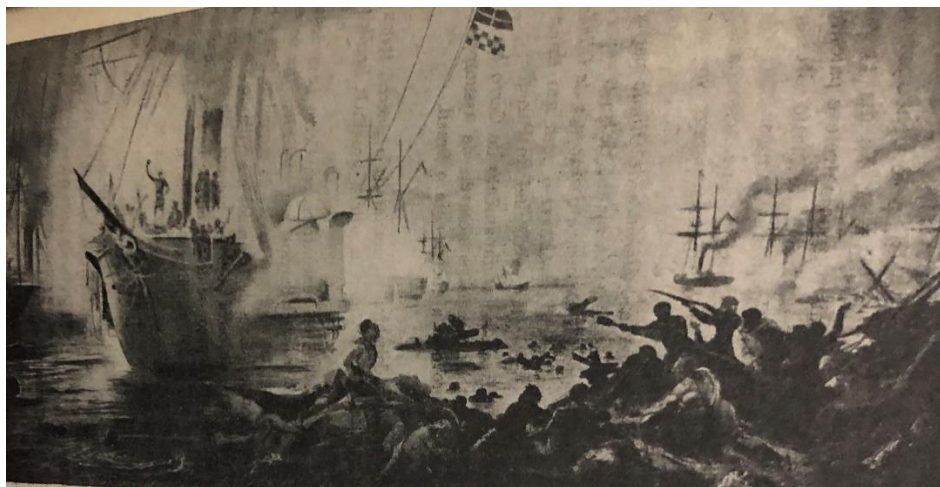
Ribeiro destaca a importância deste momento da guerra para o Brasil, bem como, destaca que tal fato se consolidou na memória do Brasil, principalmente pela atuação de Barroso. Outro fato que destacamos na escrita de Ribeiro (1928), é que ele afirma que a Batalha do Riachuelo foi a primeira vez que se usava vapores em guerras navais. Notamos que, Ribeiro também considera Riachuelo como o mais importante cenário para aos posteriores acontecimentos da “Guerra do Paraguai”, pois, o mesmo autor cita que é a partir daí que Solano Lopez se vê arruinado. Nesse caso, notamos também a argumentação de que os combatentes brasileiros, tinham garra, coragem, que foi primordial para a dinâmica do conflito, ou seja, mesmo com as vantagens do Paraguai, o Brasil conseguiu “contornar” a situação. Em sendo assim, mais uma vez levantamos indícios de que a narrativa de Ribeiro tem características patrióticas-militaristas, pois observamos como o autor a todo momento cita o exército brasileiro e suas glórias, apesar das adversidades.

Serrano (1931), narra com muitos detalhes o episódio da Batalha do Riachuelo, diferentemente dos demais autores até aqui analisados. Em um primeiro momento, o autor se propõe a caracterizar o Riachuelo “Perto de Corrientes desagua no Paraná, pela margem esquerda, um pequeno arroio, o Riachuelo” (p.390). Conforme o autor, os paraguaios esperavam em segredo com canhões, pelos brasileiros. Algo que vale destacar, é o levantamento de um fato curioso a respeito do desfecho deste episódio.

Não fosse o desarranjo de um dos vapores nas Tres Bocas e teríamos sido apanhados de surpresa durante a noite ou de madrugada. Com a demora, avistaram-se as duas esquadras às 9 horas da manhã de 11 de junho, pelas alturas do Riachuelo. Mal recebera o aviso – *Esquadra inimiga á vista* – lançado do tope de vante da Mearim, logo Barroso fez partir da *Amazonas* o signal de – *Preparar para combate*. (SERRANO, 1931, p.391)

Serrano também descreve a participação do *Marquês de Olinda*, agora nas tropas inimigas. Notamos os elementos que Serrano usa para expressar o heroísmo de Barroso, ao citar a frase do comandante que dizia: “*O Brazil espera que cada um cumpra o seu dever*”. A imagem que Serrano usa para representar a batalha, apresentada abaixo, é o quadro de Meireles, entretanto, o autor apresenta a mesma três páginas antes do tópico reservado para narrar a Batalha do Riachuelo. Serrano, portanto, não cita nada a respeito da imagem e da sua ligação com o conteúdo.

Figura 21 - Batalha do Riachuelo



Fonte: SERRANO, 1931, p.387

A hipótese que levantamos, é que Serrano (1931) usa uma página inteira para apresentar a imagem do quadro de Meireles, o que poderia ser uma questão de edição para a mesma estar colocada antes do conteúdo a que se refere.

Veiga Cabral (1940), narra a Batalha do Riachuelo conforme já citamos, com um viés patriótico-militar, pois, identificamos elementos que exaltam as tropas brasileiras, que quantificam o número de navios, a forma com que fizeram o *Amazonas* com aríete, que poz a pique alguns dos navios paraguayos, escapando apenas 4, que fugiram” (p.236). Cabral também destaca as palavras de ânimos dadas por Barroso, onde declarou “tudo pela pátria”. Diferente dos demais autores, Cabral aclama além de Barroso, alguns marinheiros que ele considera importantes para a batalha em questão. Dentre eles, se destaca João Guilherme Greenhalgh, que “entrou em luta corporal para defender o navio em que era canhoneiro”, Marcílio Dias, “que perdeu o braço em batalha”. O que destacamos também, é o uso do quadro de Vitor Meireles, que representa a Batalha do Riachuelo.

Serrano (1941), somente cita a existência da Batalha do Riachuelo, sem esboçar aprofundamento sobre a “Guerra do Paraguai”, muito menos pelas batalhas que houveram. Portanto, para este autor, durante o conflito “são notáveis, particularmente, durante a guerra, a batalha naval do Riachuelo (11 de junho de 1865), ganha pelo almirante Barroso.”(p.148), ou seja, mais uma vez notamos o discurso de Jonathas Serrano de suprimir elemento das guerras em sua obra de 1941.

Magalhães (1942), para além de apresentar o quadro de Meireles, o autor representa o Almirante Barroso em uma gravura em preto e branco. A hipótese que levantamos, é que este indício exemplifica o forte discurso acerca dos comandantes combatentes brasileiros, pelos

autores dos livros didáticos como Mattoso Maia (1886, 1908), Rocha Pombo (1918), João Ribeiro (1928), Serrano (1931), Veiga Cabral (1940). Entretanto, Magalhães usa da imagem de Barroso, apresentando um homem com muitas medalhas/insígnias por suas bravuras, como notamos na imagem abaixo.

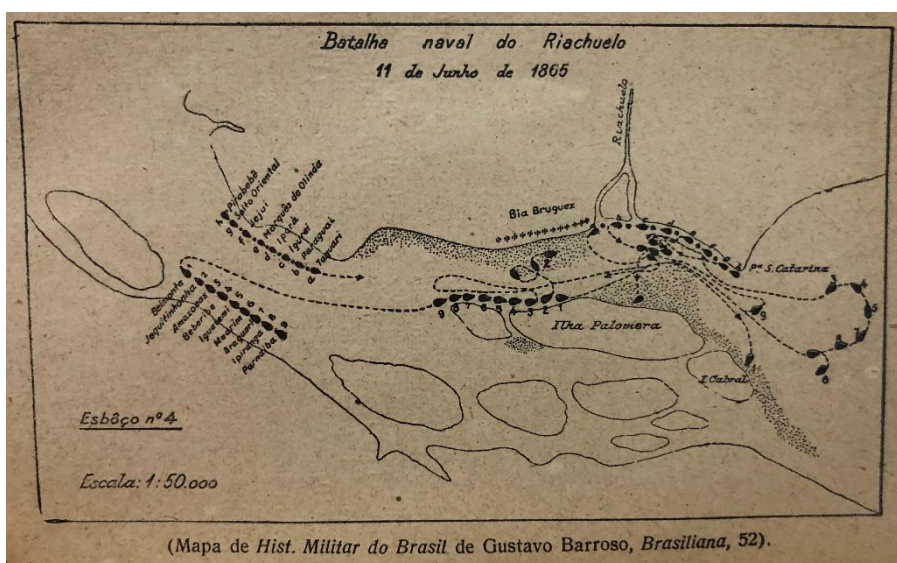
Figura 22 - Almirante Barroso



Fonte: MAGALHÃES, 1942, p.138

Joaquim Silva, 1944, em *História do Brasil para o quarto ano ginásial*, é perceptível a forma com que o autor narra este episódio exaltando as tropas brasileiras, uma vez que, “houve episódios de grande heroísmo”(p.75). Para além da presença do quadro de Vitor Meireles, na página 75, o elemento que merece atenção no livro de Silva, é a presença de um mapa da Batalha do Riachuelo, que apresentamos a seguir.

Figura 23 - Mapa da Batalha do Riachuelo



Fonte: SILVA, 1944, p.76

Neste mapa, Silva busca representar a dinâmica da batalha, bem como, a movimentação dos navios brasileiros e paraguaios. Por ser algo inovador, em relação aos outros livros, os indícios nos levam a dizer que Silva buscou novas ferramentas para narrar este episódio. O mesmo autor se refere a Batalha do Riachuelo como ocasionada por

Uma divisão de nossa esquadra, ao mando de Francisco Manuel Barroso, subiu ao rio Paraná para bloquear os portos do Paraguai. Estavam os nossos Navios junto a Foz do Riachuelo, quando veio ao seu encontro a esquadra paraguaia do comandante Meza: eram oito vapores e seis chatas ou baterias flutuantes, com apoio de baterias dispostas nas barrancas do rio. (SILVA, 1944, p.75)

Um indício que nos leva a compreender mudanças na narração da Batalha do Riachuelo, é que Silva (1944) destoa de Serrano (1931), pois Silva diz que as tropas brasileiras foram encontradas pelas tropas paraguaias, o que Serrano apresenta de forma diferente, pois cita que as tropas encontraram as tropas paraguaias as esperando. Essa seria umas das mudanças no conteúdo sobre a Batalha do Riachuelo. Destacamos a permanência de elementos que vangloriavam os “heróis” da nação, uma vez que

A luta, cheia de épicos episódios, prolongou-se durante perto de oito horas, dedicando-se em nosso favor o bravo Barroso que, de pé sobre a caixa de rodas da “Amazonas”, com a “longa e alva barba ao vento, ereto, impassível e invulnerável, sob um chuveiro de fogo”, realizou um dos maiores feitos navais da história, arremessando seu navio, audaciosamente, como um aríete irresistível ao inimigo, pondo ao fundo sucessivamente três de suas melhores unidades (11 de junho de 1865). (SILVA, 1944, p.77)

Como Silva afirma, Barroso é tido como um grande herói para o Brasil, aquele que não cansava, bravo, que não tinha medo e sempre em frente pela luta da pátria brasileira. Silva então, traça elementos de uma narrativa patriótica, mas também de uma visão positivista, apresentando grandes heróis, conforme descreve o almirante Barroso.

O que se apresenta em João Ribeiro (1954) não se tem mudanças em relação a sua obra de 1928, uma vez que, conforme o trecho abaixo, notamos as mesmas características e descrições.

Procuraram logo os paraguaios destruir a esquadra brasileira que estacionava na bôca do Riachuelo, e oito vapores e seis chatas, descendo o rio a toda fôrça, lançaram-se pelo meio da esquadra; travou-se então a batalha naval em que Barroso (Barão Amazonas) ganhou imorredoura fama, 11 de junho de 1865. Pela primeira vez em guerras navais se utilizavam vapores. Um vapor, como o Amazonas, foi pregado como aríete contra a esquadra inimiga. Das embarcações inimigas só se salvaram quatro, pela fuga. Ainda depois da vitória teve Barroso de forçar o passo de Cuevas, sob o fogo de baterias. (RIBEIRO, 1954, p.400)

Ribeiro, mesmo com o passar dos anos, em seu texto permanece a narrativa da “Guerra do Paraguai” voltada para destacar as vitórias do exército brasileiro, bem como a dos comandantes.

No que diz respeito as obras de Borges Hermida, datadas dos anos de 1956 e 1957, percebemos a tímida narrativa sobre a Batalha do Riachuelo. Conforme o autor

Para bloquear os portos paraguaios uma parte da esquadra brasileira, sob o comando de Francisco Manuel Barroso, depois Barão de Amazonas, subiu o Rio Paraná, encontrando-se junto à foz do Riachuelo com a esquadra inimiga. Feriu-se então, com a vitória do Brasil, a Batalha do Riachuelo, que foi o maior encontro naval de toda a guerra (11 de junho de 1865). (HERMIDA, 1956, p.159)

E ainda

Uma parte da esquadra brasileira, comandada por Francisco Manuel Barroso, subia o Rio Paraná, quando junto à foz do Riachuelo encontrou-se com a esquadra inimiga: feriu-se então a grande Batalha do Riachuelo, com a vitória do Brasil (11 de junho de 1865). (HERMIDA, 1957, p.176)

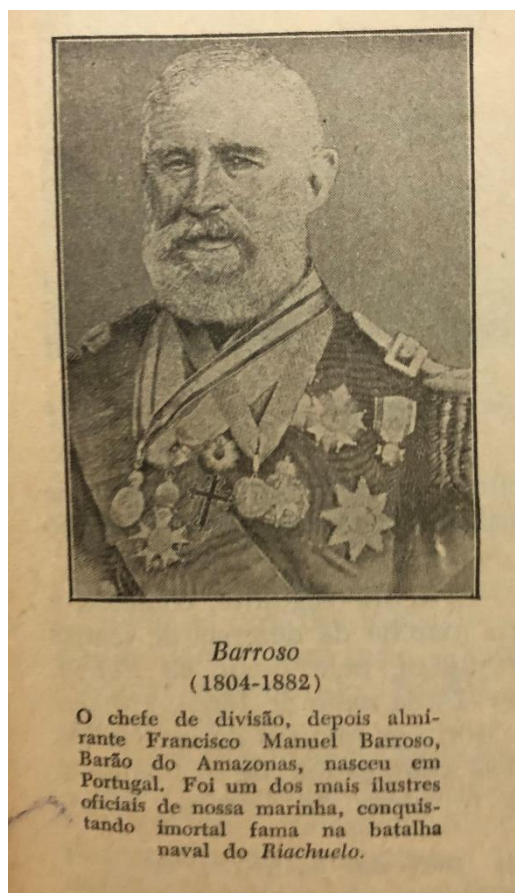
Em primeiro lugar, é fato de que Borges Hermida tem uma característica de sintetizar os conteúdos, como fez com a “Guerra do Paraguai” e, conseqüentemente, com a Batalha do Riachuelo. O autor apresenta da mesma forma em suas duas obras aqui analisadas, de forma resumida, Hermida destaca a grandiosidade da Batalha do Riachuelo, bem como, sua importância para os desfechos da guerra.

A narrativa de Joaquim Silva (1959) é igual a do seu livro de 1944, como apresentamos a seguir

A luta durou perto de oito horas, decidiu-a em nosso favor o bravo Barroso que, de pé sobre a caixa de rodas da “Amazonas”, com a “longa e alva barba ao vento, ereto, impassível e invulnerável, sob um chuva de fogo”, realizou um dos maiores feitos navais da história, arremessando seu navio, audaciosamente, como um aríete irresistível ao inimigo, pondo ao fundo sucessivamente três de suas melhores unidades (11 de junho de 1865). (SILVA, 1959, p.219)

Identificamos no texto, elementos que caracterizam Barroso como um home forte, bem como, inatingível, o que é demonstrado na imagem que Silva (1959) apresenta, que colocamos abaixo.

Figura 24 - Barroso



Fonte: SILVA, 1959, p.219

Conforme podemos observar na imagem, Barroso é apresentado como um homem com muitas conquistas, o que nos leva a pensar de tal forma são as inúmeras medalhas, que podem se referir as grandes conquistas que Barroso teve.

Já em Rocha Pombo (1960), a Batalha do Riachuelo é narrada de tal forma, que

No dia 11 de junho (1865) a esquadra inimiga desce o rio a tóda Força, passando ao lado da divisão brasileira que estava um pouco abaixo de Corrientes; e toma posição em frente às bôcas do Riachuelo, em cujas alturas já haviam os paraguaios construído umas baterias que só agora se descobrem. Ali trava-se a batalha, que foi, sob o ponto de vista militar, uma das mais notáveis que se registram na história; e para os aliados, de importância decisiva. Durou a peleja quase todo o dia, e terminou pela tarde com a vitória das nossas armas.(POMBO, 1960, p.439)

Na narrativa de Pombo (1960), notamos grandes mudanças, a primeira seria a ausência do destaque dado para as forças militares, uma vez que, o autor não cita, por exemplo, a presença de Barroso, nem características peculiares as forças do exército brasileiro, o que nos

leva a compreender tais indícios como grandes mudanças em relação a narrativa do próprio autor, como também, em relação aos demais autores.

Helio Vianna (1962), destoa da narrativa dos outros, principalmente no que diz respeito a caracterizar a batalha como a mais importante da “Guerra do Paraguai”, conforme vemos abaixo

No mesmo mês, uma divisão naval brasileira, sob o comando do Chefe de Divisão Francisco Manuel Barroso da Silva, depois Barão do Amazonas, aliada a forças argentinas do General Paunero, conseguiu retomar Corrientes. Resolveu López atacar os nossos navios com os de que dispunha, sob o comando de Meza, atraindo-os, a 11 de junho, para o canal entre a Ilha Palomera e a Foz do Riachuelo, onde havia colocado baterias de artilharia, duas léguas abaixo daquela cidade. Foi-lhe ao encontro Barroso, e o resultado foi a Batalha de Riachuelo, em que ficou definitivamente destruído o poderio naval do ditador paraguaio.(VIANNA, 1962, p.200)

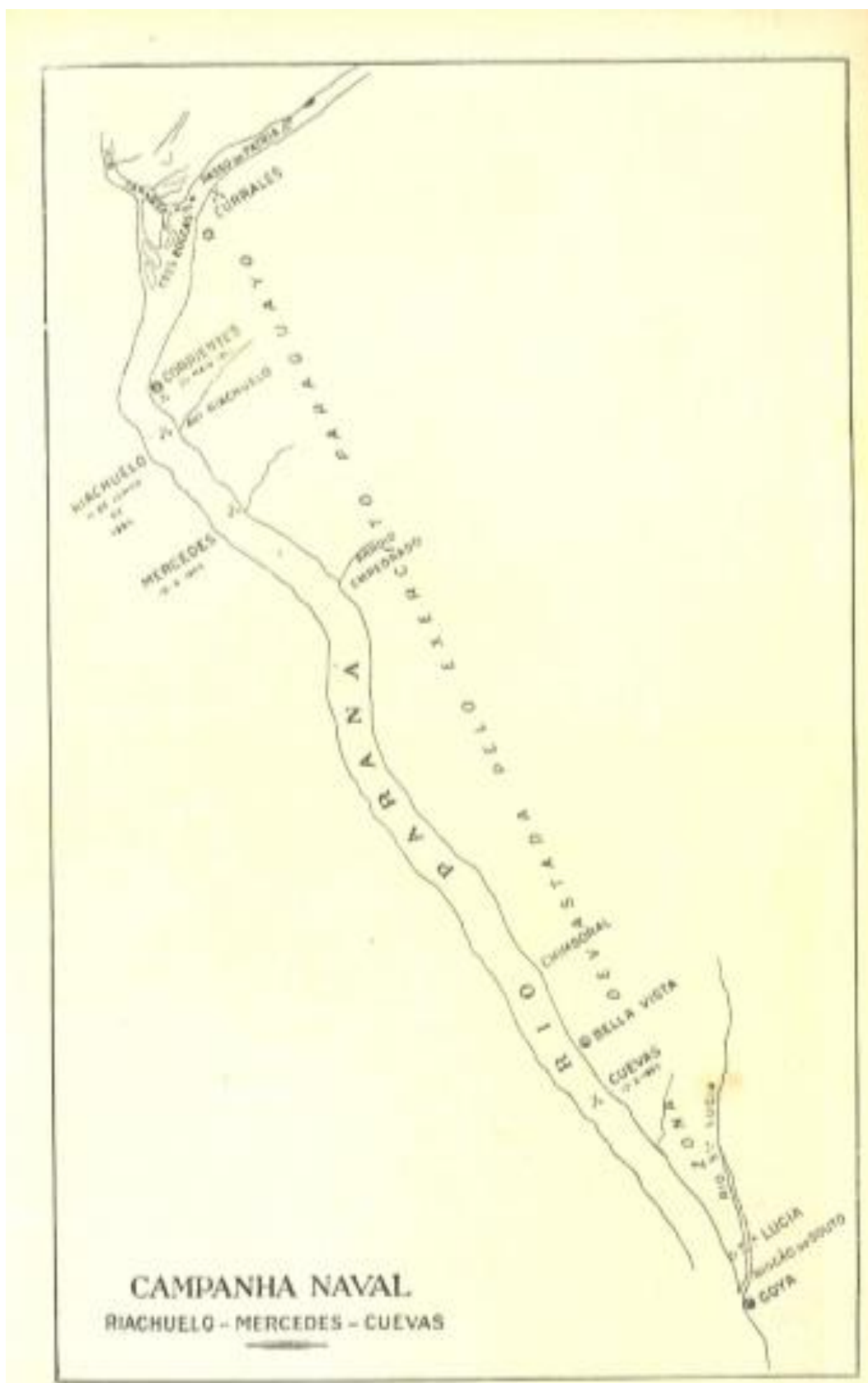
Notamos que, Vianna, cita alguns acontecimentos até então não ditos nos autores anteriores, no caso da presença do General Paunero, argentino que aliou forças com o Brasil. Também notamos, a ausência de adjetivos para as tropas brasileiras, o que até então se tornou comum nos autores que vimos até aqui.

Em Ribeiro (1966) não encontramos mudanças quanto a Batalha do Riachuelo, pois, a narrativa do autor é apresentada da mesma forma que o livro didático de 1954, conforme colocamos abaixo.

Procuraram logo os paraguaios destruir a esquadra brasileira que estacionava na bôca do Riachuelo, e oito vapôres e seis chatas, descendo o rio a toda fôrça, lançaram-se pelo meio da esquadra; travou-se então a batalha naval em que Barroso (Barão Amazonas) ganhou imorredoura fama, 11 de junho de 1865. Pela primeira vez em guerras navais se utilizavam vapôres. Um vapor, como o Amazonas, foi pregado como aríete contra a esquadra inimiga. Das embarcações inimigas só se salvaram quatro, pela fuga. Ainda depois da vitória teve Barroso de forçar o passo de Cuevas, sob o fogo de baterias. (RIBEIRO, 1966, p.400)

No livro de Serrano (1968), encontramos a mesma narrativa acerca da Batalha do Riachuelo. Porém, o autor usa-se de elementos diferente para representar o fato histórico. A imagem do quadro de Vitor Meireles continua com destaque no livro de Serrano, entretanto, vemos a presença de um mapa das campanhas navais que houveram na “Guerra do Paraguai”

Figura 25 – Mapa da Campanha Naval



Fonte: SERRANO, 1968, p.369

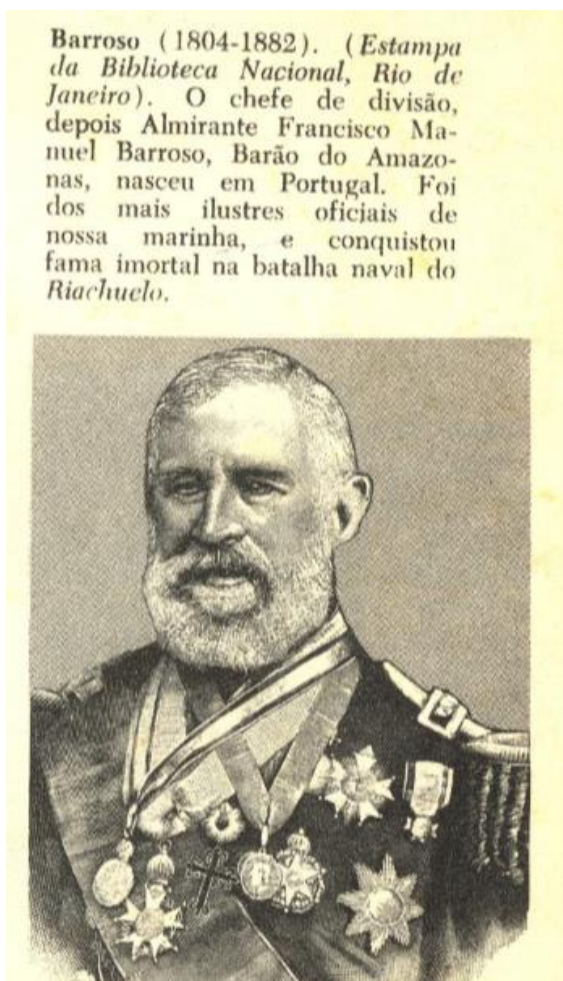
Serrano apresenta este mapa, para representar as movimentações que houveram na campanha naval, lugar que percebemos parte do Rio Paraná, bem como o Riachuelo. Conforme o que é apresentado em Serrano (1968), a autor apresenta duas visões da batalha, sendo uma delas exclusivamente militar, como é o trecho em que o autor cita o texto que explica a importância do episódio, como sendo um dos grandes feitos navais da História.

No que diz respeito a Silva (1969), a mesma narrativa de 1959 se repete, como vemos na citação abaixo.

A luta durou perto de oito horas, decidiu-a em nosso favor o bravo Barroso que, de pé sobre a caixa de rodas da “Amazonas”, com a “longa e alva barba ao vento, ereto, impassível e invulnerável, sob um chuva de fogo”, realizou um dos maiores feitos navais da história, arremessando seu navio, audaciosamente, como um ariete irresistível ao inimigo, pondo ao fundo sucessivamente três de suas melhores unidades (11 de junho de 1865). (SILVA, 1969, p.254)

Porém, os elementos de imagem trazem um formato diferente.

Figura 26 - Barroso (1804-1882)



Fonte: SILVA, 1969, p.255

Como podemos ver, a imagem de Barroso é a mesma apresentada por Silva em 1959, entretanto, notamos que nesta edição, o autor explica da onde retirou tal imagem, cita algumas informações de a vida do almirante, o que confere caráter a uma historiografia positivista. Porém, é válido mostrar que há um esforço e mudança nas apresentações das imagens no decorrer do conteúdo. Mas, notamos que as imagens não colocadas próximas ao textos que fazem menção, ou se quer, no texto, o autor cita a presença das imagens.

Levantamos hipóteses de que o processo que se dá em nosso recorte temporal, 1882 a 1971, as mudanças e permanências são nítidas no conteúdo “Guerra do Paraguai”, ora mais perceptíveis, ora menos, fazendo entendermos as nuances que ocorrem na produção dos livros e na escrita do conteúdo “Guerra do Paraguai”. Portanto, reafirmamos a forte presença de duas visões ou tendências historiográficas acerca da Guerra, a primeira será aquela voltada para a narrativa das grandes ações do exército brasileiro, lugar que os autores tinham um caráter memorialístico em relação a guerra, já a segunda, seria aquela visão que surge a partir da República, com um caráter positivista. Porém as duas estão presentes nos livros didáticos de forma concomitante.

Quanto as imagens, destacamos a forte presença do quadro de Vitor Meireles³⁹ sobre a Batalha do Riachuelo, entretanto, a imagem é colocada como forma de somente ilustrar, uma vez que, os autores que a usaram não citam a presença da mesma no decorrer da escrita. Vale lembrar que esta obra foi encomendada pelo governo ainda durante a “Guerra do Paraguai”, conforme Toral (2001).

3.5 O fim da “Guerra do Paraguai”

A “Guerra do Paraguai” foi o conflito externo que teve maior repercussão para os países envolvidos, como a mobilização, mortes, questões políticas. Doratioto (2002), salienta que a guerra foi um grande divisor de águas para a história dos países envolvidos. Portanto, dentro deste contexto, analisamos as narrativas acerca do final da guerra, como apresentados pelos

³⁹ Os desenhos de Vitor Meireles foram feitos em Humaitá e Pilar, sudoeste paraguaio, onde esteve por dois meses, agosto e setembro de 1868. Hospedado na nau capitânia da Esquadra Imperial, o encouraçado Brasil dedicou-se, cotidianamente, a retratar cadáveres, militar, paisagens, navios, Meireles etc. Tudo o que lhe caía sob os olhos e que pudesse ter alguma utilidade na realização de suas duas telas encomendadas – Passagem de Humaitá e Combate naval do Riachuelo – era minuciosamente anotado com lápis sobre pedaços de papéis de tamanhos variados, quase sempre menores que um folha de papel tamanho ofício. Esses estudos preparatórios jamais foram pensados como uma obra independente da pintura; antes, eram uma etapa de sua realização: a de coleta de informações no local dos acontecimentos. (TORAL, 2001, p.141)

autores, identificando as consequências para o Brasil e Paraguai, conforme os autores que selecionamos.

Mattoso Maia (1886, 1908), enfatiza os sacrifícios que o Brasil teve com a guerra. O autor narra os últimos momentos da guerra da seguinte forma

Lopes, ferido por um golpe de lança, tenta ainda fugir, apeia-se do cavallo, atravessa O pequeno arroyo *Aquidabanigui* e cõe de joelhos na margem opposta. O General Camara intima-lhe a rendição e entrega da espada, garantindo-lhe os restos de vida: Lopes responde-lhe atirando-lhe um golpe de espada: O General Camara ordenou então a um soldado que o desarmasse, acto que foi executado no tempo em que exhalava elle o ultimo suspiro — (Palavras textuaes da parte do General Camara, que não falla em tiro de revólver, acabasse com a vida de Lopes). (MAIA, 1908, p.378)

Maia acaba destacando que o resultado do Brasil foi brilhante, estabelece também os prejuízos em relação ao conflito. Nesse caso, a questão econômica é citada por Mattoso Maia, bem como as perdas das vidas. A saber

O Brazil, para chegar a tão brilhante resultado, fizera sacrificios enormes; tinha despendido para mais de setecentos mil contos, e muito mais de cem mil dos seus filhos pagaram com a vida o seu patriotismo; Mas também a História attestará em todos os tempos que o Brazil mostrou-se constantemente inabalável no momento unanime de desaggarar a honra nacional. (MAIA, 1886,1908, p. 396)

Maia, portanto, destaca o patriotismo, os elementos como “honra nacional”, “patriotismo”, “inabalável”. Portanto, é nítido que a escrita do final da guerra, conforme Mattoso Maia, é enfatizado a moral do Brasil em relação as perdas.

Em Rocha Pombo (1918), não cita consequência explícitas em seu texto. Para o autor, a guerra termina a partir de uma perseguição a Solano Lopez que

[...] é perseguido até Aquidaban, onde alcançado pelo general Câmara, é intimado a que se entregue. Lopez, já ferido e de todo exausto, resiste ainda, e tem um gesto hostil contra o soldado que o quer prender. E, então, foi morto. Terminara assim essa guerra tremenda de cinco anos, só devida a um homem, a cujas valedades de mando e acujo instinto sanguinário se sacrificou todo um povo, e a paz de tantas nações. (POMBO, 1918, p. 279)

Agora, sentindo que tudo está perdido. põe-se o ditador, com os restos da sua escolta, a recuar, e sempre combatendo, à procura daquele caminho. Transpondo O Aquidabã, encontra o Chiriguelo em poder dos aliados: e o finito recurso, com que atinou O seu instinto, foi o da fuga desesperado. Seguido de dois fiéis, procura, nas matas do Aquidabanigui, um retiro onde pudesse esconder a sua agonia, Ali foi alcançá-lo o próprio general Câmara com a sua ordenança Não querendo render-se, foi morto. A morte de López põe termo à guerra, Com ela encerrou-se parte da América do Sul, uma longo período de desordens, que por sua mesma natureza, de

simples dissídios internos, se convertiam quase sempre em complicações internacionais. López o último grande caudilho, que fecha, na zona platina, a história daquelas terríveis usurpações da força contra o reito das coletividades, A destruição de sua tirania marca uma era nova na civilização do continente. Desmentindo o que a perfídia apregoava (até fora da América, e principalmente quanto aos intuitos do Brasil), no dia da vitória estiveram os aliados perfeitamente fiéis aos seus compromissos: entregaram, aos seus próprios filhos, a nação por eles redimida. (ROCHA POMBO, 1960, p.449)

Expedições parciais foram lançadas á cata do tirano fugitivo. Numa delas, a do General Camara, surpreendeu Lopez em Cerro Corá, ás margens do Aquidaban, quase na fronteira de Mato Grosso, Lopez tinha apenas uns poucos soldados fieis que o acompanhavam; não quis entregar-se e foi morto por um lanceiro (1º de março de 1870). (RIBEIRO, 1966, p.405)

Notamos que o autor responsabiliza Solano Lopez por toda a “Guerra do Paraguai”. Entendemos que a consequência disso seria o sacrifício do povo paraguaio, conforme cita Pombo (1918). Para além, o autor não se detém em aprofundar as consequências do conflito.

Ribeiro (1928) não dedica uma parte da sua escrita para tecer considerações a respeito das consequências da “Guerra do Paraguai”. Os indícios que levantamos se relacionam a narrativa do final da guerra, onde se deu a morte de Solano Lopez. Segundo o autor, Lopez ao ser capturado em Aquidaban, não quis se entregar, o que ocasionou sua morte, provavelmente por uma lança, como observamos a seguir.

Expedições parciais foram lançadas á cata do tyranno fugitivo. Uma d’ellas, a do General Camara, surpreendeu Lopez em Cerro Corá, ás margens do Aquidaban, quase na fronteira de Mato Grosso, Lopez tinha apenas uns poucos soldados fieis que o acompanhavam; não quis entregar-se e foi morto por um lanceiro (1º de março de 1870). (RIBEIRO, 1928, p.512)

Ribeiro destaca que a “Guerra do Paraguai” mereceria maior destaque, e ao final do tópico sobre a guerra, diz que em seu texto houve uma alusão ao fato.

Serrano (1931), da mesma forma que os demais não descreve de forma minuciosa o final da guerra, como também suas consequências. Para o autor, o final do grandioso conflito teria acontecido após a morte de Lopez.

Correu no exercito que Lopez sucumbira a um gople de lança de um cabo de esquadra – José Francisco Lacerda – apelidado de Chico diabo. Fizeram até o seguinte verso: o cabo Chico Diabo, do Diabo o Chico deu cabo. Representava a guerra um prejuízo enorme para o Brasil: milhares contos e de vidas preciosas sacrificadas no campo de batalhas. Nada lucramos, a não ser a desafronta de nosso brio. Para o Paraguay foi também a ruina, e quase total. A loucura de Lopez levara seu povo aos seus limites da miséria e do sofrimento. (SERRANO, 1931, p.402)

Como também em seu livro de 1968, como apresentamos abaixo.

Correu no exercito que Lopez sucumbira a um gople de lança de um cabo de esquadra – José Francisco Lacerda – apelidado de Chico diabo. Fizeram até o seguinte verso: o cabo Chico Diabo, do Diabo o Chico deu cabo. Representava a guerra um prejuízo enorme para o Brasil: milhares contos e de vidas preciosas sacrificadas no campo de batalhas. Nada lucramos, a não ser a desafronta de nosso brio. Para o Paraguay foi também a ruína, e quase total. A loucura de Lopez levava seu povo aos seus limites da miséria e do sofrimento. (SERRANO, 1968, p.377)

Milhares de pessoas morreram nos campos de batalha, o autor defende que vidas preciosas foram perdidas por consequência de Solano Lopez, portanto, não houve lucro para o Brasil. No que se refere ao Paraguai, Lopez levou-os a miséria e ao sofrimento, como destaca Serrano (1931).

Cabral destaca os motivos da “Guerra do Paraguai”, como também com quem a guerra foi feita.

Se é justo confessar que tínhamos motivos para fazer esta guerra e que Lopez foi ingrato para com o Brasil, a quem sabia dever a sua pátria a autonomia que gosava – pois, como atrás ficou dito, fora o Brasil que se oppuzera nobremente a que o vadalico João Manoel Rosas o incorporasse aos seus domínios – justo é também reconhecer a stoica bravura com que os paraguayos defenderam sempre o solo pátrio. Estava lavada com o nosso sangue a honra do Brasil, aviltada por Lopez, que nos obrigou a consumir quase o exterminio de um povo heroico que sempre se bateu com galhardia em defesa da pátria. O Brasil fez a guerra a Solano Lopez e não ao povo paraguayo, o que bem se traduz no cabeçalho de nossas ordens do dia: Commando em chefe do Exército em operações contra o governo do Paraguay”. Solano Lopez, o dictador, era o governo do Paraguay... (CABRAL, 1940, p.246)

A “Guerra do Paraguai”, conforme Cabral (1940), findou-se a partir do momento em que Lopez foi morto. Uma mudança significativa da narrativa encontramos neste livro, pois, como narrado, “um soldado do 9º de infantaria conseguiu tirar-lhe a espada, ao tempo em que um outro soldado, João Soares, disparava sua arma contra Lopez, que atingido no hombro, cahira por terra, exhalando o ultimo suspiro” (p. 245). Este indicio demonstra uma mudança enquanto a narrativa da morte de Solano Lopez, o que até o momento o mesmo não teria sido morto por uma arma de fogo, Cabral destoa dos demais autores. Outro fato peculiar da narrativa de Cabral, é o momento em que cita que um alferes corta a orelha esquerda de Lopez, que justifica “É uma promessa que fiz na minha terra, levar a orelha de Lopez!”. Nessa conjuntura, Cabral levanta dados de que o Brasil teria sofrido com a perda de “100.000 homens, enquanto ao Paraguai mais de um milhão de homens”(p.245)

Em relação ao livro didático de Serrano (1941), *Epítome de História do Brasil*, o autor destaca, para além das mortes em batalhas, as mortes ocasionadas pelas epidemias, como por exemplo, a cólera.

Lopez continuou a luta e foi morto em Cerro Corá. Assim terminou esta guerra mortífera (1º de março de 1870), que sacrificou cerca de 50.000 homens, em combate ou em virtude das epidemias que se desencadearam (sobretudo, em certa fase, a do cólera), obrigou-nos a enormes despesas e deixou o Paraguai totalmente arruinado. (SERRANO, 1941, p. 149)

Como podemos ver, de forma discreta, Serrano (1941) apresenta características inéditas até aqui, principalmente por citar que não somente a guerra matou ou gerou desfalques na economia, como também as doenças com as quais os combatentes deveriam enfrentar.

A partir de Magalhães, notamos um discurso que vai para além dos heróis nacionais, como também dos pequenos personagens que atuaram na “Guerra do Paraguai”. Os dados apresentados por Magalhães (1942), destoam totalmente dos que apresenta Veiga Cabral (1940), principalmente no que diz respeito ao número de mortes na guerra.

Calcula a perda total dos aliados em 39.390 homens e a de Solano López em 85.000 (aproximadamente). Note-se que o Brasil não abusou da vitória, para tomar ao Paraguai qualquer pedaço do seu território, não recebeu do mesmo um centil de indenização e ainda lhe restituiu os troféus da demorada e sangrenta pugna. É fora de dúvida que a Guerra do Paraguai influenciou bastante no sentido de incrementar em nossa pátria o duplo movimento de ideias político-sociais em favor da abolição e da república. (MAGALHÃES, 1942, p. 153)

Os indícios em Magalhães, nos levam a reiterar a questão que apresentamos anteriormente, onde o autor destaca a presença do negro, do índio, como vemos que para este, a “Guerra do Paraguai” contribuiu para com o processo de abolição e também para o movimento de ideias republicanas.

Silva (1944), não deixa nítida a forma com que Lopez veio a morrer, sendo mais uma característica que destoam as demais, bem como, as consequências, onde destoa do número de mortos brasileiros, que morreram nas lutas e por moléstias, como vemos abaixo

Ainda durante sete meses, Lopez apõe-se, lutando, á perseguição que lhe é feita; por fim, a 1º de março de 1870, foi alcançado em Cerro Corá, onde tombou morto. Terminava assim a longa campanha que arruinou o Paraguai e que nos custou o sacrifício de mais de 90.000 brasileiros, na luta ou por moléstias, além de pesadíssimos encargos financeiros. (SILVA, 1944)

O fim do ditador. — López, já ferido e sem fôrças, tentando transpor o Aquidabanigui, cafra de joelhos na barranca; e assim descreve o general Câmara o que aconteceu: "Foi nesta posição que, tendo-me apeado e seguido no seu enalço, o encontrei. Intimei-lhe que se rendesse e entregasse a espada, que eu lhe garantia o resto da vida, eu, o general que comandava aquelas fôrças. Respondeu atirando-me um golpe de espada. Ordenei então a um soldado que o desarmasse, ato que foi executado ao tempo em que exalava o último suspiro". Propagou-se, entre. tanto, no

exército que López morrera dum golpe de lança que antes lhe desferira Chico Diabo, apelido do cabo José Francisco Lacerda. (SILVA, 1959, p.225)

Ainda durante sete meses, Lopez apõe-se, lutando, á perseguição que lhe é feita; por fim, a 1º de março de 1870, foi alcançado em Cerro Corá, onde tombou morto. Terminava assim a longa campanha que arruinou o Paraguai e que nos custou o sacrifício de mais de 90.000 brasileiros, na luta ou por moléstias, além de pesadíssimos encargos financeiros. (SILVA, 1969, p.257)

Para Silva, a guerra ocasionou a morte de 90.000 brasileiros, diferente do que apresentaram os demais autores.

Ribeiro (1954) permanece com as características levantadas no livro didático do ano de 1928, sendo assim, identificamos que não há uma dedicação de parte específica da sua escrita para tecer considerações a respeito das consequências da “Guerra do Paraguai”. Os indícios que levantamos se relacionam a narrativa do final da guerra, onde se deu a morte de Solano Lopez. Segundo o autor, Lopez, não quis se entregar, o que ocasionou sua morte, provavelmente por uma lança, como observamos a seguir.

Expedições parciais foram lançadas á cata do tyranno fugitivo. Uma d’ellas, a do General Camara, surpreendeu Lopez em Cerro Corá, ás margens do Aquidaban, quase na fronteira de Mato Grosso, Lopez tinha apenas uns poucos soldados fieis que o acompanhavam; não quis entregar-se e foi morto por um lanceiro (1º de março de 1870). (RIBEIRO, 1954, p.405)

Em Hermida (1956, 1957), o autor não estabelece questões acerca das consequências da “Guerra do Paraguai”, uma vez que, Hermida declara que o fim do conflito se deu após a morte de Solano Lopez. Conforme vemos a seguir

A 1º de março de 1870 verificou-se o último combate da guerra, que foi o de Cerro Corá, onde as forças brasileiras eram comandadas pelo General José Antonio Correia da Câmara, depois Visconde de Pelotas. O ditador, ferido, ainda quis fugir, mas quando atravessava um riacho tombou sem vida. Com a morte de Solano Lopes terminou a Guerra do Paraguai. (HERMIDA, 1956, p.161)

Solano Lopes, derrotado, não quis entregar-se: preferiu fugir para o interior do país e continuar resistindo. Já não possuía mais exército nas pequenas forças que o acompanhavam nesse fim da luta. A 1º de março de 1870 verificou-se o último combate da guerra, que foi o de Cerro Corá. . O ditador, ferido, ainda quis fugir, mas quando atravessava um riacho tombou sem vida. Com a morte de Solano Lopes terminou a Guerra do Paraguai. (HERMIDA, 1957, p.178)

Conforme Hermida, há um indicio de que Lopez tenha morrido em decorrência de estar ferido, diferentemente das hipótese que levantamos de ser morto por arma de fogo ou por uma lança.

Helio Vianna (1962), em seu tópico sobre as consequências da “Guerra do Paraguai”, se detém a citar as questões de fronteira e reestruturação dos países. Como observamos, a guerra teve seu término com a morte de Solano Lopez

Abandonando Ascurra, dirigiu-se López para araguataí. Sendo perseguido, internou-se em uma região desabitada, onde seria muito difícil a sua captura. Planejada esta, nos meses seguintes, em colunas que percorriam toda a zona Nordeste da República do Paraguai, muito se distinguiu, nessa missão, o Brigadeiro José Antônio Correia da Câmara, depois 2.º Visconde de Pelotas. A ele coube vencer o último combate, o de Cerro Corá, a 1º de março de 1870. Fugindo, depois do encontro, foi alcançado Francisco Solano López, que, ferido, intimado a render-se, preferiu resistir, sendo morto, o que pôs termo à guerra. (VIANNA, 1962, p. 206)

Ao tratarmos do final do conflito, notamos que há mudanças consideráveis quanto a abordagem em que os autores selecionados dão ao importante conflito armado da América do Sul. Mattoso Maia (1886) apresenta elementos a respeito de Lopez, sua emboscada e a família do governante paraguaio. O autor destaca nas linhas finais do capítulo que o grande resultado vitorioso é o que importava.

Maia (1886), portanto, se detém a exaltar questões patrióticas e nacionalistas. Da mesma forma, é apresentado o desfecho do conflito em Maia (1908), no qual o autor destaca que os últimos combatentes paraguaios caíram em poder do vencedor.

De forma muito bem detalhada, Rocha Pombo (1918) narra o fim de Solano Lopez e o fim da Guerra. Para Rocha Pombo (1918), era necessário a morte de Solano Lopez para que a guerra tivesse um fim, e assim se deu, como citado e colocando toda a responsabilidade em Lopez. É perceptível.

Quanto ao final da “Guerra do Paraguai”, podemos observar no quadro que há uma incoerência com o fato de como Solano Lopez tenha morrido, alguns dizem que o mesmo tombou e morreu, outros que o mesmo foi morto por um por Chico Diabo. O que notamos é a colocação de Solano Lopez como o inimigo do Brasil, e não os paraguaios como inimigos. Compreendemos também, que com o passar do tempo, os autores passaram a descrever consequências da Guerra, o que não percebemos nos primeiros livros analisados.

Vale salientar as modificações que encontramos a respeito dos números de mortes e das consequências em que a “Guerra acarretou”.

Brazil (2011), afirma que “ a Guerra do Paraguai, estimula os historiadores a construir verdadeiros ricochetes de novas interpretações e leituras . Mas há ainda um longo caminho a ser percorrido no sentido de se alcançar abordagens inovadoras”. E isso é o que notamos neste capítulo, que há inúmeras interpretações que podem ser dadas para a “Guerra do Paraguai”, uma vez que, elencamos aqui, ainda que de forma reduzida, mudanças e permanências pertinentes em nosso recorte temporal de 1882 a 1971.

CONCLUSÕES

Solo guarani: palco da guerra,
Vale em que se cruzam
As águas do Paraná,
Quase mar
E as do Paraguai,
(Sobre os camalotes voam papagaios).
Solo guarani,
Piraretã, patriazinha,
Onde os Índios bebiam mel silvestre
E se tatuavam de preto e anil.
O solo guarani
Selou a sorte de Solano,
Sonhava com a glória,
O oceano
E não transpôs a fronteira
De sua própria terra,
Encurralado e só.
Raquel Naveira (1993)

Ao terminar este trabalho, enfatizamos a importância da “Guerra do Paraguai” para a região que ocupamos, e para além das fronteiras, assim como Rachel Naveira retrata o solo guarani que selou a sorte de Solano Lopez, como também foi preponderante para o que se sucedeu na História dos países que estiveram neste momento histórico..

Percebemos que o trabalho do historiador está sempre em construir e reconstruir, ou seja, escrever, reescrever, ou até mesmo duvidar daquilo que nós mesmos escrevemos, e em sendo assim, nos permitir enveredar-nos no grande universo de possibilidades que esta temática ainda pode e deve ser explorada. Portanto, esse texto tem a característica de ser um pontapé inicial, onde constatamos mais lacunas do que conclusões, de possibilidades do que finalizações, de novos caminhos do que um término.

A análise dos 18 livros didáticos, 9 autores e programas curriculares para o ensino secundário, nos permitiram identificar a presença de permanências e mudanças no conteúdo escolar “Guerra do Paraguai” no decorrer desses oitenta e nove anos de recorte temporal. Em certo momento, nos vimos sendo questionados qual seria o nosso objeto de pesquisa, se eram os livros didáticos ou o conteúdo “Guerra do Paraguai”, entretanto, por um tempo este também foi um dos nossos questionamentos, que contribuiu para o processo desta pesquisa. Ao nos depararmos por este deslumbrante campo dos livros didáticos, não podemos deixar de lado o processo de criação dos livros, editoração, seus formatos e diagramações, uma vez que, todo este suporte, como o próprio Chartier (1990) destaca, é indissociável dos conteúdos que os

mesmo apresentam. É assim que sustentamos a ideia de que para falar de um conteúdo didático, não podemos deixar de analisar o suporte que o veicula. Como fruto dessa análise, esta pesquisa se organizou em três capítulos, que de forma geral, buscamos analisar o conteúdo “Guerra do Paraguai”, identificando mudanças e permanências do mesmo.

Destacamos a importância de se apresentar os caminhos percorridos nesta pesquisa para a localização e seleção dos livros didáticos como fonte, bem como, a identificação de cada livro selecionado. Para isso, sistematizamos a forma com que cada obra e autor foram selecionados, citando os passos da pesquisa, essa “operação historiográfica”. A partir do mesmo, foi possível justificar o motivo pelo qual os livros didáticos ora eram fontes, ora em objetos de pesquisa, discussão tão importante para os caminhos que o historiador percorre, principalmente aquele que se envereda nas análises dos impressos.

Identificamos a forma com que o conteúdo “Guerra do Paraguai” foi narrado nas obras didáticas selecionadas, relacionando-os com os programas curriculares para o ensino secundário, como também as reformas do ensino ocorridas durante o nosso recorte temporal. A abordagem tendeu a identificar e analisar em cada autor e obra, as formas que se construiu cada narrativa e como a “Guerra do Paraguai” enquanto conteúdo histórico escolar ocupa os espaços dos livros didáticos. Nesta discussão, percebemos a permanência dos autores de livros didáticos, onde muitas vezes, mesmo após a morte dos autores os livros continuavam a serem “reeditados”, porém, não haviam mudanças nos conteúdos. Há portanto, uma forte relação entre a produção de livros didáticos, programas curriculares e o mercado dos livros. Notamos influências patrióticas militares, bem como positivista, nos livros didáticos em que analisamos. que também se deram pelas reformas que houveram no ensino secundário e conseqüentemente, mesmo que de forma tímida, em seus programas curriculares.

A partir da análise de conteúdo, identificamos as mudanças e permanências nos conteúdos analisados. Para isso, levantamos pontos que consideramos significativos para a análise dos mesmos. Como pontos principais discutimos: As diferentes terminologias da guerra; Causas do conflito; A imagem de Solano Lopez e o fim do conflito. As mudanças de conteúdo que houveram se deu por ideias diferentes de um autor para o outro. Notamos que as influências das reformas e mudanças contribuíram para a permanência ou não de características do conteúdo por nós analisado.

A “Guerra do Paraguai”, no período em que analisamos, teve um importante papel de fortalecer a identidade nacional do Brasil, bem como contribuir para a formação dos “heróis”

da nação e dos “inimigos” da mesma. O que notamos é que isso, de certa forma, permaneceu durante os muitos anos em que vimos perdurarem os posicionamentos dos autores analisados.

Em sendo assim, identificamos a proporção em que o conteúdo “Guerra do Paraguai” teve nos livros didáticos analisados, sendo um dos conteúdos que conta maior participação nos livros didáticos aqui analisados. É importante destacarmos a forte presença de ideias patrióticas no conteúdo sobre a guerra. Nesse caso, cito os versos que referenciam o personagem “Chico Diabo”, conceitos ligados a religiosidade católica formularam questões do ensino de História, principalmente nas obras de Jonathas Serrano. Ou Mattoso Maia, que identificamos suas contribuições para fortalecer os personagens que participaram da “Guerra do Paraguai”.

Outro fruto desta pesquisa foram os apêndices contendo as transcrições dos conteúdos analisados, no qual proporcionará continuidade para esta pesquisa. Portanto, repetimos, que pudemos “identificar a gênese e os diferentes momentos históricos em que se constituem os saberes escolares, visando perceber a sua dinâmica, as continuidades e discontinuidades no processo de escolarização” conforme Bittencourt (2003, p. 15). E isso só foi possível a partir daqueles que por muito tempo foram desprezados, deixados de lado, que são os livros didáticos, muitas vezes, durante a História do Brasil, eficazes instrumentos de formação de opinião e posicionamento da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

CABRAL, Mario da Veiga. *História do Brasil – curso superior*. 14 ed. Rio de Janeiro: Livraria Jacintho. 1940.

HERMIDA, Antonio José Borges. *História do Brasil – quarta série ginásial*. 13. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A. 1956.

_____. *História do Brasil – primeira série ginásial*. 56. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A. 1957.

MAGALHÃES, B. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

MAIA, L. Q. M. *Lições de História do Brasil*. 6 ed. Rio de Janeiro: Typ. Amerino. 1908.

POMBO, Rocha. *História do Brasil para o ensino secundário*. 19. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1918.

_____. *História do Brasil*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1960.

RIBEIRO, J. *História do Brasil curso superior*. 11. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.

_____. *História do Brasil curso superior*. 15 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1954.

_____. *História do Brasil curso superior – revista e completada por Joaquim Ribeiro*. 19 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1966.

SERRANO, J. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores. 1931

_____. *Epítome de História do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia editores, 1941.

_____. *História do Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores. 1968.

_____. *História do Brasil para o quarto ano ginásial*. 11. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1944.

_____. *História do Brasil para a quarta série ginásial*. 40. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959.

_____. *História do Brasil – para o curso médio (primeira e segunda séries)*. 22. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1969.

VECHIA, A.; LORENZ, K. M. (Orgs.). *Programas de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

VIANNA, Helio. *História do Brasil – tomo II – Monarquia e República*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1962.

Referências do Levantamento Bibliográfico

CAIMI, F. E.; TEIXEIRA, F. B. O passado é imprevisível! Controvérsias historiográficas acerca da Guerra do Paraguai no livro didático de história (1910-2010). *Revista Territórios e Fronteiras*. Vol. 6, December. Cuiabá, 2013.

CENTENO, V. C.; ALVES, G.L. A Guerra da Tríplice Aliança nos Manuais Didáticos Brasileiros do Século XIX. *Albuquerque: Revista de História*, v. 1, p. 45-68, 2009

SALLES, A. M. *A Guerra do Paraguai na literatura didática: um estudo comparativo*. Dissertação de mestrado. João Pessoa, 2011.

_____. A Guerra do Paraguai nas edições do livro didático de história do Brasil, de Nelson Piletti. *História e Diversidade / Revista do Departamento de História*. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 5, nº. 2, 2014.

_____. *A Guerra do Paraguai nas edições do livro didático história do brasil: da colônia à república*, das autoras Elza Nadai e Joana Neves.

SQUINELO, A.P. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande: UCDB, 2002.

_____. A Guerra do Paraguai e a construção da identidade nacional nos manuais didáticos brasileiros (1900-1960). *AEDOS - Revista do Corpo Discente do PPG - História da UFRGS*, 2011.

_____. REVISÕES HISTORIOGRÁFICAS: A GUERRA DO PARAGUAI NOS LIVROS DIDÁTICOS BRASILEIROS – PNL D 2011 *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 15, núm. 1, enero-abril, 2011.

Referências

BITTENCOURT, C. M. F. *Pátria, civilização e trabalho*. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

_____. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. Disciplinas escolares: História e pesquisa. In: OLIVEIRA, et al. (Orgs.) *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

_____. Apresentação. Em foco: história e memória do livro didático. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, set.-dez. 2004.

_____. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa* [S.l: s.n.], 2004.

_____. Reflexões Sobre o Ensino de História. *Estudos Avançados*. 32 (93), Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2018.

BRAZIL, M. C. O rio Paraguai e a Guerra Grande: contribuição para o ensino de história. In: Fernando Tadeu de Miranda Borges; Maria Adenir Peraro. (Org.). *Brasil e Paraguai: Uma releitura da Guerra*. Cuiabá: Editora da UFMT, 2012, v. 1, p. 399-438.

CHARTIER, R. Textos, impressos, leituras. In: CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Algrs: Difel, 1990.

CHERVEL, A. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHOPPIN, A. *L'histoire des manuales scolaires: une approche globale*. *Historie de l'Education*, Paris, n. 9, p. 1-25, 1980.

_____. A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, 1990.

_____. *Les manuels scolaires: histoire et actualité*. Paris: Hachette Éducation. 1992.

_____. L'histoire des manuels scolaires: un bilan bibliométrique de la recherche française. *Historie de l'Education: Manuels scolaires, États et sociétés - XIXe - XXe siècles*. Paris, n.58, p.165-185, 1993.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, 2000, set.-dez. 2004.

_____. Os livros didáticos de ontem a hoje: o exemplo da França. In: MOREIRA, K. H; HERNÁNDEZ DÍAZ, J. M., *História da educação e Livros Didáticos*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017, pp. 81-124.

CUNHA, L. A. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

DE CERTEAU, M. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

ESCOLANO BENITO, A. (Org.) *Historia ilustrada del libro escolar en España: del Antiguo Régimen a la Segunda República*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipéres. 1997. v. I.

_____. *Historia ilustrada del libro escolar en España: de la posguerra a la reforma educativa*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipéres. 1997. v. II.

FERNANDES, Ricardina Reis. “Colégio Pedro II – Um colégio na História do Brasil”. In.: *VII HISTEDBR - Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas (História, Sociedade e Educação no Brasil)*. Campinas: Graf. FE: HISTEDBR, p. 1-17, 2006.

FILHO, Sergio W. C.O. “La jornada gloriosa del 11 de Junio”: A Batalha Naval do Riachuelo como propaganda de guerra nos periódicos paraguaios. *Revista brasileira de História Militar*. Rio de Janeiro, Ano VII, Nº 20, Novembro de 2016

FORQUIN, J.-C. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria e Educação*. Porto Alegre, n. 5, p. 28-49, 1992.

FREITAS, Itamar. A historiografia escolar na Comissão Nacional do Livro Didático: pareceres de Jonathas Serrano (1938/1941). *História e Ensino*. Londrina, v.12, 2006.

GAMA, Luciana Coelho. Discursos monarquistas e republicanos sobre Tiradentes nos manuais escolares de história do Brasil. *Revista Labirinto*, ano xvi, vol.24, n. 2 (jan-jun), 2016, pp.110-133.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. “A pedagogia da nação nos livros didáticos de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920)”. In.: *Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação: história e memória da educação brasileira*. Natal, p.1-10, 2002.

MAIA, L. P. A construção do Herói: Francisco Solano López e os livros didáticos de História. *Oficina do Historiador*, v. Suplemento, p. 1683-1696, 2014.

MAESTRI, M. A invasão paraguaia do sul do mato grosso. *Contraponto: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v. 2, n. 2, ago. 2015.

MAHAMUD, Kira; BADANELLI, Ana Maria. O caderno escolar como objeto de estudo: uma aproximação dos avanços metodológicos em manualística. *Educação e Fronteiras*, Dourados, v. 7, n. 20, p. 42-66, ago. 2017. ISSN 2237-258X. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/7427>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. vol. VI, São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1978.

MOREIRA, Kênia Hilda. LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX: QUESTÕES SOBRE AUTORES E EDITORES. *Educação e Fronteiras*, Dourados, v. 3, n. 5, p. 31-44, set. 2012.

_____. Os livros didáticos de História do Brasil para o Ensino Secundário na Era Vargas: entre autores, didáticas e programas curriculares. *Cadernos de História da Educação*. v.15, n.2, p. 723-742, maio-ago. 2016.

_____. *A república no livro didático de história do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2019. v. 1. 252p .

NAVEIRA, Raquel. *Guerra entre irmãos (poemas inspirados na Guerra do Paraguai)*. Campo Grande, MS: 1993

OLIVEIRA, Renato Edson. *O Brasil imaginado em José Francisco da Rocha Pombo [manuscrito]*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2015.

PEREIRA, Armando de Arruda. *Heróis abandonados: peregrinação aos lugares do sul do Mato Grosso*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1925.

PESSANHA, Eurize C.; DANIEL, Maria Emilia B.; MENEGAZZO, Maria Adélia. *Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa*. Revista Brasileira da Educação, São Paulo, n. 27, pp.57-69, 2004.

ROMANELLI, O. *História da educação do Brasil*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

SALLES, André Mendes. A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações. *Cadernos do Aplicação*. Porto Alegre, jan.-dez. 2014/2015, v. 27/28, p. 29-41.

SANTOS, Amilcar Salgado dos. *Pelos Heróis de Laguna e Dourados*. 2.a Edição, São Paulo, 1936.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. (2004). História com Pedagogia: a contribuição da obra de Jonathas Serrano na construção do código disciplinar da História no Brasil. *Revista Brasileira de História*, 24(48), 189-211.

SOUZA JUNIOR, Marcílio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões*. Educ. Pesqui. [online]. 2005, vol.31, n.3 pp.391-408.

TAUNAY, Visconde de. “Em Mato Grosso invadido”. In: *Campanha de Mato Grosso*. 2.Edição ilustrada. São Paulo: Livraria Globo/Irmãos Marrano editores, 1923.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

TORAL, André Amaral de. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai* / André Amaral de Toral. – São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001

APÊNDICE A⁴⁰

HISTÓRIA DO BRASIL, JOÃO RIBEIRO, 1928.

Em 1880 apparecia no Rio de Janeiro um moço nortista escrevendo grammaticas e ao qual se attribuia grande aptidão para os estudos de linguística. Esse nortista, que então se soube ser de Sergipe como Sylvio Romêro, limitava suas aspirações às glórias do mundo pedagógico.

Quem escreve estas linhas, por ocasião de dar noticia, na *Semana* (1887) de um dicionário gramatical, editado pela casa Francisco Alves, disse que o autor desse trabalho, bem como dos *Estudos philologicos*, publicados em 1894, distinguia-se dos outros seus colegas por uma singular vocação para aquillo a que os ingleses chamam, em sentido particularismo, discernimento.

“Nem todo o homem de sciencia ou que se apresenta como tal, exprimia-me eu, dispõe dessa força inimiga de discernir. Muitos indivíduos ha que a adquirirem pela diuturnidade do exercício, ou que nascem como a bossa da generalização, mas que por conformação especial do intellecto nunca chegam a ter um sentimento definido da função do discernimento. São estes seguramente os que mais exercem as suas aptidões em coordenar factos confusos, fugitivos, e que, por ultimo, na impossibilidade de tornar a verdade por assim dizer tangível, acabam, concentrados em analogias arbitrarías, recorrendo à dedução de typos preestabelecidos”.

PREFACIO

João Ribeiro não perdeu taes qualidades, antes as apurou, e o livro **Historia do Brasil**, que acaba de sair dos prélos, prova-se sobejamente. A clareza do seu espirito, e portanto dos seus escriptos, avulta de dia a dia, tomando cada vez mais extensão scientifica e brilho literário; o que se explica pela variedade de cultura do professor desdobrado num artista. Pintor, musico, poeta, formado em direito, o autor da **Historia do Brasil**, que já manejava com vantagem os methodos de ensino ingleses, agora, depois de uma estada de dois annos na Allemanha, comissionado pelo Governo para estudar os processos de ensino superior de historia, surpreende-nos com uma feição nova e carregada desse gênio paradoxal que, na pátria de João Paulo Richter, tem produzido, senão arrebatado ao professorado, os mais scintillantes e originaes dos seus escriptores. Assim succedeu, entre outros, a Schopenhauer, a Max Stirner, e mais recentemente a Frederico Nietzsche, sendo que este é o que se póde dizer verdadeiramente a transfiguração de um grammatico e filólogo num poeta de largo remigio. Pois bem, João Ribeiro assimilou esse espirito característico da literatura allemã; e não o fez em balda, porque hoje não hesita em o pôr ao serviço do ensino da historia geral da civilização e do Brasil, dando aos seus novos trabalhos o encanto que só o homem de letras, dedicado ao magistério, ou o *privat-dozent*, educado á moderna, na filologia clássica, consegue imprimir nesses manuais insignes, que são a gloria da pedagogia do século. De facto, e o mestre com facilidade se convenceu disso, há presentemente livros desta natureza na Allemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, que fazem pensar no que será o ensino no meiado do século XX: - uma inoculação electrica dos conhecimentos necessários à vida pelos processos simplificadores da economia do esforço intellectual e pelo desenvolvimento do gosto artístico latente em todo o homem que não seja um cretino. Já se encontram, por exemplo, os *Albuns históricos de Lavisse*, que ensinam pela retina; e professores há que preconizam a applicação à historia de uma espécie de methodo Berlitz; isto é, a criação de estados de consciência no alumno em virtude de

⁴⁰ Transcrições dos conteúdos de cada livro didático selecionado.

contínuos mergulhos num de ressurreição histórica. Compreende-se, porém, que sacrifícios de paciência e de dinheiro não são precisos para promover esses passeios históricos maravilhosos e constituir gabinetes de trabalho de modo a utilizarem-se todos os esforços do professor. Na falta de tais recursos restam o manual e a *verve* do mestre. Na Alemanha e nos Estados Unidos a confecção de semelhantes manuais supletórios tem-se tornado uma questão vital. O método é a maravilha da escola e a delícia do professor; e no que entende com a pedagogia histórica, completamente abolidos os processos de exposição, ainda infelizmente usados em nossas escolas, e que apenas servem para criar no aluno antipathias profundas por essa casta de estudos, o manual é a carta de navegação pela qual o pior piloto pode levar o discípulo ao porto do destino. O autor da **Historia do Brasil** procura justamente fazer entrar a corrente pedagógica, que tem produzido esses trabalhos, nos seus hábitos de ensino.

“Não se exigem mais, da história, dizem Langlois e Selgnobos na sua *Introdução aos estudos históricos*, lições de moral, nem exemplos cavalheirescos, nem também cenas dramáticas ou pitorescas, sendo certo que, quanto a tais objectos, a legenda seria preferível à história, porque ella apresenta um encadeamento das causas e dos efeitos mais conforme aos nossos sentimentos de justiça, descreve personagens mais perfectos e heroicos, cenas mais belas e emocionantes.”

Os competentes, portanto, há muito tempo condemnaram a mania de empregar a história como instrumento de exaltação patriótica ou do lealismo, isto por uma razão óbvia, e é que do método assim entendido resultava que illogicamente cada país tendia a fazer applicações da sciencia na conformidade dos seus interesses particulares mutilando a vida dos povos no sentido dos seus odios ou dos seus enthusiasmos. É assim que vimos, para não ir muito longe, Oliveira Martins, aliás o maior escritor de história da língua portuguesa, deformar o typo de D. João VI simplesmente porque este príncipe causou a Portugal o enorme prejuízo de arrebatá-lo ou dar motivo que lhe arrebatassem o Brasil. Não cabe aqui verificar até onde é licito utilizar a doutrina a países como o nosso, semicolonias. É difícil dizer se o mundo já pôde dispensar esse, embora velho, conhecido instrumento de civilização, e se esse aparelho de defesa nacional está no caso de ser abandonado tão cedo para dar lugar a um cosmopolitismo duvidoso, inorgânico, que, não podendo ainda ser o que Augusto Comte imaginava, não passa na realidade do campo de acção em que tripudia o egoísmo feroz de alguns governos e se avantajam os grandes especuladores pertencentes à escola mystico-industrial preconizada por _____.

Não sei também por outro lado se Fouillée terá razão quando se pronuncia pela educação no ponto de vista nacional, quebrando um tanto os excessos do ensino naturalista e pondo nos programas mais *humanidades* do que sciencias praticas, o que até certo ponto não deixa de ser uma incoherencia à vista do edificante exemplo e muito recente dos intellectuaes de França. É bem possível que não tardo a chegar a época em que se encontrem meios de fazer em minuto o que em outros tempos se obtinha em longas horas extenuantes, e que uma cuidadosa refôr, a dos estudos clássicos indique o caminho de ganhar a vida em sociedade com grandes ideias, sem desprezo da poesia e da arte, e realisando nas fabricas os mesmos prazeres que gozam os artistas nos seus *ateliers*. Não duvido que se aproxima o dia do triumpho anunciado por Fornelli na *Educação moderna*, e será então um gosto vêr aplicar, em beneficio de todos os que têm figura humana. “O método da mente scientifica e artística à mente pratica”. Ora é certo que nenhum caminho ha mais comezinho para essa tentativa do que a aprendizagem de história, João Ribeiro o está aplainado e offerece já um tanto desbravado à nossa mocidade. Talvez seja o seu compendio o primeiro que encontro sobre o Brasil, com a vibração do verdadeiro manual de história moderna; e maior seria o seu valor, se, a par desse manual, eu visse o professor funcionando em collegio aparelhado, já não digo como o de Harvard, nos Estados Unidos, mas como o de um *paiz soi disant* latino, refiro-me à *École des Roches* em França, onde se não ensina a história separada da geografia, e segundo informa Edmundo Demolins no livro *L'éducation nouvelle*, essa disciplina começ a ser professada desde os primeiros passos do

alumno concretamente nos exercícios e diversões, fora d'aula, antes de qualquer esforços de ordem puramente intelectual, e depois, quando já preparado o espirito infantil com um bom cabedal de factos pitorescos, de figuras humanas salientadas pelo relevo da esculptura, da pintura, da gravura, da anedota, passa a ser incutida ou antes coordenada quase intuitivamente sob o prestígio dos methodos superiores creados pela teoria evolutiva.

É pena que os programas fatalmente adeptados entre nós não tenham permitido ao autor da **Historia do Brasil** distribuir as matérias do manual de acordo rigorosamente com essa concepção do ensino histórico geographico. Todavia, do exame do livro vê-se o empenho utilizado nesta direção; e é manifesto o partido que o professor inteligente pôde tirar dos capítulos não destinados a leitura do alumno. Neste ponto João Ribeiro abriu, se não estou enganado, uma phase nova para o ensino de historia no paiz, e oxaiá que o seu exemplo não fique esterilizado diante da indiferença dos que estudam estas questões.

Não vou analysar a obra, cujo valor se impõe à simples leitura do índice. O autor, conforme declara em uma nota final do livro, seguiu à letra as indicações de Martins, que incontestavelmente foi o iniciador da philosophia da historia da civilização do Brasil no admiravel trabalho *Como se deve escrever a historia do Brasil*. O compendio, além disto, condensa e coordena as ideas dos espíritos mais esclarecidos que se têm occupado com o assumpto.

A alma da historia do nosso paiz como a de toda a America do Sul, o historiador a vae encontrar no espirito de navegação e na expansão econômica européa, que, outr'ora benefica para a humanidade, hoje constitue talvez a causa das infâmias em via de ser postas e pratica na Asia e na Africa pelas mesmas nações que ilustravam essas regiões. Acaso essa idéa geral, como tambem as idéas adjectas e que no seu complexo são a ossatura da nossa historia, achar-se-ão mal colocadas num manual para meninos? *Hic jacet lepus*. Ao professor do typo régio com certeza isto se afiguraria o maior dispauterio dos tempos que correm. Certo lente de latim, por exemplo, que eu muito conheço e considero um acérrimo apologista do menor *esforço*, diz, para quem quizer ouvir, que taes processos não passam de tendencias levianas para inovações impraticaveis. Ora, isto só indica que, por desventura da nossa instrucção, ainda não se fechou o elo do magistério-industria: nem se formou no paiz a corrente de sentimentos que julgo indispensável à difusão do ensino pelo modo e intensidade por que o exige a Republica. Todavia vejo que há professores como Said Ali e o autor da **Historia do Brasil**, cujos horizontes não são limitados pelo interesse e pelo medo de progredir, e que felizmente vão aos poucos rompendo a espécie de neveiro slavo que oprime as nossas escolas. Estes, pelo menos, acreditam que as idéas, por mais alevantadas que sejam, podem penetrar perfeitamente no intellecto do menino, com tanto que o mestre saiba aproximar-se dele, despindo-se do espirito de pura burocracia pedagógica, e tenha o preciso talento de dar corpo às coisas abstractas, ou melhor, possa transformar as idéas geraes em sentimentos, vestindo-as com as cores dos objectos da vida diária e familiarizando o espirito infantil com a sciencia, que, em ultima analyse, só é difícil em quanto reside na nomenclatura technica.

O manual de João Ribeiro constitue uma excelente guia naquele sentido. O alumno só terá que lêr do seu livro as narrações e factos capitaes da historia nacional, o que se pôde chamar a parte dramática dos acontecimentos; o mais fica a cargo do professor. O compendio fornece todas as indicações que o devem induzir a estudar não somente a philosophia dos factos, a sua filiação, e as interdependências geographicas, mas também a oportunidade de exhibil-as e o modo consentaneo a cada alumno de despertar o interesse sobre eles, servindo-se das analogias que no ambiente próximo se oferecem como vehiculo da iniciação. Esta direção no compendio é dada ao mestre inteligente com o criterio desejável, o que não o priva de modificall-a, de acordo com a critica que cada professor tenha conseguido fazer sobre documentos originaes.

Ora, por exemplo, temos a lição de introdução do curso. Presumo que o mestre esteja numa sala, onde se encontrem alguns mapas muraes do Brasil e da Europa. Não custará a esse

professor fazer a sua primeira lição chamando a atenção do alumno para os dois pontos geográficos – Portugal e Brasil – para sua situação continental e para a interposição do oceano, materializando, por assim dizer, a idéa longínqua e obscura que a leitura daria da viagem de descoberta da America do Sul. Se ali existirem os quadros da primeira missa de Victor Meirelles e de outros artistas que se têm occupado com o primeiro movimento da nossa historia, tanto melhor; poderá o dito professor reunir à primeira impressão produzida pelos mares e pelas terras distantes as figuras dos homens que tomaram parte saliente no descobrimento do Brasil e os actos mais importantes em sua ordem chronologica.

Até este ponto o discípulo não terá ouvido nenhum famoso discurso, revelador da grande sabença do pedagogo, nem tão pouco terá sido torturado com prelecções sobre systemas de historia ou questões de exegese como por exemplo: - *seria João Ramalho o bacharel de Cananéa?* - *Brasil se deve escrever com s ou com z?* e outras bizantinices, que são o prazer predilecto de certos nephelibatas. Nada disto: mas agora serpa opportuno explicar, terminando a primeira lição, o índice do livro. Essa explicação converte-se-á facilmente – e tudo depende do gênio suggestivo de quem a empreender. – num quadro synthetico e pitoresco da formação do paiz, e assim por diante. É preciso que o menino, ao retirar-se da aula, saia com o sentimento de que o seu espirito cresceu, ampliando-se num raptó de alegria, como se por ventura ele tivesse assistido à descoberta do Brasil e houvesse acompanhado o seu desenvolvimento em poucas horas. Semelhante estado de consciência é a coisa mais facil do produzir na alma das crianças, que eu conheço, havendo mestres. E póde calcular-se a curiosidade com que no dia seguinte, à segunda lição, o alumno se apresentará pedindo detalhes relativos ao esboço que lhe foi mostrado e que tanto o encantou. É intuitivo o que se deverá propor à atenção escolar nas lições subsequentes.

O Livro IV do manual, exemplifiquemos ainda, trata em globo da formação do Brasil; o n. III inscreve-se com o titulo *Uma entrada*. Haverá capitulo de historia mais fatigante para o alumno chucro que a descripção do que era uma bandeira naqueles tempos? Por certo que não. Mas pense qualquer um de nós o que ha de interesse nesse fenômeno social, e o relevo que ele póde ter na boca de um professor de talento, que seja homem de letras e possua cultura geral. Se este se propusesse a falar à imaginação infantil, bastaria lembrar o drama no deserto, a lucta com a natureza, a guerra do selvagem, a surpresa das féras, o aparelho da defesa, e o heróe de uma entrada como por exemplo Anhanguéra. Depois as analogias para tornar comprehensivel a organização da bandeira: não são ellas acaso uma região fértil onde o explicador iria buscar elementos fertilizantes do espirito dos alumnos?

Creio que não é necessário dizer mais relativamente ao livro de João Ribeiro, encarado como chave de ensino e de iniciação dos professores.

Resta referir-me um pouco à critica historica que se contém na obra, que, segundo sou informado, nesta segunda edição, sairá ampliada e expurgada dos defeitos que o próprio autor notou e que se levem à rapidez da composição.

João Ribeiro enfeixa os dois primeiros séculos da nossa historia em volta do espirito de navegação ou de descobertas e da causa do commercio livre. Supponho que o historiador simplificou de mais o que de si se acha envolvido em complicações inextricáveis. Se foi a causa do commercio livre que nos trouxe o jugo hollandez, o que não me parece ser uma causa absoluta, não foi com certeza a esquerda espanhola que fundamentalmente nos defendeu dos *rouliers de la mer*.

Sabe-se o que era o litoral do Brasil nesse periodo; sabe-se também, a importância que podia resultar das victorias dos piratas, cujas tendências eram de todo opostas à permanência, e, por tanto, à colonização árdua, trabalhosa e mesquinha, para a qual só o portuguez então se mostrava apto. Este fator, portanto, perde a sua gravidade e valor dynamico, desde que se attenda a que a força residente em terra sobrelevava graças à intensidade dos interesses e da expansibilidade vernácula do character de alguns homens, a tudo quanto no mar surgia em

oposição a esse desenvolvimento; porquanto o hollandez, se andara com brilho, em compensação a sua acção era fluctuante e aleatória como tudo que repousava nos destinos da Companhia das Indias Occidentaes. No *Papel Forte* do P.E Antonio Vieira encontra-se, já se sabe que nas entrelinhas, o segredo de todo o precário fulgor da aventura de Mauricio de Nassau. Todavia, a narração de João Ribeiro não exclue que se chegue a estas conclusões, uma vez que o espirito se apoie nos pontos marcantes da mesma narração.

Há no livro uma corrente de idéas subterrâneas que se prendem à federação. Porque, francamente, o autor não derivou dos núcleos, que ele tão bem descreveu, no livro 5º, com as suas idiosyncrasias e caracteres ethnicos e de educação, a nossa transformação actual? Julgo haver percebido nisso uma tendência, que, mais de uma vez, tenho profligado em conversa com o autor. João Ribeiro deixou-se por algum tempo fascinar pelo Imperialismo da *english-speaking-race*; se com razão ou sem ella, não sei; mas o que afirmo é que o seu espirito não comporta esse aspecto da actualidade politica do mundo, não sí por contrario à sua índole e às molas da sua intelligência, mas tambem porque sera um obstáculo ao embellezamentoda obra, que em boa hora empreendeu, de ensinar a historia de seu paiz às crianças e aos homens que a não conhecem.

Junho – 1900

T.A. ARARIPE JUNIOR.

Ribeiro J., Historia do Brasil. *Rio de Janeiro*, 1900, Kl. 8º, 314 S (1).

Gar manche Geschichtswerke Uber Brasilien, besonders Lehubcher kann man durchlesen, ohne einen rechten Einblick indie Eigenart dieses Volkes und Landes zu Bekommen. Das Lässtsich nicht von diesem Werke sagen. Ohne die äussere Geschichte der Regierung, der Verwaltung, der Kriege etc. zu vernachlässigen, sucht uns R die Physionomie des inner Wesens Brasiliens darzustellen. Bahia ist ihm der Mittelpunkt des religiosen und traditionellen Elementes, Pernambuko des republikanischen Radikalismus u. s. w. Daraus ergibt sich die Einteilung in allgemeine und locale Geschichte. Ein anderer, nuramerikanischer Geschichtschreibung eigentümlicher, Punkt ist auch berücksichtigt worden, nämlich darzustellen, wie das nativistische, oder vielmehr nationale Bewusstsein sich allmähligentwickelt, wächst und erstreckt und das koloniale, europäische Element in sich aufnimmt, nachdem es früher von ihm beherrscht worden war. “Der Jesuit, der Kolonist und der Paulist sind die drei grossen Faktoren der territorialen dieses Landes, die anfangen, den Jesuiten gerecht zu warden. Oft beschäftigt er sich mit ihnen und zuweilen sehr ausführlich und auch zutreffend. Die Unabhängigkeit und Selbständigkeit in Behandlung seines Gegenstandes tritt besonders in der Weise hervor, wie R. Südamerika und sein Volk insbesondere beurteilt. Die Mischrassen im ganzen betrachtet, wie sie uns das latemische Amerika darbietet, besitzen nicht die Fähigkeiten Für ein “self government”: es fehlen ihnen die moralischen Eigenschaftern und Tugenden, die nur eine Jahrhundert dauernde Erziehung der Gechichte sehr schwer in den menschlichen Geist einzugiessen

(1) Publ. nos Archivos de hist., De Munich.

Imstande ist. Zu stark ist folgender Satz in seiner Allgemeinheit: “Man kann sagen, dass sie whol katechisierte, aber keine christlichen Rassen sind. Das Christentum lebt in ihnen, wie einige Tropfen Weines im Wasser, um ihm die unumgänglich notwendige Färbung zu geben”. Jedoch ist viel wahres darin (S. 235). Sehr wahr sagt R., dass oft mit Gewalt und List alle Akte und Processo, die zur Besitzergreifung der Regierungsgewalt führen, gefälscht warden. Und so

zählen sie die Jahre ihres Lebens nach Revolutionen und Erhebungen, verachten die Arbeit (die immer die des Tantalus ist, weil sie Revolutionen mit einem Schlag zerstören kann) und warten auf Aemter (nämlich bis ihre Partei an's Ruder kommt). Die Regierung ist für sie am Ende nur ein Organ des Kommunismus und ein Spielzeug des Glückes". Manche Unrichtigkeiten werden hier übergangen. Als die beste Geschichte von Brasilien nach der von Southey betrachtet er die deutsche von Handelmann und stellt dies "ausgezeichnetes Buch" auch über die Allgemeine Geschichte von Brasilien von Varnhagen. Das Buch wurde aus Anlass der Feier des 4. Centenariums der Entdeckung Brasiliens veröffentlicht.

P.C. TESCHAUER.

11ª. edição

Várias opiniões sobre este livro de grande prestígio logo após a primeira edição apareceram à luz pública, como a do saudoso publicista e professor Antonio Leitão e outros numerosos desde então até agora, que, por escassez de espaço, não transcrevemos.

Della resultou em grande parte a boa acolhida do livro que ora reimprimos com as correções que nos foram sugeridas pelos competentes.

Esta 11ª. edição foi melhorada em todo o texto e aumentada em vários pontos reclamados pelos programas oficiais no ensino da história pátria. Acreditamos assim corresponder à expectativa dos mestres e ao proveito dos estudantes.

DO AUCTOR

Quando me propuz escrever este pequeno livro pensei em retornar à antiga tradição dos nossos cronistas e primeiros historiadores, que às suas histórias chamavam de *Notícia* ou *Tratado do Brasil*. Com isso queriam significar o modo como supriam a escassez de factos políticos com o estudo da terra e das gentes que a habitavam.

Este bello costume logo se perde, porque, adquirindo o Brasil os fóros de nacionalidade, a sua história começou a ser escripta com a pompa e o grande estylo da história européa; perdeu-se um pouco de vista o Brasil interno por só se considerarem os movimentos da administração e os da repesalia e da ambição estrangeira, uns e outros agentes transformarem-se em equivalências novas, tão distinctas das primitivas, que seria difícil reconhecê-las. Que restou entre nós dos hollandezes? Nada, senão os efeitos do monopólio, e uns começos de sensibilidade pessoal e autônoma que nos produziu a irritação da lucta. Qual o vestígio dos espanhoes em 60 annos de domínio? a possibilidade de formar sem contestação o Brasil maior e romper o estreito óbice do meridiano da demarcação. Nenhum dos dois grandes resultados é caracteristicamente hollandez ou espanhol e a eles podíamos chegar por outros instrumentos do nosso destino.

Ao contrario, nas suas feições e physionomia própria, o Brasil, o que elle é, deriva *do colono, do jesuíta e do mameluco*, da acção dos *índios e dos escravos negros*. Esses foram os que descobriram as minas, instituíram a criação do gado e a agricultura, catechisaram longínquas tribus, levando assim a circulação da vida por toda a parte até os últimos confins, Esta história a que não faltam episódios sublimes ou terríveis, é ainda hoje a mesma presente, na sua vida interior, nas suas PÁGINA 18 raças e nos seus systemas de trabalho, que podemos a todo o instante verificar. Dei-lhe por isso uma grande parte e uma consideração que não é costume haver por ella, neste meu livro.

Em geral, os nossos livros didactos da história pátria dão excessiva importância à acção dos governadores e à administração, puros agentes (e sempre deficientíssimos) da nossa defesa externa.

É certo e é difficillimo atender a todos os elementos que entraram na composição do Brasil, marcar-lhes o grau de colaboração em que agiram. Seria preciso atender num só tempo ao trabalho de toda a cultura collectiva, na vida official e na do povo.

A intelligencia que podesse abranger todo esse systema de equações differenciaes simultâneas, só essa teria o exacto e perfeito sentimento da nossa historia, como disse Du Bois Reymond, a proposito da historia do mundo.

Pelo exclusivo conhecimento das guerras nunca poderemos conhecer os povos, como nunca lograremos conhecer a victima pelas informações do algoz.

Neste livrinho, onde aliás não caberiam dissertações philosophicas, creio que há uma ou outra d'essas idéas geraes que já agora andam ahi repetidas.

Liguei o descobrimento do Brasil aos cyclos dos navegadores que dilataram o occidente europeu, atraves do Atlantico. Liguei a historia das primeiras luctas internacionais à grande causa econômica da expansão européa, à causa do commercio livre, do internacionalismo, do *mare clausum* ou *mare liberum* que é uma das feições do século XVII.

Foi a causa do commercio livre que nos trouxe o jugo holandez; só uma esquadra poderia defender-nos dos *rouliers de la mer*, e essa foi a espanhola, e depois foi ainda, indirectamente, a inglesa. Nem nós, nem Portugal comosco, conseguiríamos tamanho resultado.

Do sentido em que se deve tratar a historia interna, von Martius deu apenas indicações vagas e inexactas, mas caracterizou a multiplicidade de origens e de pontos de iniciação no vasto território; sem embargo da contestação de alguma critica menos bem informada, fui o primeiro a escrever integralmente a nossa historia segundo nova synthese. Ninguem, antes PÁGINA 19 de mim, delineou os fócios de irradiação da cultura e civilizamento do paiz; nenhum dos nossos historiadores ou chronistas seguiu outro caminho que o da chronologia e da sucessão dos governadores, caminho seguro mas falso em paiz cuja historia se fazia ao mesmo tempo por múltiplos estímulos em diferentes pontos.

Indiquei, se me é permittida a expressão que acredito clara as quatro células fundamentaes que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo: a de **Pernambuco** que gera os núcleos secundários da Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas e a cujo influxo maternal sempre obedecem (na guerra dos mascastes, 1710-12, na revolução de 1817, na confederação do Equador); a da **Bahia** que absorve Ilhéos e Porto Seguro e gera Sergipe; a de **São Paulo** d'onde evolve todo o oeste, com os bandeirantes, Goyaz, Minas, Matto Grosso; a do **Rio** que pelo elemento official em lucta com os espanhoes faz nascer, e já tarde, as capitancias do extremo sul; a do **Maranhão** ou **Pará** que gera as unidades administrativas do extremo norte, e sempre viveu separado do Brasil e até pelos portugueses lhe foi lembrado no tempo da independencia que poderia manter, como um novo Canadá, o lealismo à Corôa.

Esses são os núcleos primitivos do organismo nacional. Todos os demais são secundários e recentes. Se a idéa da federação na Republica fosse menos politica e philosophica do que historica, atender-se-ia a essa importante consideração.

Notei que cada um d'esses fócios tem o seu sentimento característico; o da *Bahia* é o da religião e da tradição; o de *Pernambuco* é o radicalismo republicano e extremo de todas as revoluções; o de *S. Paulo* (Minas e Rio) é o liberalismo moderado (aclamação monarchica de Bueno, as "províncias colligadas" que sustentaram a independência com a monarchia, etc.); o da Amazonia, demasiado indiano, é talvez o da separação como o é no extremo sul o Rio Grande (a formação recentíssima), demasiadamente platino.

Expuz que sempre houve nos nossos movimentos de emancipação política duas correntes liberaes separadas: uma dos *mamelucos* que desde o seculo XVII almeja em suas revoluções a republica, o federalismo e mesmo o abolicionismo; outra, da sociedade colonial,

latina e portuguesa, que faz o constitucionalismo, o império e com elle a centralização e a unidade.

PÁGINA 20 Esta ultima corrente tende a desaparecer da politica, pela progressão das raças na nacionais: a independencia foi para ella como que a supressão de suas fontes e d'aqui a pouco o que resta do seu *substracium*; da sua base physica, terá desaparecido.

A monarchia é o ultimo vestígio da sociedade e do liberalismo colonial, é ao mesmo tempo o mais delicado e o mais ténue; era da sua natureza extrema e frágil dissipar-se como espirito. D'aqui por diante, como os europeus depois dos árabes, perdendo os seus ultimos preceptores, o Brasil terá que andar sózinho, e deshabitado do trabalho, ganhar o pão amargo da vida chamada independente.

Não passei além da proclamação da republica (1889): os sucessos são ainda do dia de hoje e seria prematuro julgal-os em livro destinado ao esquecimento das paixões do presente e à glorificação da nossa historia.

22 de Abril de 1900 – Janeiro, 1908.

PÁGINA 498

10

Causas da Guerra do Paraguay.

Depois de largo periodo de paz em que é preciso assignalar entre outras conquistas do progresso a *Supressão do trafico*, effectiva desde 1850, e as primeiras linhas de navegação a vapor trans-oceanicas e fluviaes e o telegrapho, que fortaleceram e consolidaram a unidade do governo e da nacionalidade, o Brasil é arrastado de novo á politica (inevitável ou pouco justificável, dissemos) de supremacia sobre os estados do Sul.

Os Estados do Prata foram para nós durante muito tempo vizinhos poucos leaes e incommodos, e com cuja amizade não se podia contar, attenta a perpetua instabilidade e desmoralização dos governos de senhores ou tyrannos sob os quaes viveram. Essa pouca lealdade tinha a explicação em que eram realmente inferiores e não queriam confessal-o. Parecia-lhes o Brasil um arbitro e juiz forçado que as circuntancias d'aquelle tempo lhes impunha.

PÁGINA 499 Também infelizmente de parte a parte, havia a herança de incompatibilidades antigas, e coloniaes, que deviam já estar dissipadas com a independência americana.

Entre essas republicas do sul ainda a ordem politica não estava firmada com grande solidez.

De vez em quando os nossos interesses, que são grandes nessa regiões, se viam envolvidos nas malhas dos pardes nessas regiões, se viam envolvidas nas malhas dos partidos que naquele tempo com o costumado escândalo disputavam o poder.

Nessas republicas, verdadeiros feudos militares, ainda não consolidados pelo tempo, o partido oposicionista só alcançava o triumpho pela revolução; a esse recurso violento vinha o Brasil oferecer outro peor, o do appello à intervenção estrangeira. A civilização e as idéas liberaes nunca poderiam servir de pretexto e ainda justificar a imoralidade da nossa conducta. O nosso extincto domínio no Uruguay era como um elemento de perpetua suspeita. Perdurava anda na imaginação desses povos a questão da Cisplatina. Outras questões, porém, avivavam os nossos interesses. O nosso governo, com justiça, fazia grande caso da liberdade de navegar-se o rio Paraguay, mas ao mesmo tempo conservava fechado o Amazonas à navegação do mundo; contradição egoística e pouco explicável.

Comquanto conviesse aos nossos interesses como aos d'elles, que taes republicas tivessem governo regular e acatado pela opinião d'ellas próprias, não era todavia pela *mediação armada* que poderíamos chegar a jamais chegarmos a semelhante resultado. Tambem tínhamos tido rebelliões internas que podiam voltar em qualquer tempo.

A nossa lição podia ser-nos funesta.

Os rebeldes que ahi protegíamos eram de tão má catadura como os tyrannos que malsinávamos. Taes foram Urquiza, Flores e outros. Afinal, ainda que é pouco licito civilizar á força paizes extranhos; em verdade mais perturbavamos do civilizavamos.

PÁGINA 500 Uma das falsas vanglorias do nosso peor patriotismo ainda hoje consiste em dizer que a prosperidade das republicas vizinhas é obra nossa.

Com razão desejavam esses povos o advento da republica no Brasil, esperando com ella politica ao menos differente da imperial; olhavam-nos então com justificado receio; hoje receio e esperança tornaram-se supérfluos desde que a Argentina igualou em força e prosperidade todos os paizes da America do Sul. Invertem-se agora as atitudes mas felizmente desacreditou-se a emulação mesquinha do outro tempo pela supremacia politica.

A guerra do Paraguay começou com uma das muitas revoluções uruguayas; tínhamos na Banda um partido de *amigos* nossos (ephitheto que hoje, sem evidente ridículo não nos cabe repetir). Eramos então os mais ricos e fortes e todas as nossas sympathias convergiam para os *colorados* e seu caudilho o *libertador* Flores, gaúcho valente, que pretendia apeiar do poder o presidente Aguirre e os seus partidários, os *blancos*.

Os nossos estancieros do sul intervinham na lucta domestica dos vizinhos; não podíamos manter completa neutralidade e tínhamos até que fazer reclamações contra as represálias do governo uruguayo.

Por não serem satisfeitas as pretenções brasileiras junto ao governo de Montevidéo, então do partido *blanco*, o Brasil declarou a guerra e invadiu a republica, de aliança e concerto com o partido *colorado*, explorando mais do que era mister em seu próprio proveito as dissidências domesticas do estado vizinho.

Era difficil e talvez impossível a nossa abstenção e neutralidade. Os *colorados* eram, em parte, brasileiros, todos eles queriam a protecção e aliança do Brasil e tinham-na dos gaúchos rio-grandenses.

PÁGINA 501 Esgotados os meios diplomáticos desde muito tempo considerados inuteis, o Brasil teve de agir sem demora.

A agressão foi intempestiva, injusta e inesperada, quando ainda se ultimavam as negociações diplomaticas. O Brasil transpoz a fronteira e não foi inquietado; o almirante Tamandaré, entretanto, ataca o vaso de guerra único da republica, o *Villa del Salto*.

O exercito une-se a um general tido por grosseiro e inhabil, embora valoroso, o *libertador* Flores, typo d'esses demagogos platinos já obsoletos, que outr'ora viviam de preiar os campos e as fazendas, estimando em mais a guerra do que a paz ou mesmo o triumpho.

O nosso ministro Saraiva não conseguira da inflexibilidade de Aguirre ultimar as negociações apesar do espirito de paz que o animava pessoalmente. Os antecedentes da questão utilizavam essa boa vontade; a politica imperial era demasiado arrogante para se ouvida com agrado na pequena republica.

Menna Barreto e o general Flores invadiram *Paysandú* (1865), e em seguida marcharam contra Montevidéo, que, sitiada por terra e bloqueiada por mar pela esquadra do humano e glorioso almirante Tamandaré, teve que capitular (28 de Fevereiro de 1865). Dois mezes apenas durara a guerra; o general Flores, chefe dos *colorados* e amigo do Brasil, foi feito presidente da Republica (1).

O Paraguay parecia estar muito distanciado dos conflitos platinos pela rigidez das suas instituições e character de seu governo. Era uma autocracia estabelecida sobre a

- (1) Os colorados constituíam um antigo partido ou facção que apoiava Rivera, o primeiro presidente do Uruguay quando se fez independente. Rivera oppoz-se ao seu sucessor Oribe, apoiado pelos *blancos* ou *blanquillos*.

PÁGINA 502 compreensão do elemento popular inculto, obediente mas sem noção de liberdade política. Educado na disciplina pelos jesuítas, o Paraguay aceitou sem reluctancia o regimen de isolamento que o tornava imune do contagio anarchio dos paizes vizinhos: contentava-se em ser um povo laborioso e amigo da paz a todo preço.

O Dr. Francia até 1840 governou o Paraguay com inteiro absolutismo, preservou-o das guerras civis, e era ao mesmo tempo o general, o juiz e o arbitro supremo do commercio na qualidade de dictador e patriarca. Com a sua morte foi eleito um lavrador de grandes bens de fortuna, Carlos Antonio Lopes que manteve a paz, exilando os dissidentes, sem recorrer aos expedientes usuaes da prissão e execução. O ostracismo era a sua pena favorita para os adversários. Mas, porque talvez não confiasse muito na política tradicional do isolamento, organizou um exercito, fortificou Assumpção, Humaytá, as fronteiras mais abertas a possiveis invasões. Educou o seu filho e sucessor *Francisco Solano Lopez* no exemplo dessa política militar que devia impôr o respeito a seus irrequietos vizinhos.

Francisco Solano Lopez, contra quem havíamos de fazer a guerra, era um espirito varonil que tomou desde a guerra do Uruguay a attitude de mediação que foi recusada e depois da reprovação ostensiva ao costume das intervenções do Brasil nas questões do Rio da Prata.

A nossa alliança com o exercito de Flores foi o signal da guerra. Ahi terminou a sua expectativa que era talvez, senão da paz, ao menos de um termo de bem viver entre as republicas do sul.

PÁGINA 503

11

Guerra do Paraguay.

A nossa aliança com o libertador Flores foi a causa mais imediata da guerra que nos moveu o Paraguay. Não se havia descuidado a pequena republica de preparar-se para a guerra que antevia certa; o Paraguay desde longos annos vivia sob o regimen absoluto, máo grado e exterioridade de algumas fórmulas republicanas, e os seus habitantes, coagidos sob férrea disciplina, obedeciam cegamente aos seus dictadores. Em falta de virtudes, tinham o fanatismo religioso e politico segundo os próprios exclusivamente de sua cultura nacional, infensa a todo o commercio com o resto do universo. A lei marcial ou o estado de sitio estava sempre em perene vigor no Paraguay.

As nossas incessantes intervenções no Prata eram já um prenuncio da sorte que cabia ao pequeno Paraguay. Pouco tempo antes a proposito da navegação do rio, havíamos feito uma manifestação de força lá mandando, apoz algumas notas diplomáticas, uma esquadra que o presidente da Republica recusou receber nas suas aguas, só consentindo que subisse o rio um único, dos dezasete navios, o qual encalhou antes de chegar a Asumpção.

PÁGINA 504 Comtudo, obtivemos a liberdade de navegação do rio Paraguay.

Na questão oriental, Lopez ofereceu ao Brasil a mediação, que foi recusada, e logo declarou à entrada das forças brasileiras no Uruguay, que a paz do Paraguay estava em perigo (30 de Agosto de 1864).

Com a guerra ao Brasil, o dictador Francisco Solano Lopez, que não tinha maiores defeitos que os seus congêneres vizinhos, sobreexcitado pelas inevitáveis derrotas e pelas

necessidades que impunha o seu orgulho de salvar o paiz ou succumbir com elle, tornou-se de facto o tyranno execrável que a lenda no Brasil perpetuou. O dictador, suspicaz e cruel, com os morticínios e supplicio de suas victimas, perdeu a aureola de heroísmo que lhe concederia a historia.

Lopez, sem declaração de guerra, aprisionou um vapor brasileiro, o Marquez de Olinda, em que iam o coronel Carneiro de Campos, novo presidente de Mato Grosso, e outros, que, feitos prisioneiros, vieram todos mais tarde a morrer de penúria nas prisões paraguayas.

O *Marquez de Olinda* foi caçado pelo Taquari e incorporado à esquadra.

Desde logo, Solano Lopez, com dois corpos por terra a por agua, sob o comando de Barrios, invadiu o Brasil pela província de Mato Grosso; indefesa, a província rendeu-se a 6.000 paraguayos, PÁGINA 505 não sem gloriosa lucta, e os próprio vencedores, não se animaram a tomar a capital, Cuyabá, ficando todavia em poder d'elles toda a região do sul até a embocadura do S. Lourenço (Dezembro de 1864).

O exercito de Lopez era de 50.000 homens, senão bem equipados, ao menos reunidos sob rigida disciplina. D'esses 30.000 invadiram a Republica Argentina sob o comando do general Robles e occuparam Corrientes. Essa violação de paiz neutro atirou a Argentina aos braços do Brasil. A diplomacia brasileira habilmente aproveitou a situação fazendo assignar em Buenos Aires o tratado da Triplíce Alliança, entre a Argentina, Uruguay e Brasil, aliados contra o Paraguay.

Segundo esse tratado o general chefe seria o presidente da Argentina (Mitre), o comandante da frota, o almirante Tamandaré, e a paz só seria feita depois de deposto o provocador da guerra, F. Solano Lopez.

Em verdade, não a Argentina, mas o governo argentino é que não podia substrahir-se ao influxo do Brasil e é esse governo emfim de Mitre, como o de Flôres, o nosso authentico aliado, quando já era impossível manter a neutralidade que imaginavam conservar.

O Paraguay declarou guerra ao Governo argentino, quando lhe recusaram a licença de atravessar o territorio para atacar o Rio Grande.

Aquelle tratado equivalia para o Brasil a victoria mais importante d'esta guerra: se não moderou a antipathia universal contra o Brasil que, combatendo a republica, o fazia ao lado de outras que não seriam suspeitas, abriu aos exércitos brasileiros os únicos caminhos práticos essenciaes à offensiva.

PÁGINA 506 Procuraram logo os paraguayos destruir e esquadra brasileira que estacionava na boca do Riachuelo, e oito vapores e seis *chalias*, descendo o rio a toda força, lançaram-se pelo meio da esquadra travou-se então a batalha naval em que Baroso (Barão do Amazonas) ganhou imorredoura fama, 11 de Junho de 1865.

Pela primeira vez em guerras navaes se utilizavam vapores. Um vapor, com o Amazonas, foi empregado como aríete contra a esquadra inimiga. Das embarcações inimigas só se salvaram quatro pela fuga. Ainda depois da victoria teve Barroso de forçar o passo de *Cuevas*, sob o fogo de baterias.

Quando as tropas paraguayas, sob o comando de Estigarribia, com o fito de alliar-se aos *blancos* uruguayos, invadiram o Rio Grande, D. Pedro II, correndo ao theatro da guerra, assistiu à endição do inimigo, quase 6.000, em Uruguayana.

Nesta phase começam os primeiros desenganos de Solano Lopez, que se vê completamente desamparado e só podendo contar com o patriotismo dos seus compatriotas; faltavam-lhe o dinheiro e os armamentos que buscava obter no estrangeiro. Recolheu à pátria as forças dispersas pelo território argentino e os navios que haviam descido o rio.

Da offensiva sem resultado passou à defensiva, até o fim da guerra.

Em Abril de 1886, ainda não haviamos tomado a offensiva; os exércitos aliados eram de 33.000 brasileiros do comando de Osorio, 2.000 uru PÁGINA 507 guayos do general Flores

e 11.000 argentinos de Mitre, a quem cabia o comando em chefe. Acamparam em Corrientes, na margem esquerda do Paraná, onde estacionava a esquadra brasileira; em frente (Passo da Patria) na margem direita, acampava Lopez com forças ainda maiores e protegido por alagadiços e trincheiras.

Com mil dificuldades puderam os brasileiros atravessar o rio, protegidos pela esquadra; os couraçados e canhoneiras obrigaram Lopez a recuar o seu acampamento para além das linhas fortificadas entre Humaytá e Curupaity.

Uma vez passado o rio e com a victoria de Estero Bellaco, os aliados, forçando a marcha, acamparam perto de Tuyuty, em frente ás trincheiras de Sauce e Rojas.

Alli em verdade ficaram imobilizados, porque, com a falta de animaes, mortos à fome, a cavalaria estava a pé; ainda conseguiram bater as tropas paraguayas que vieram atacal-os, sob as ordens de Resquim, Barrios e Dias.

O terreno encharcado, inhospito e pestilencial e pestilencial aumentou a desordem e a moléstia nas fileiras.

Os próprios generaes entraram a discordar apoz alguns insucessos; Flores pensava em retroceder; Osorio adoeceu e demitiu-se do comando, sendo substituído pelo general Polydoro.

Aqui experimentaram os aliados alguns desastres, até que, com a vinda do 2º corpo brasileiro (do Conde de Porto Alegre) e de combinação com PÁGINA 508 a esquadra de Tamandaré, tomaram o forte de *Curuzú*, onde perdemos milhares de homens e um encouraçado, o Rio de Janeiro, destruído por um torpedo, e onde a heroica guarnição paraguaya preferiu sucumbir a render-se.

Curuzú era apenas obra avançada de *Curupaity*.

Depois da tomada de *Curuzú*, surgiram divergências e discussões; comtudo, o general Mitre ordenou o assalto de *Curupaity*, que foi uma derrota (1).

Este desastre produziu grande consternação; entre os officiaes agravou as antigas dissidencias. Flores e Tamandaré, incompatibilizados, retiraram-se. Mitre volta a Tuyuty com os fragmentos das forças argentinas. Flores desaparece da scena poque, voltando a Montevidéo, é assassinado. Houve um momento critico para os aliados e só o heroísmo da nação, levantando novas legiões, dando novo comando à esquadra com Inhaúma e appellando para a gloria do antigo pacificador. Caxias, poupe de novo erguer o espirito de disciplina e conduzir as nossas armas à victoria.

Nesse momento, o ministro inglez Russel, em mensagem ao parlamento, publicou o tratado da tríplice aliança, que excitou a antipathia universal contra nós, do que tivemos manifestações positivas

(1) Eram 9.000 os argentinos e 10.000 os brasileiros. As perdas foram para os aliados de mais de 4.000 homens fora de combate.

PÁGINA 509 por parte do Perú e da Bolívia que se haviam declarado neutraes.

D'aqui em diante, o Brasil quase que exclusivamente suporta a responsabilidade da guerra; os contingentes argentinos chamados em parte e a todo momento para sufocar as rebelliões da republica, vão sucessivamente sendo reduzidos.

Depois do desastre de Curupaity, que produziu estranha e profunda impressão nos povos aliados, o marechal Caxias, com o comando das forças brasileiras, agora avolumadas de voluntários e patriotas, ao todo em numero superior a 40.000 (dos quaes 3.000 argentinos e 1.000 orientaes) abre uma série de victorias difficilmente ganhas, e conduz-nos às proximidades de Humaytá. A occupação de Tayi, acima de Humaytá, pelos aliados, cortava a comunicação

dos Paraguayos com o interior, e a eles não era menos incommoda a ocupação de Tuyuty, que Caxias tornara a base das operações;

Esse novo plano, de seguir uma curva interior ao rio e que não occorrera a Mitre, de qualquer modo sitiava Humaytá, pela colocação d'esta fortaleza entre dois pontos ocupados pelos nossos.

Travou-se então a segunda batalha de Tuyuty, onde, depois de derrotarem o contingente argentino, os paraguayos (superiores em numero) tiveram que debandar ante o assalto das forças brasileiras, deixando em campo o terço do seu affectivo.

Na madrugada de 19 de Fevereiro de 1868, a esquadra brasileira, sob o comando do glorioso PÁGINA 510 almirante Inhaúma, forçou a passagem da inexpugnável Humaytá, sob terrível bombardeio. Esse feito naval, por assim dizer, decidiu dos destinos da guerra. Desde esse momento Lopez abandonou a fortaleza que elle julgava invencível, e foi através do Chaco organizar novas linhas de fortificações em Tabicuary; nesse caminho acompanharam-no mais tarde as tropas, que, sitiadas e não podendo mais resistir, evacuaram Humaytá, em debandada, cujos destroços foram obrigados a tender-se (Lagoa Iberá).

Caxias então abriu caminho atravez do Chaco, protegido pela esquadra que o acompanhava pelo rio acima. São ganhas as victorias da ponte de Itororó (6 de Dezembro de 1868) tomada e retomada varias vezes, e a victoria de Avahy (11 de Dezembro) sobre as forças de Caballero, em campo raso; e Lomas Valentinas, onde os paraguayos viram Lopez pela primeira vez no meio d'elles, procurando talvez, com a morte, poupar-se o espectaculo da ruina da patria.

Durou 6 dias (de 21 a 27 de Dezembro) o ataque às linhas de Lomas Valentinas, que afinal caíram em nosso poder. Custou-nos a victoria o termos metade de nossas forças fora de combate, mas foi aniquilado o exercito paraguayo.

Lopez achou a salvação na fuga.

Caxias, prossequindo, tomou Angustura e logo depois entrou em *Assumpção* que, deserta e aban PÁGINA 511 donada, não ofereceu resistência ao exercito triumphador.

Podiamos ter ahi parado com todas as vantagens do triumpho.

Caxias declarou que a guerra ahi havia terminado e, como estava doente, voltou para o Rio.

Estava terminada com efeito a guerra e a capacidade de lucta regular do inimigo. Infelizmente as circunstancias da guerra exigiam o supplicio da heroica nacionalidade.

Effectivamente tambem nos incitava a essa violência a loucura de Lopez, que preferia sacrificar toda a nação antes que submetter-se. Retirando-se para a cordilheira de Ascurra, Lopez reuniu antigos elementos esparsos e outros novos, cerca de 16.000 homens com 110 canhões, e formou um novo exercito. Então tomará o comando dos aliados o Conde d'Eu, esposo da princesa imperial D. Isabel. Agora renascia a lucta, menos brilhante, porém mais difficil, cheia de dificuldades, pois o theatro da guerra era o interior e o sertão virgem do Paraguay. Os aliados tomaram Pirebebuy, a nova capital de Lopez, bateram Caballero com o grosso das forças inimigas em *Campo Grande*. Estava arruinada a resistência paraguaya, que apenas se limitára agora a pequenas sortidas com os fragmentos do exercito vencido.

Começou uma guerrilha feroz de surpresas e emboscadas à caça do misero dictador, bárbaro epi PÁGINA 512 logo que não deixava de empanar o brilho das nossas grandes victorias.

Expedições paciaes foram lançadas à cata do tyranno fugitivo. Uma d'ellas, a do General Camara, surprehendeu Lopez em Cerro Córá, às margens do *Aquidabann*, quasi na fronteira de Mato Grosso. Lopez tinha apenas uns poucos soldados fieis que o acompanhavam; não quis entregar-se e foi morto por um lanceiro (1º de Março de 1870).

Já por esse tempo funcionava em Assumpção um governo provisório de paraguayos, organizado por Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco) que decretou a emancipação dos escravos da republica.

A guerra do Paraguay, a mais importante da America do Sul, mereceria maiores desenvolvimentos pela importância dos sucessos a que só imperfeitamente aludimos. A natureza deste livro escolar impõe-se limites strictos e aconselhamos aos nossos leitores a leitura do IV tomo da *Historia* do Padre R. Galanti no que respeita a minucias e particularidades.

Há muitas versões sobre os ultimos momentos de Lopez. Aceitamos a mais seguida e acreditada.

HISTÓRIA DO BRASIL **JOÃO RIBEIRO – 1966**

10

Causas da guerra do Paraguai

Depois de largo periodo de paz em que é preciso assinalar entre outras conquistas do progresso a *Supressão do tráfico*, efetiva desde 1850, e as primeiras linhas de navegação a vapor transoceânicas e fluviaes e o telégrafo, que fortaleceram e consolidaram a unidade do govêrno e da nacionalidade, o Brasil é arrastado de novo à politica (inevitável ou pouco justificável, dissemos) de supremacia sobre os estados do Sul.

PÁGINA 395 Os Estados do Prata foram para nós durante muito tempo vizinhos pouco leais e incômodos, e com cuja amizade não se podia contar, atenta a perpétua instabilidade e desmoralização dos governos de senhores ou tiranos sob os quais viveram. Essa pouca lealdade tinha a explicação em que eram realmente inferiores e não queriam confessá-lo. Parecia-lhes o Brasil um árbitro e juiz forçado que as circunstancias daquele tempo lhes impunham.

Também infelizmente de parte a parte, havia a herança de incompatibilidades antigas, e coloniais, que deviam já estar dissipadas com a independência americana.

Entre essas repúblicas do Sul ainda a ordem política não estava firmada com grande solidez.

De vez em quando os nossos interesses, que são grandes nessas regiões, se viam envolvidos nas malhas dos partidos que naquele tempo com o costumado escândalo disputavam o poder.

Nessas repúblicas, verdadeiros feudos militares, ainda não consolidados pelo tempo, o partido opositor só alcançava o triunfo pela revolução; a esse recurso violento vinha o Brasil oferecer outro pior, o do apelo à intervenção estrangeira. A civilização e as idéias liberais nunca poderiam servir de pretexto e ainda justificar a imoralidade da nossa conduta. O nosso extinto domínio no Uruguai era como um elemento de perpétua suspeita. Perdurava ainda na imaginação desses povos a questão da Cisplatina. Outras questões, porém, avivavam os nossos interesses. O nosso govêrno, com justiça, fazia grande caso da liberdade de navegar-se o rio Paraguai, mas ao mesmo tempo conservava fechado o Amazonas à navegação do mundo; contradição egoística e pouco explicável.

Conquanto conviesse aos nossos interesses como aos deles, que tais repúblicas tivessem govêrno regular e acatado pela opinião delas próprias, não era todavia pela *mediação armada*

que poderíamos chega e jamais chegamos a semelhante resultado. Também tínhamos tido rebeliões internas que podiam voltar em qualquer tempo.

A nossa lição podia ser-nos funesta.

Os rebeldes que aí protegíamos eram de tão má catadura como tiranos que malsinávamos. Tais foram Urquiza, PÁGINA 396 Flores e outros. Afinal, ainda que é pouco lícito civilizar à força países estranhos; em verdade mais perturbávamos que civilizávamos.

Uma das falsas vanglórias do nosso pior patriotismo ainda hoje consiste em dizer que a prosperidade das repúblicas vizinhas é obra nossa.

Com razão desejavam esses povos o advento da república no Brasil, esperando com ela política ao menos diferentes da imperial; olhavam-nos então com justificado receio; hoje receio e esperança tornaram-se supérfluos desde que a Argentina igualou em força e prosperidade todos os países da América do Sul. Inverteram-se agora as atitudes mas felizmente desacreditou-se a emulação mesquinha do outro tempo pela supremacia política.

A guerra do Paraguai começou com uma das muitas revoluções uruguaias; tínhamos na Banda um partido de amigos nossos (epíteto que hoje, sem evidente redículo não nos cabe repetir). Éramos então os mais ricos e fortes e todas as nossas simpatias convergiam para os *colorados* e seu caudilho o *libertador* Flores, gaúcho valente, que pretendia apelar do poder o presidente Aguirre e os seus partidários, os *blancos*.

Os nossos estancieiros do Sul intervinham na luta doméstica dos vizinhos; não podíamos manter completa neutralidade e tínhamos até que fazer reclamações contra as represálias do governo uruguaio.

Por não serem satisfeitas as pretensões brasileiras junto ao governo de Montevideú, então do partido *blanco*, o Brasil declarou a guerra e invadiu a República, de aliança e concôrto com o partido *colorado*, explorando mais do que era mister em seu próprio proveito as dissidências domésticas do estado vizinho.

Era difícil e talvez impossível a nossa abstenção e neutralidade. Os *colorados* eram, em parte, brasileiros, todos eles queriam a proteção e a aliança do Brasil e tinham-na dos gaúchos rio-grandenses.

Esgotados os meios diplomáticos desde muito tempo considerados inúteis, o Brasil teve de agir sem demora.

PÁGINA 397 Agressão foi intempestiva, injusta e inesperada, quando ainda se ultimavam as negociações diplomáticas. O Brasil transpôs a fronteira e não foi inquietado; o almirante Tamandaré, entretanto, ataca o vaso de guerra único da República, o *Villa Del Salto*.

O exército une-se a um general tido por grosseiro e inábil, embora valoroso, o *libertador* Flores, tipo desses demagogos platinos já obsoletos, que outrora viviam de prear os campos e fazendas, estimando em mais a guerra do que a paz ou mesmo o triunfo.

O nosso ministro Saraiva não conseguira da inflexibilidade de Aguirre ultimar as negociações apesar do espirito de paz que o animava pessoalmente. Os antecedentes da questão inutilizavam essa boa vontade; a política imperial era demasiado arrogante para ser ouvida com agrado na pequena República.

Mena Barreto e o general Flores invadiram *Paissandu* (1865), e em seguida marcharam contra Montevideú, que sitiada por terra e bloqueada por mar pela esquadra do humano e glorioso almirante Tamandaré, teve que capitular (28 de fevereiro de 1865). Dois meses apenas durara a guerra; o general Flores, chefe dos *colorados* e amigo do Brasil, foi feito presidente da República. (1)

O Paraguai parecia estar muito distanciado dos conflitos platinos pela rigidez das suas instituições e caráter de seu govêrno. Era uma autocracia estabelecida sobre a compreensão do elemento popular inculto, obediente mas sem noção de liberdade política. Educado na disciplina pelos jesuítas, o Paraguai aceitou sem resistência o regimen de isolamento que o tornava imune do contágio anárquico dos países vizinhos; contentava-se em ser um povo laborioso e amigo da paz a todo preço.

O Dr. Francia até 1840 governou o Paraguai com inteiro absolutismo, preservou-se das guerras civis, e era ao mesmo

(1) Os colorados constituíam um antigo partido ou facção que apoiava Rivera, o primeiro presidente do Uruguai quando se fez independente. Rivera opôs-se ai seu sucessor Oribe, apoiado pelos *blancos* ou *blanavillos*.

PÁGINA 398 tempo o general, o juiz e o árbitro supremo do comércio na qualidade de ditador e patriarca. Com a sua morte foi eleito um lavrador de grandes bens de fortuna, Carlos Antônio López que manteve a paz, exilando os dissidentes, sem recorrer aos expedientes usuais da prisão e execução. O ostracismo era a sua pena favorita para os adversários. Mas, porque talvez não confiasse muito na política tradicional do isolamento, organizou um exército, fortificou Assunção. Humaitá, as fronteiras mais abertas a possíveis invasões. Educou o seu filho e sucessor *Francisco Solano López* no exemplo dessa política militar que devia impor o respeito a seus irrequietos vizinhos.

Francisco Solano López, contra quem havíamos de fazer a guerra, era um espírito varonil que tomou desde a guerra do Uruguai a atitude de mediação que foi recusada, depois da reprovação ostensiva ao costume das intervenções do Brasil nas questões do Rio do Prata.

A nossa aliança com o exército de Flores foi o sinal da guerra. Aí terminou a sua expectativa que era talvez, senão da paz ao menos de um termo de bem viver entre as repúblicas do Sul.

11

Guerra do Paraguai

A nossa aliança com o libertador Flores foi a causa mais imediata da guerra que nos moveu o Paraguai. Não se havia descuidado a pequena República de preparar-se para a guerra que antevia certa; o Paraguai desde longos anos vivia sob o regimen absoluto, mau grado a exterioridade de algumas fórmulas republicanas, e os seus habitantes, coagidos sob férrea disciplina, obedeciam cegamente aos seus ditadores. Em falta de virtudes, tinham o fanatismo religioso e político segundo os próprios exclusivismos de sua cultura nacional, infensa a todo o comércio com o resto do universo. A lei marcial ou o estado de sítio estava sempre em perene vigor no Paraguai.

PÁGINA 399 As nossas incessantes intervenções no Prata eram já um prenúncio da sorte que cabia ao pequeno Paraguai. Pouco tempo antes, a propósito da navegação do rio, havíamos feito uma manifestação de fôrça lá mandando, após algumas notas diplomáticas, uma esquadra que o presidente da República recusou receber nas suas águas, só consentindo que subisse o rio um único, dos dezessete navios, o qual encalhou antes de chegar a Assunção.

Contudo, obtivemos a liberdade de navegação do rio Paraguai.

Na questão oriental, López ofereceu ao Brasil a mediação, que foi recusada, e logo declarou à entrada das fôrças brasileiras no Uruguai, que a paz do Paraguai estava em perigo (30 de agosto de 1864).

Com a guerra ao Brasil, o ditador Francisco Solano López, que não tinha maiores defeitos que ao seus congêneres vizinhos, sobreexcitado pelas inevitáveis derrotas e pelas necessidades que impunham o seu orgulho de salvar o país ou sucumbir com êle, tornou-se fato o tirano execrável que a lena no Brasil perpetuou. O ditador, suspicaz e cruel, com os morticínios e suplício de suas vítima, perdeu a auréola de heroísmo que lhe concederia a historia.

López, sem declaração de guerra, aprisionou um vapor brasileiro, o *Marquês de Olinda*, em que iam o coronel Carneiro de Campos, novo presidente de Mato Grosso, e outros, que, feitos prisioneiros, vieram todos mais tarde a morrer de penúria nas prisões paraguaias.

O *Marquês de Olinda* foi caçado pelo Taquari e incorporado à esquadra.

Desde logo, Solano López com dois corpos por terra e por água, sob o comando de Barrios, invadiu o Brasil pela província de Mato Grosso; indefesa, a província rendeu-se a 6.000 paraguaios, não sem gloriosa luta, e os próprios vencedores não se animaram a tomar a capital, Cuiabá, ficando todavia em poder deles tôda a região Sul até a embocadura do S. Lourenço (dezembro de 1864).

PÁGINA 400 O exercito de López era de 50.000 homens, senão bem equipados, ao menos reunidos sob rígida disciplina. Dêsses, 3°.000 invadiram a República Argentina sob o comando do general Robles e ocuparam Corrientes. Essa violação de país neutro atirou a Argentina aos braços do Brasil. A diplomacia brasileira habilmente aproveitou a situação fazendo assinar em Buenos Aires o tratado da *Tríplice Aliança*, entre a Argentina, Uruguai e Brasil, aliados contra o Paraguai.

Segundo esse tratado o general chefe seria o presidente da Argentina (Mitre), o comandante da frota, o almirante Tamandaré, e a paz só seria feita depois de deposto o provocador da guerra, F. Solano López.

Em verdade, não a Argentina, mas o govêrno argentino é que não podia subtrair-se ao influxo do Brasil e é esse govêrno enfim de Mitre, como o de Flores, o nosso autêntico aliado, quando já era impossivel manter a neutralidade que imaginavam conservar.

O Paraguai declarou guerra ao govêrno argentino, quando lhe recusaram a licença de atravessar o território para atacar o Rio Grande.

Aquêlê tratado equivalia para o Brasil à vitória mais importante desta guerra: se não moderou a antipatia universal contra o Brasil, que, combatendo a República, o fazia ao lado de outras que não seriam suspeitas, abriu aos exércitos brasileiros os únicos caminhos práticos essenciais à ofensiva.

Procuraram logo os paraguaios destruir a esquadra brasileira que estacionava na Bôca do Riachuelo, e oito vapores e seis chatas, descendo o rio a tôda fôrça, lançaram-se pelo meio da esquadra; travou-se então a batalha naval em que Barroso (barão do Amazonas) ganhou imorredoura fama, 11 de junho de 1865.

Pela primeira vez em guerras navais se utilizavam vapores. Um vapor, como o *Amazonas*, foi empregado como aríete contra a esquerda inimiga. Das embarcações inimigas só se salvaram quatro pela fuga. Ainda depois da vitória teve Barroso de forçar o *passo de Cuevas*, sob o fogo de baterias.

PÁGINA 401 Quando as tropas paraguaias, sob o comando de Estigarribia, com o fito de aliar-se aos *blancos uruguayos*, invadiram o Rio Grande, D. Pedro II, correndo ao teatro da guerra, assistiu à rendição do inimigo, quase 6.000, em Uruguaiana.

Nesta fase começam os primeiros desenganos de Solano López, que se vê completamente desamparado e só podendo contar com o patriotismo dos seus compatriotas; faltavam-lhe o dinheiro e os armamentos que buscava obter no estrangeiro. Recolheu à Pátria as fôrças dispersas pelo território argentino e os navios que haviam descido o rio.

Da ofensiva sem resultado passou à defensiva, até o fim da guerra.

Em abril de 1866, ainda não havíamos tomado a ofensiva; os exércitos aliados eram de 33.000 brasileiros do comando de Osório, 2.000 uruguaios do general Flores e 11.000 argentinos de Mitre, a quem cabia o comando em chefe. Acamparam em Corrientes, na margem esquerda do Paraná, onde estacionava a esquadra brasileira; em frente (Passo da Pátria) na margem direita, acampava López com forças ainda maiores e protegido por alagadiços e trincheiras.

Com mil dificuldades puderam os brasileiros atravessar o rio, protegidos pela esquadra; os couraçados e canhoneiras obrigaram López a recuar o seu acampamento para além das linhas fortificadas entre Humaitá e Curupaiti.

Uma vez passado o rio e com a vitória de Estero Bellaco, os aliados, forçando às trincheiras de Sauce e Rojas.

Ali em verdade ficaram imobilizados, porque, com a falta de animais, mortos à fome, a cavalaria estava de pé; ainda conseguiram bater as tropas paraguaias que vieram atacá-los, sob as ordens de Resquin, Barios e Diaz.

O terreno encharcado, inóspito e pestilencial aumentou a desordem e a moléstia nas fileiras. Os pró PÁGINA 402 prios generais entraram a discordar após alguns insucessos; Flores pensava em retroceder; Osório adoeceu e demitiu-se do comando, sendo substituído pelo general Polidoro.

Aqui experimentaram os aliados alguns desastres, até que, com vinda do 2º corpo brasileiro (do conde de Pôrto Alegre) e de combinação com a esquadra de Tamandaré, tomaram o forte de *Curuzu*, onde perdemos milhares de homens e um encouraçado, o *Rio de Janeiro*, destruído por um torpedo, e onde a heroica guarnição paraguaia preferiu sucumbir a render-se.

Curuzu era apenas obra avançada de *Curupaiti*.

Depois da tomada de *Curuzu*, surgiram divergências e discussões; contudo, o general Mitre ordenou o assalto de *Curupaiti*, que foi uma derrota. (1)

Este desastre produziu grande consternação; entre os oficiais agravou as antigas dissidências. Flores e Tamandaré, incompatibilizados, retiraram-se. Mitre volta a Tuiuti com os fragmentos das forças argentinas. Flores desapareceu da cena porque, voltando a Montevidéu, é assassinado. Houve um momento crítico para os aliados e só o heropismo da nação, levantando novas legiões, dando novo comando à esquadra com Inhaúma e apelando para a glória do antigo pacificador, Caxias, pôde de novo erguer o espirito de disciplina e conduzir as nossas armas à vitória.

Nesse momento, o ministro inglês Russell, em mensagem ao parlamento, publicou o tratado da tríplice aliança, que excitou a antipatia universal contra nós, do que tivemos manifestações positivas por parte do Peru e da Bolívia que se haviam declarado neutrais.

Daqui em diante, o Brasil quase que exclusivamente suporta a responsabilidade da guerra; os contingentes argentinos chamados em parte e a todo o momento, para sufocar as rebeliões da República, vão sucessivamente sendo reduzidos.

(1) Eram 9.000 os argentinos e 10.000 os brasileiros. As perdas foram para os aliados de mais de 4.000 homens fora do combate.

PÁGINA 403 Depois do desastre de Curupaiti, que produziu estranha e profunda impressão nos povos aliados, o marechal Caxias, com o comando das forças brasileiras, agora avolumadas de voluntários e patriotas, ao todo em número superior a 40.000 (dos quais 3.000 argentinos e 1.000 orientais) abre uma série de vitórias dificilmente ganhas, e conduz-nos às proximidades de Humaitá. A ocupação de Taii, acima de Humaitá, pelos aliados, cortava a

comunicação dos paraguaios com o interior, e a eles não era menos incômoda a ocupação de Tuiuti, que Caxias tornava a base das operações.

Êsse novo plano, de seguir uma curva inteiro ao rio e que não ocorrera a Mitre, de qualquer modo sitiava Humaitá, pela colocação desta fortaleza entre dois pontos ocupados pelos nossos.

Travou-se então a segunda batalha de Tuiuti, onde, depois de derrotarem o contingente argentino, os paraguaios (superiores em número) tiveram que debandar ante o assalto das fôrças brasileiras, deixando em campo o têrco do seu efetivo.

Na madrugada de 19 de fevereiro de 1868, a esquadra brasileira, sob o comando do glorioso almirante Inhaúma, forçou a- passagem da inexpugnável Humaitá, sob terrível bombardeio. Êsse feito naval, por assim dizer, decidiu dos destinos da guerra. Desde esse momento López abandonou a fortaleza que êle julgava invencível, e foi através do Chaco organizar novas linhas de fortificações em Tabicuari; nesse caminho acompanharam-no mais tarde as tropas, que, sitiadas e não podendo mais resistir, evacuaram Humaitá, em debandada, e cujos destroços foram obrigados a render-se (lagoa Iberá).

Caxias então abriu caminho através do Chaco, protegido pela esquadra que o acompanhava pelo rio acima. São ganhas as vitórias da ponte de Itororó (6 de dezembro de 1868), tomada e retomada várias vezes, e a vitória de Avaí (11 de dezembro) sobre as fôrças de Caballero, em campo raso; e Lomas Valentinas PÁGINA 404 onde os paraguais viram López pela primeira vez no meio deles, procurando talvez, com a morte, poupar-se o espetáculo da ruína da Pátria.

Durou 6 das (de 21 a 27 de dezembro) o ataque ás linhas de Lomas Valentinas, que afinal caíram em nosso poder. Custou-nos a vitória o termos metade de nossas fôrças fora de combate, mas foi aniquilado o exército paraguaio.

López achou a salvação na fuga.

Caxias, prosseguindo, tomou Angustura e logo depois entrou em Assunção que, deserta e abandonada, não ofereceu resistência ao exército triunfador.

Podíamos ter aí parado com todas as vantagens do triunfo.

Caxias declarou que a guerra aí havia terminado e, como estava doente, voltou para o Rio.

Estava terminada com efeito a guerra e a capacidade de luta regular do inimigo. Infelizmente as circunstancias da guerra exigiam o suplício da heroica nacionalidade.

Efetivamente também nos incitava a essa violência a loucura de López, que preferia sacrificar tôda a nação antes que submeter-se. Retirando-se para a cordilheira de Ascurra, López reuniu antigos elementos esparsos e outros novos, cerca de 16.000 homens com 110 canhões, e formou um novo exército. Então tomara o comando dos aliados o conde d'Eu, esposo da princesa imperial D. Isabel. Agora renascia a luta, menos brilhante, porem mais difícil, cheia de dificuldades, pois o teatro da guerra era o interior e o sertão virgem do Paraguai. Os aliados tomaram *Pirebebuí*, a nova capital de López, bateram Caballero com o grosso das fôrças inimigas em *Campo Grande*. Estava arruinada a resistência paraguaia, que apenas se limitara agora a pequenas surtidas com os fragmentos do exército vencido.

Começou uma guerrilha feroz de surpêsas e emboscadas à caça do misério ditador, bárbaro epilogo que não deixava de empanar o brilho das nossas grandes vitórias.

PÁGINA 405 Expedições parciais foram lançadas à cata do tirano fugitivo. Numa delas, a do general Câmara, surpreendeu López em Cerro Corá, às margens do *Aquidabã*, quase na fronteira de Mato Grosso. López tinha apenas uns poucos soldados fiéis que o acompanhavam; não quis entregar-se e foi morto por um lanceiro (1º de março de 1870).

Já por esse tempo funcionava em Assunção um govêrno provisório de paraguaios, organizados por Silva Paranhos (visconde do Rio Branco) que decretou a emancipação dos escravos da República.

A guerra do Paraguai, a mais importante da América do Sul, mereceria maiores desenvolvimentos pela importância dos sucessores a que só imperfeitamente aludimos. A natureza deste livro escolar impõe-se limites estritos e aconselhamos aos nossos leitores a leitura do IV tomo da História do padre R. Galanti no que respeita a minúcias e particularidade.

Há muitas versões sobre os últimos momentos de López. Aceitamos a mais seguida e acreditada.

PÁGINA 181

5. A guerra do Paraguai

Causas gerais da guerra. – O Brasil sempre mantivera relações amistosas com o Paraguai. Fôra não só o primeiro país a reconhecer-lhe a independência, em 1844, como influíra sobre outras potências para o reconhecessem também. Havia exercido ampla atividade diplomática para garantir-lhe a integridade territorial ameaçada pelos propósitos expansionistas das Províncias Unidas do Rio da Prata e da Confederação Argentina. Quando em 1864 nos aliamos a Venâncio Flores na luta contra os revolucionários de Oribe e Rosas, Francisco Solano Lopez, que então governava o Paraguai, enviou uma nota diplomática ao ministro brasileiro em Assunção, declarando considerar ameaçadas a paz e a prosperidade do Paraguai caso forças brasileiras invadissem território da República Oriental. Esta nota serviria mais tarde ao ditador paraguaio para coonestar sua agressão ao Brasil.

As forças em luta. – Ao se iniciar a luta que iria durar mais de 5 anos (1865-1870), possuíam os agressores 80 000 homens em armas militarmente preparados por missões estrangeiras, bem armados e quipados, contra 17 000 de que dispúnhamos naquele momento, distribuídos pelas diversas províncias. Nossas fronteiras estavam praticamente desguarnecidas, prova evidente de que não tínhamos nenhum propósito de conquista.

O primeiro ato de hostilidade paraguaia. – Sem qualquer prévia declaração de guerra o govêrno de Lopez capturou o navio brasileiro *Marquês de Olinda*, comandado pelo primeiro tenente reformado José Antônio da Silva Souto, levando a seu bordo o presidente recém-nomeado para a província de Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos, além de numerário para o pagamento das guarnições da província. A 12, foi surpreendido pela corveta paraguaia *Taquari* que o fêz parar e retroceder para Assunção, aprisionado.

PÁGINA 182 **A invasão de Mato Grosso.** – O segundo ato de hostilidade de Lopez contra o Brasil foi a invasão de Mato Grosso, província muito distante do Rio, cujo acesso mais rápido se fazia pela rota do Paraguai. Ali viviam cerca de 90 000 almas. Seus fortes estavam em mau estado. Os soldados e oficiais que os guarneciam souberam defende-se com bravura escrevendo com seu sacrifício novas páginas de heroísmo em nossa História.

Pretendia Lopez auxiliar os blancos derrotados e, para socorrê-los, pediu licença ao govêrno argentino para atravessar o território de Corrientes, o que lhe foi negado. Em vista disto resolveu invadir a Argentina, o que trouxe em consequência a formação de um bloco constituído pelo Brasil, Argentina e Uruguai que firmaram uma Tríplice Aliança, finalidade era combater o ditador paraguaio.

A Tríplice Aliança Brasil, Argentina e Uruguai. – A 10 de maio de 1865 foi assinado em Buenos Aires o tratado da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai. Assinou como representante do Brasil Francisco Otaviano e Almeida Rosa, pela Confederação Argentina, D. Rufino Elizalde e pelo Uruguai D. Carlos de Castro. Entre os principais artigos do trabalho figuravam as seguintes estipulações: determinava uma aliança ofensiva e defensiva dos signatários contra o govêrno do Paraguai; previa indicação do comandante chefe dos exércitos aliados segundo o território onde se realizassem as operações; comprometiam-se a não depor

as armas a não ser de comum acordo e que a luta prosseguiria até que o ditador fosse derrubado; afirmava que a guerra não era contra o povo paraguaio mas apenas contra seu govêrno; obrigavam-se ao respeito à soberania e à integridade territorial do estado inimigo; tratava das questões da livre navegabilidade dos rios Paraná e Paraguai.

A esquadra brasileira escapou à alçada do comando aliado, ficando apenas na dependência das autoridades do império.

PÁGINA 183

A campanha militar contra Solano Lopez.

Fases da guerra. – As fases da guerra no ponto de vista da campanha militar podem ser assim esquematizadas:

1ª fase: *Invasão paraguaia*

2ª fase: *Comando de Mitre.*

3ª fase: *Comando de Caxias.*

4ª fase: *Comando do conde d'Eu.*

PRIMEIRA FASE

A OFENSIVA PARAGUAIA

A invasão de Mato Grosso. – A invasão de Mato Grosso foi realizada por duas expedições: uma terrestre, comandada pelo coronel Isidoro Resquin e outra fluvial, sob o comando do capitão de fragata Meza, levando a bordo a tropa de desembarque comandada pelo Coronel Vicente Barios. Meza atingiu a 26 o forte de Coimbra comandado pelo tenente-coronel Hermenegildo Pôrto Carreiro, mas os nossos repeliram o ataque com sucesso. Comandante, guarnição, civis, mulheres e crianças que residiam no forte reagiram valorosamente dando provas de um heroísmo exemplar. Esgotada a munição, Pôrto Carreiro a Corumbá, onde chegaram após tremendos esforços.

Resquin penetrou no território brasileiro pela fronteira o rio Apa. Não tardou em se apossar do sul de Mato Grosso, apoderando-se de Albuquerque, Miranda, Dourados e Corumbá. O comandante da colônia militar de Dourados, tenente Antônio João, com 15 homens apenas, resistiu brava e heroicamente à invasão e sua morte lutando contra o inimigo os transformou num exemplo dignamente para todo o Brasil.

PÁGINA 184 **Rendição de Uruguaiana.** – A coluna sob o comando de Estigarribia, que invadiu o território argentino, cruzou o rio Uruguai e penetrou em território brasileiro ocupando em seguida São Borja, Itaqui e Uruguaiana sucessivamente. A 18 de setembro de 1865, depois de prolongado cerco, renderam-se as tropas de Estigarribia que ocupavam Uruguaiana, na presença do imperador, do general Mitre e D. Venâncio Flores. O exército brasileiro era comandado pelo barão de Pôrto Alegre.

SEGUNDA PARTE

COMANDO DE MITRE

A vitória do Riachuelo e a rendição de Uruguaiana puseram fim ao primeiro período da luta que fora caracterizada pela ofensiva paraguaia.

Uma vez resolvida a invasão do Paraguai, coube o comando dos aliados ao general argentino Mitre. Destacou-se neste período o marechal de campo Manuel Luís Osório, futuro marquês de Herval, a maior figura militar desta segunda fase e uma das maiores da história americana. Cabem-lhe inteiramente as honras das vitórias do Passo da Pátria e de Tuiuti.

Doente, retirou-se Osório do comando sendo substituído pelo marechal Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão e pelo Conde de Monte Alegre. Coube a este último a tomada do

forte de Curuzu. Mitre tentou tomar o forte de Curupaiti mas, não obstante grandes esforços e bravura demonstrados, foi repellido com grandes baixas.

TERCEIRA PARTE COMANDO DE CAXIAS

Caxias foi nomeado em dezembro de 1866 mas só pôde iniciar sua ofensiva em julho do ano seguinte, devido à necessidade de reorganizar o exército e elaborar novos planos de ataque.

PÁGINA 185 Retirada da Laguna.- Entre a nomeação de Caxias, como comandante-chefe, e o início de sua ofensiva fulminante, é que se verificou um dos episódios mais grandiosos de tôda a história militar, a famosa Retirada dos Dez Mil. Contou-a em todos os seus pormenores um de seus componentes, Alfredo d'Escagnolle Taunay, mais tarde visconde de Taunay. Foi realizada por pequena coluna comandada pelo coronel Carlos de Moraes Camisão, reunindo, com exemplar espírito de disciplina e sacrifício, remanescentes dos contingentes enviados de São Paulo e Minas, a que se reuniram tropas de Goiás e Mato Grosso, mandadas para socorrer esta província logo no início da guerra. De Nioac, ponto de junção da tropa, retirou-a o coronel Camisão em vista da insalubridade do local, da epidemia da cólera, dos ataques frequentes dos lanceiros paraguaios que não respeitavam feridos e doentes, tendo para isto de atravessar território inimigo. Contou a coluna com o auxilio inestimável do guia Francisco Lopes. Passaram por Dourados, Miranda, Bela Vista e Laguna. Era muito difícil a retirada em vista da falta de recursos, mas Camisão não trepidou em executá-la, escrevendo, assim, uma das páginas mais gloriosas da história militar.

A 8 de maio de 1865, após ter acometido os paraguaios entrincheirados pouco além de Laguna, iniciou Camisão a retirada, em direção à fronteira, na marcha de retôrno. Sómente em 25 atingiram Nioac já muito reduzidos, afrontando chuvas torrenciais, fogo ateadado por vitimar o próprio Camisão e o guia Lopes. A 12 de junho atingiram penosamente a margem esquerda do rio Aquidauana e se comandante, o major Tomás Gonçalves, pôde então escrever na sua ordem do dia um resumo eloquente da façanha que acabavam de realizar:

“Soldados! Honra à vossa constância que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras!”

Em janeiro de 1868, Caxias assumiu definitivamente o comando-chefe aliado e, já no mês seguinte, a esquadra brasi-PÁGINA 186 leira forçava, com sucesso, a passagem de Humaitá, considerada até então inexpugnável.

As contínuas vitórias de Caxias obrigaram Lopez a abandonar a linha do Tebiquari, recuando para a do Paquieiri. Uma ação conjunta entre o exército e a esquadra, planejada por Caxias, rompeu esta nova linha de resistência, trazendo, em consequência, a passagem de Angostura e a possibilidade de atacar Vileta, situada além do arroio de Itororó.

A dezembroada. – Assim se denomina a série fulminante de vitórias de Caxias sobre os paraguaios realizada em dezembro de 1868, iniciada a 6 com a tomada da Ponte de Itororó, após numerosas tentativas. Seguiu-se a vitória de Avaí, onde foi ferido Osório, de bravura épica; a vitória de Lomas Vakentinas, outeiro onde se fortificara Lopez, verificada em 27 do mesmo mês; e a rendição de Angostura a 30. Lopez recusou depor as armas. A 5 de janeiro pôde o nosso comandante entrar em Assunção.

QUARTA FASE COMANDO DO CONDE D'EU

Batido pelas fôrças de Caxias, retirou-se Lopez para as Cordilheiras a leste de Assunção. Muito embora estivéssemos de posse da capital, a continuação da luta se impunha porquanto o

objetivo era a destruição do governo de Lopez e não o domínio do país. Em fevereiro de 1869, nosso ministro dos estrangeiros presente em Assunção, José Maria da Silva Paranhos, organizou um governo provisório para o Paraguai.

Caxias, adoentado, retirou-se do comando, sendo substituído em abril pelo marechal do exército, príncipe Gastão de Orleans, conde d'Eu, casado com a herdeira do trono, princesa imperial D. Isabel.

O conde d'Edu flanqueou as posições de Lopez, obtendo as vitórias de Peribeubí, (12 de agosto) e Campo Grande PÁGINA 187 (16 de agosto). Perseguido ainda, Lopez ocultou-se em local de difícil acesso, na região nordeste do Paraguai. Coube ao brigadeiro José Antonio Correia da Câmara persegui-lo vencê-lo. A 1 de março de 1870 Lopez foi definitivamente batido pelas tropas do coronel Silva Tavares, no acampamento de Cerro Corá, próximo ao Aquidabanigui, afluente do Aquidabã. Negando-se a entregar-se e reagindo à prisão, foi morto por um golpe de lança do cabo de esquadra José Francisco Lacerda, o Chico Diabo.

Somente dois anos mais tarde é que o governo imperial firmou um tratado de paz com o governo imperial firmou um tratado de paz com o governo de Assunção organizado em 1870, graças aos bons ofícios de José da Silva Paranhos, futuro visconde do Rio Branco, que ali se encontrava como ministro dos Negócios Estrangeiros.

APÊNDICE B⁴¹

PROGRAMMA DE ENSINO DE HISTORIA E CHOROGRAPHIA DO BRAZIL

1. Historia do Brazil: Viagens e descobrimentos maritimos dos portuguezes — Descobrimto da America por Christovão Colombo. Vasco da Gama.
2. Descobrimto do Brazil - Seus primeiros exploradores.
3. Povos que habitavam o Brazil na época do seu descobrimto. Ethnographia, lingua e periodo de civilisação dos indios; tabas ou aldêas; usos, armas e costumes dos indios; religião, fórma de governo, guerras, e matança de prisioneiros.
4. Systema de colonisação do Brazil, empregado por D. João III. Capitancias hereditarias.
5. Estabelecimento de um governo geral. Thomé de Souza e Duarte da Costa.
6. Mem de Sá, terceiro Governador Geral.
Divisão do Brazil em dous governos e subsequeute reunião de um só. Dominio da Hespanha. Estado em que se achava o Brazil em 1581.
8. Governo interino da junta Governativa, 1581
Manoel Telles Barreto, 1583 a 1587, Governo interino de uma segunda juta, 1587 a 1591.
9. D. Francisco de Souza, 1591 a 1602. Diogo Botelho, 1602 a 1607.
- 10 D. Diogo de Menezes. Nova divisao do Brazil em dous governos. e subsequeute reuniao em um só. 1617. Os Francezes no Maranao.
11. Primeira invasão dos Hollandezes. Perda e restauração da cidade do Salvador.
12. Segunda invasão hollandeza: perda de Olinda e do Recife. historico da guerra até a tdirada de Mathias de Albuquerque 1630 a 1635.
13. Segundo periodo da guerra hollandeza. desde a retirada de Mathias de Albuquerque até a aclamação de D. João IV no Brazil. 1635 a 1641.
14. Estado do Maranhão das capitancias 1641.

⁴¹ No apêndice B colocaremos os índices e trechos dos programas curriculares que transcrevemos durante esta pesquisa.

- 15, Guerra hollandeza no Brazil, desde a acclamação de D. IV até o rompimento da insurreição pernambucana.
16. Ultimo periodo da guerra hollandeza, desde o rompimento da insurreição pernambucana até a capitulação da Campina do Taborda.
- 17, Paz de Portugal com a Hollanda. Causa da ruina do poder hollandez no Brazil e do triunpho obtido pelos pernambucanos. Resultados da guerra.
18. Erros administrativos no Brazil. Lutas entre os jesuitas os colonos Beckman, 1652 a 1585
19. Destruição dos Palmares, Guerras civis dos Mascates e dos Emboadas.
20. Efeitos no Brazil da guerra da successão de Hespanha Luta com os hespanhóes ao sul. Hostilidades de Duclerc, Duguay-Trouin no Rio de Janeiro. Tratados de Utrecht e de Madrid. 1678 a 1750.
21. Desenvolvimento e progresso do Brazil no reinado de O. João V
22. Reinado de D. José I. Questões e lutas no sul do Brazil. Jesuitas e sua expulsão. O Marques de Pombal.
23. Prineiras idéas da independencia do Brazil, Conspiração mallograda em Minas. O Tira-Dentes.
24. Transmigração da familia real de Bragança para o Brazil. Séde da monarchia portugueza no Rio de Janeiro, 1807 a 1815.
25. Guerra com os hespanhóes ao sul e com os francezes ao do Brazil. Revolução republicana de Pernambuco em 1817
26. Revolução de Portugal 1820: seus efeitos no Eratil. Regresso da Córte Portugueza para Lisboa.
27. Primeiros metes da regencia de D Pedro no Brazil
28. Desde o dia do Fico até o do Ipiranqa: 9 de Janeiro a de Setembro 1822.
29. Acclamação e coroação do primeiro Imperador. Guerra da Independencia
30. Assembléia Constituinte. Juramento da Constituição do Império. Revolução de Pernambuco em 1824. Lord Cchrane no Maranhão. Motins na Bahia. Reconhecimento da Independencia do Brazil por Portugal. Guerra no Rio da Prata. 31. commercio. Medidas legislativas. Revolta de tropas Almirante Roussin. Tumultos em Pernambuco e na Bahia. D. Maria II. A Imperatriz D. Amelia. Abdicação. 7 de Abril de 1831.
32. Governos Regenciaes. Primeira parte. Regencias provisoria e permanente trina.
33. Governos Regenciaes. Segunda parte. Regencia do Senador Padre Diogo Antonio Feijó e do Senador Pedro de Araujo Lima. Declaração da maioria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.
34. Primeiro ministerio depois da maioria. Movimentos em Minas Geraes e em S. Paulo, 1842. Pacificação da provincia do Rio Grande do Sul, 1845. Revolução praieira em Pernambuco, 1848. Guerra no Rio da Prata contra Oribe e Rozas. Tratado de 1856 (6 de Abril) com o Paraguay. Questão Anglo-Brazileira (Christie). Desenvolvimento Industrial, commercial e litterario do Brazil.
35. Guerra contra a Banda Oriental na Republica Oriental do Uruguay, 1864 a 1865. Intervenção indebilidado do dictador Francisco Solano Lopes. Guerra contra o Paraguay, 1864 a 1870. (VECHIA e LORENZ, 1998, p.108)

PROGRAMA OFICIAL DE HISTÓRIA DO BRASIL DE 1951

1) O descobrimento

- I - Os dois ciclos ibéricos de navegação
- II - O Tratado de Tordesilhas
- III - Cabral e o descobrimento
- IV - Controvérsias relativas ao descobrimento do Brasil

2) A formação étnica

- I — O elemento branco
- II— O silvícola brasileiro
- III —O negro
- IV — A obra da catequese

3) A colonização

- I — As primeiras expedições.
- II — As capitanias hereditárias.
- III — Governo geral
- IV — As primeiras cidades
- V — A conquista do Norte e do Nordeste.

4) A expansão geográfica e a defesa do território

- I – As entradas e as bandeiras
- II - Os tratados de limites
- III – Os franceses no Brasil
- No século XVI
- No século XVII
- No século XVIII
- IV- holandeses no Brasil.
- A primeira invasão
- A segunda invasão
- A insurreição Pernambucana

5) O sentimento nacional e a independência

- I - Formação do sentimento nativista; as primeiras lutas; emboabas e mascates
- II - Os movimentos revolucionários
- A revolta de 1720
- A Inconfidência Mineira
- A revolução pernambucana de 1817
- III - D. João VI no Brasil
- Primeira parte
- Segunda parte
- IV — A regência de D. Pedro e o Grito do Ipiranga.

6) O primeiro reinado e o período regencial

- I — A guerra da independência e as agitações internas
- II - A política exterior do primeiro reinado
- III - A abdicação
- IV -As regências

7) O segundo reinado

- I - A maioria
- II - As lutas civis; a ação pacificadora de Caxias.

III - As lutas no Prata
IV - A guerra do Paraguai

8) A evolução nacional no Império
I - O progresso económico e material
II - As ciências, letras e artes
III - A escravidão negra: o tráfico dos escravos
IV - A campanha abolicionista; seu triunfo

9) A República
I - A propaganda republicana
II - A proclamação da República
III - A Constituição de 1891
IV - Principais vultos e episódios da fase republicana
Primeira República
Segunda República.

10) As condições atuais do Brasil
O sentido da política interna
Os rumos da política exterior
A obra de aproximação continental
O progresso geral do país
Vocabulário.
(SILVA, 1959, p. 7 e 8)

PROGRAMA DE HISTÓRIA DO BRASIL QUARTA SÉRIE GINASIAL

I - O DESCOBRIMENTO: 1) Os dois ciclos ibéricos de navegação. 2) O Tratado de Tordesilhas. 3) Cabral e o descobrimento. 4) Controvérsias relativas ao descobrimento do Brasil.

II - A FORMAÇÃO ÉTNICA: 1) O elemento branco. 2) O silvícola brasileiro. 3) O negro. 4) A obra da catequese.

III - A COLONIZAÇÃO: 1) As primeiras expedições. 2) As capitanias hereditárias. 3) Governo geral. 4) As primeiras cidades.

IV - A EXPANSÃO GEOGRÁFICA E A DEFESA DO TERRITÓRIO: 1) As entradas e as bandeiras. 2) Os tratados de limites. 3) Os franceses no Brasil séculos XVI, XVII e XVIII. 4) os holandeses no Brasil.

V - O SENTIMENTO NACIONAL E A INDEPENDÊNCIA: 1) Formação do sentimento nativista; as primeiras lutas; emboabas e mascates 2) Os movimentos revolucionários: a revolta de 1720; a Inconfidência Mineira; a revolução pernambucana de 1817. 3) D. João VI no Brasil. 4) A regência de D. Pedro e o Grito do Ipiranga.

VI - O PRIMEIRO REINADO E O PERÍODO REGENCIAI.: 1) A guerra da Independência e as agitações internas. 2) A política exterior do primeiro reinado. 3) A abdicação. 4) As regências.

VII - O SEGUNDO REINADO: 1) A maioria. 2) As lutas civis; a ação pacificadora de Caxias. 3) As lutas no Prata. 4) A guerra do Paraguai.

VIII - A EVOLUÇÃO NACIONAL NO IMPÉRIO: 1) O progresso económico e material. 2) As ciências, letras e artes. 3) A escravidão negra: o tráfico dos escravos. 4) A campanha abolicionista: seu triunfo.

IX - A REPÚBLICA: 1) A propaganda republicana, 2) A proclamação da República. 3) A Constituição de 1891. 4) Principais vultos e episódios da fase republicana.

X - AS CONDIÇÕES ATUAIS DO BRASIL'. 1) O sentido da política interna. 2) Os rumos da política exterior. 3) A obra de aproximação continental, 4) O progresso geral do País. (SILVA, 1959, p.9)

INDICE VEIGA CABRAL

Ao leitor

Capitulo II — As grandes navegações portuguesas, Descobrimento do Brazil.

Capitulo III -Primeiras explorações

Capitulo III — os aborígenes. Etimologia brasileira

Capitulo IV — Divisão do Brasil em capitánias hereditárias

Capitulo V — Estabelecimento do governo geral. os tres primeiros

Capitulo VI — Divisão do Brasil em dois governos. O quinto governador geral.

Capitulo VII Dominio espanhol do 6º ao 11º governador geral

Capitulo VIII — Primeira invasão holandesa

capitulo IX — Segunda -invasão holandesa até o fim do domínio espanhol

Capitulo X — O Brasil volta ao dominio português. Fim da segunda invasão holandesa

Capitulo XI — Lutas entre jesuitas e colonos. Revolta de Beckam

Capitulo XII — Guerra dos Palmares

Capitulo XIII — Rivalidades entre Brasileiros e Portuguezes. Guerras civis: Emboabas e Mascates

Capitulo XIV — A guerra de sucessão em Espanha. Duclerc e Duguay Trouin .

Capitulo XV — O Brasil no reinado de D. João V. do interior: Bandeiras .

Capitulo XVI — D. José I, O marquez de Pombal e a influencia da sua administração no Brasil

Capitulo XVII — Lutas com os espanhóis no sul. A colonia do Sacramento e as Missões do Uruguay .

Capitulo XVIII — Primeiras ideias de independencia. Conspiração Mineira

Capitulo XIX — Transmigração Brasil. O principe da familia regente real D. de João Bragança para o

Capitulo XX — Revolução pernambucana de 1817 .

Capitulo XXI — Revolução de 1820 em Portugal; seus efeitos no Brasil

Capitulo XXII — Regencia de D. Pedro. Independencia do Brasil

Capitulo XXIII — Acclamação e coroação do primeiro imperador Brasil. Guerra da Independencia

Capitulo XXIV Confederação do Equador. Separação da Provincia Cisplatina

Capitulo XXV A acção da imprensa do exercito. • Abdicação de D. Pedro

Capitulo XXVI — Minoridade de D. Pedro II. Regencia provisoria e efectiva

Capitulo XXVII — A maioria. Lutas civis até 1848

Capitulo XXVIII — Guerra contra Oribe e Rosas. Questão Christie .

Capitulo XXIX Novas lutas no Prata: Aguirre e Venancio Flores. Guerra do Paraguay

Capitulo XXX — Libertação dos escravos .

Capitulo XXXI — Historico das ideias republicanas no Brasil. Proclamação da Republica

.Capitulo XXXII — O governo provisorio

Capítulo XXXIII — O primeiro quadriennio
Capítulo XXXIV — O segundo quadriennio
Capítulo XXXV — O terceiro quadriennio
Capítulo XXXVI — O quarto quadriennio .
Capítulo XXXVII - O quinto quadriennio
Capítulo XXXVIII -O sexto quadriennio
Capítulo XXXIX — O sétimo quadriennio
Capítulo XL O oitavo quadriennio
Capítulo XLI O nono quadriennio
Capítulo XLII O décimo quadriennio
Capítulo XLIII O governo provisório
Capítulo XLIV — O undécimo quadriênio .
Capítulo XLV O Estado Novo .
(CABRAL, 1940, p.356)

ÍNDICE SILVA (1944)

(Os títulos são os das questões do programa oficial)

I – O PRIMEIRO REINADO

- 1) A Guerra da Independência p.9
- 2) As lutas internas p.17
- 3) A Guerra Cisplatina p.22
- 4) A abdicação p.25

II – A REGÊNCIA

- 1) A regência trina p.30
- 2) A regência una: Feijó e Araújo Lima p.35
- 3) A Maioridade p.41

III – A POLÍTICA INTERNA DO SEGUNDO REINADO

- 1) As guerras civis: ação pacificadora de p.43
- 2) Os dois grandes partidos p.56
- 3) A questão Religiosa p.60

IV – A POLÍTICA EXTERNA DO SEGUNDO REINADO

- 1) Ação contra Oribe, contra Rosa e contra p.63
- 2) A questão Christie p.69
- 3) A Guerra do Paraguai: suas causas; principais vultos e episódios p.71

V – A ABOLIÇÃO

- 1) A escravidão negra p.83
- 2) O tráfico dos escravos p.88
- 3) A campanha abolicionista; seu triunfo p.91

VI – O PROGRESSO NACIONAL DO IMPÉRIO

- 1) O progresso econômico: a agricultura, a indústria e o comércio p.100
- 2) Os meios de transporte e de comunicação p.105
- 3) Os grandes serviços urbanos p.105
- 4) As ciências, as letras e as artes p.110

VII – O ADVENTO DA REPÚBLICA

- 1) A propaganda republicana p.117
- 2) A questão militar p.121
- 3) A proclamação da República p.125
- 4) O Governo Provisório p.133
- 5) A constituição de 1891 p.133

VIII – A PRIMEIRA REPÚBLICA

- 1) Os governos republicanos p.137 e 146
- 2) Principais vultos e episódios da Política interna p.155
- 3) A política exterior: Rio Branco p.160
- 4) As maiores realizações administrativas p.166
- 5) Desenvolvimento econômico e cultural p.173

IX – A SEGUNDA REPÚBLICA

- 1) Da Revolução de Outubro ao Estado Novo p.179
 - 2) Getúlio Vargas p.188
 - 3) Sentido da Política interna: organização da unidade e da defesa nacional p.190
 - 4) Os rumos da política exterior p.193
 - 5) Os grandes empreendimentos administrativos p.196
 - 6) Progresso Geral do País p. 199
- (SILVA, 1944, p.7,8)

PROGRAMA DE HISTÓRIA DO BRASIL (1942) QUARTA SÉRIE

Do Primeiro Reinado até o Estado Novo

Unidade I – O Primeiro Reinado: 1.A Guerra da Independência, 2. As lutas internas, 3. A Guerra Cisplatina, 4. A abdicação.

Unidade II – A Regência: 1. A regência trina, 2. A regência una: Feijó e Araujo Lima, 3. A Maioridade.

Unidade III – A Política Interna do Segundo Reinado: 1. As guerras civis: ação pacificadora de, 2. Os dois grandes partidos. 3.A questão Religiosa.

Unidade IV – A Política Externa do Segundo Reinado: 1. Ação contra Oribe, contra Rosa e contra, 2. A questão Christie, 3. A Guerra do Paraguai: suas causas; principais vultos e episódios.

Unidade V – A Abolição: 1. A escravidão negra, 2. O tráfico dos escravos, 3. A campanha abolicionista; seu triunfo.

Unidade VI – O Progresso Nacional do Império: 1.O progresso econômico: a agricultura, a indústria e o comércio, 2. Os meios de transporte e de comunicação, 3. Os grandes serviços urbanos, 4. As ciências, as letras e as artes.

Unidade VII – O Advento da República: 1. A propaganda republicana, 2. A questão militar, 3. A proclamação da República, 4. O Governo Provisório, 5. A constituição de 1891.

Unidade VIII – A Primeira república: 1. Os governos republicanos, 2. Principais vultos e episódios da Política interna, 3. A política exterior: Rio Branco, 4. As maiores realizações administrativas, 5. Desenvolvimento econômico e cultural.

Unidade IX – A Segunda República: 1. Da Revolução de Outubro ao Estado Novo, 2. Getúlio Vargas, 3. Sentido da Política interna: organização da unidade e da defesa nacional, 4. Os rumos da política exterior, 5. Os grandes empreendimentos administrativos, 6. Progresso Geral do País. (VECHIA e LORENZ, 1998, p. 355)

ÍNDICE (1956)

1º PONTO - O Descobrimento

2º PONTO - O Elemento Branco. O Silvícola Brasileiro

3º PONTO - O Negro. A Obra da catequese

4º PONTO - As Primeiras Expedições

5º PONTO - Capitânicas Hereditárias

6º PONTO - O Governo-Geral

7º PONTO - As Primeiras Cidades

8º PONTO - As Entradas e Bandeiras

9º PONTO - Os Tratados de Limites

10º PONTO - Os Franceses no Brasil: Séculos XVI, XVII e XVIII

11º PONTO - Os Holandeses no Brasil

12º PONTO - Formação do Sentimento Nativista

13º PONTO - Os Movimentos Revolucionários

14º PONTO - D. João VI no Brasil

15º PONTO – A Regência de D. Pedro e o Grito do Ipiranga

16º PONTO – A Guerra da Independência e as agitações internas

17º PONTO – Política exterior do Primeiro Reinado

18º PONTO – A Abdicação

19º PONTO – As Regências

20º PONTO – O Segundo Reinado: Ação pacificadora de Caxias

21º PONTO – As Lutas no Prata

22º PONTO – A Guerra do Paraguai

23º PONTO – O Progresso Econômico e Material no Império

24º PONTO – As Ciências, Letras e Artes

25º PONTO – A Escravidão Negra e a Abolição

26º PONTO – A Proclamação da República

27º PONTO – A Constituição de 1891

28º PONTO – Vultos e Episódios Principais: Governos Republicanos

29º PONTO - Vultos e Episódios Principais depois de 1930

30º PONTO – As condições Atuais do Brasil

(HERMIDA, 1956, p.11)

PROGRAMA (Portaria 1045 de 14-12-51)

QUARTA SÉRIE GINASIAL

I - O DESCOBRIMENTO: 1) Os dois ciclos ibéricos de navegação. 2) O Tratado de Tordesilhas. 3) Cabral e o descobrimento. 4) Controvérsias relativas ao descobrimento do Brasil.

II - A FORMAÇÃO ÉTNICA: 1) O elemento branco. 2) O silvícola brasileiro. 3) O negro. 4) A obra da catequese.

III- A COLONIZAÇÃO: 1) As primeiras expedições. 2) As capitanias hereditárias. 3) Govêrno geral. 4) As primeiras cidades.

IV - A EXPANSÃO GEOGRÁFICA E A DEFESA DO TERRITÓRIO: I) As entradas e as bandeiras. 2) Os tratados de limites. 3) Os franceses no Brasil séculos XVI, XVII e XVIII. 4) os holandeses no Brasil.

V - O SENTIMENTO NACIONAL E A INDEPENDÊNCIA: 1) Formação do sentimento nativista; as primeiras lutas; emboabas e mascates 2) Os movimentos revolucionários: a revolta de 1720; a Inconfidência Mineira; a revolução pernambucana de 1817. 3) D. João VI no Brasil. 4) A regência de D. Pedro e o Grito do Ipiranga.

VI - O PRIMEIRO REINADO E O PERÍODO REGENCIAL: 1) A guerra da Independência e as agitações internas. 2) A política exterior do primeiro reinado. 3) A abdicação. 4) As regências.

VII - O SEGUNDO REINADO: 1) A maioria. 2) As lutas civis; a ação pacificadora de Caxias. 3) As lutas no Prata. 4) A guerra do Paraguai.

VIII - A EVOLUÇÃO NACIONAL NO IMPÉRIO: 1) O progresso econômico e material. 2) As ciências, letras e artes. 3) A escravidão negra: o tráfico dos escravos. 4) A campanha abolicionista: seu triunfo.

IX - A REPÚBLICA: 1) A propaganda republicana, 2) A proclamação da República. 3) A Constituição de 1891. 4) Principais vultos e episódios da fase republicana.

X - AS CONDIÇÕES ATUAIS DO BRASIL'. 1) O sentido da política interna. 2) Os rumos da política exterior. 3) A obra de aproximação continental, 4) O progresso geral do País. (HERMIDA, 1956, p.7)

SUMÁRIO

TOMO n II— MONARQUIA E REPÚBLICA

— O Brasil, sede da monarquia portuguesa, interna de D. J050 e seus ministros .

— A abertura dos portos e a economia brasileira

— política exterior de D. João no Brasil

— Constitucionalismo português de 1820, O Brasil na Côrtes de Lisboa — Regência do Príncipe D. Pedro. proclamação da Independência

XLIII — Ministério de José Bonifácio. Guerra da Independência .

— A Constituinte de 1823 e a Constituição de 1824

— Revolução de 1824

- Política exterior do primeiro Reinado

— Política interna do Primeiro Reinado

— Regências Trinas

— Regências do Padre Feijó e Araújo Lima

— Levantes locais e insurreições do período regencial

— Fases do Segundo Reinado, A Maioridade e suas consequências políticas, até 1850

— O Poder Moderador, os partidos políticos e O parlamentarismo

LVIII — Extinção do tráfico de africanos .

— Economia e finanças do Império

— Viação no período monárquico

— Imigração e colonização no período monárquico .

— Política exterior do Segundo Reinado

— Intervenções e campanhas contra Oribe e Rosas .

— Intervenção contra o governo uruguaio de Aguirre

Guerra do Paraguai

— Questão religiosa

— Abolição da escravatura .

— Questões militares. Proclamação da República .

Governo Provisório. Congresso Constituinte e Constituição de 1891

— Política interna da República (1891/1930)

- Política exterior da República— Economia e finanças da República
 - Viação na República
 - Imigração e colonização da República
 - Governo Constitucionais de 1934, 1937
- (VIANNA, 1962, p.5 e 6)